

Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear

Espinho, Esmoriz e Furadouro



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Apresentado ao Departamento de Arquitetura da FCTUC em junho de 2015
Sob a orientação do Professor Joaquim Almeida
Coorientação do Arquiteto António Bebiano
Ana Rita Amorim dos Reis

Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear

Espinho, Esmoriz e Furadouro

AGRADECIMENTOS

Deixo um agradecimento à minha família e amigos que me apoiaram ao longo destes anos, em especial à minha mãe e ao Jaime Ribeiro.

Não posso deixar também de agradecer a todos os que me forneceram elementos e despenderam o seu tempo comigo em prol deste projeto.

Agradeço à Câmara Municipal de Ovar que se colocou de imediato ao dispor, fornecendo cartografia atual, dentro desta instituição foi fundamental a ajuda do historiador António França, que me disponibilizou diverso material cartográfico e bibliográfico sobre as zonas em estudo.

Agradeço ao Atelier Lopes da Costa, com o qual tive o privilégio de estagiar, que disponibilizou elementos gráficos e conteúdos sobre o Furadouro.

Agradeço ao Senhor José Manuel do Museu Municipal de Espinho e ao Dr. Paulo Boto do Arquivo Municipal de Espinho que me disponibilizou material gráfico.

Agradeço ao Senhor Arlindo Costa da Biblioteca Municipal de Ovar e ao geógrafo Miguel Nogueira pela ajuda que me deram.

Por último agradeço ao orientador e coorientador, pelo seu papel na elaboração desta dissertação.

RESUMO

Grande parte da área costeira portuguesa permaneceu praticamente inabitada até meados do século XVIII, podendo ser frequentada por pescadores que o faziam sazonalmente e construía m abrigos provisórios durante a época da safra. A melhoria das condições da atividade piscatória levou à fixação dos pescadores, que implantaram aleatoriamente no areal as suas precárias construções, tendo surgido assim as primeiras marcações de arruamentos naqueles locais.

Mais tarde, chegaram os primeiros banhistas que coabitaram com os pescadores, no entanto, os seus hábitos culturais eram diferentes, o que levou à ocorrência de uma rápida transformação destas zonas de forma a se adaptarem às necessidades destes novos frequentadores, que para além do tempo passado no areal valorizavam as atividades fora deste, tendo despoletado a necessidade de organização do território, assim como de desenvolvimento de novos equipamentos e espaços públicos. A discrepância socioeconómica entre pescadores e banhistas levou a que a mesma zona da costa fosse apropriada de forma diferente por cada um dos intervenientes.

De forma a compreender a relação existente entre a zona ocupada pelos pescadores e a zona balnear foram analisadas três zonas costeiras pertencentes ao distrito de Aveiro – Espinho, Esmoriz e Furadouro, que estão geograficamente próximas e inicialmente tiveram ocupações semelhantes. No entanto, o desenvolvimento de cada zona processou-se de maneira diferente tendo gerado diferentes dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear. Constatando-se que em Esmoriz esta dicotomia é mais acentuada do que nas restantes zonas de estudo.

Palavras-chave: zona piscatória, zona balnear, dicotomia, sistemas arquitetónicos, Espinho, Esmoriz, Furadouro.

ABSTRACT

Most of the Portuguese coastal area remained virtually uninhabited until the middle of the 18th century, being visited seasonally by fishermen who constructed temporary shelters during the harvest season. The improvement of fishing activity led to the permanent stay of the fishermen who in turn, built random precarious constructions in the area which led to the emergence of the first street markings in those places.

Later, the first beach goers that coexisted with the fishermen came. Their cultural habits however were different, which led to a rapid transformation of these areas in order to adapt to these new needs. Aside from the time spent in the area they also valued activities outside of the area. This triggered the need for some organization of the territory, as well as development of new equipment and public spaces. The socio-economic gap between fishermen and bathers led to different appropriations of this same coastal area by these two distinct parties.

In order to understand the relationship between the area occupied by fishermen and the bathing area three coastal areas belonging to the district of Aveiro - Espinho, Esmoriz and Furadouro were analyzed. These cities are geographically close and had very similar occupancies. However, the development of each area was handled differently therefore generating a different dichotomy between the fishing areas and the bathing areas; in Esmoriz, this dichotomy is more noticeable than in the other areas that were studied.

Keywords: fishing zone, bathing zone, dichotomy, architectural systems, Espinho, Esmoriz, Furadouro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 FAIXA COSTEIRA: ESPINHO, ESMORIZ E FURADOURO	11
1.1 Da Ria de Aveiro para o Mar	13
1.1.1 As artes da pesca na costa	15
1.2 A comunidade piscatória no século XX	23
2 ESPINHO	27
2.1 Considerações Gerais	27
2.2 Transformações na zona piscatória	33
2.3 Reflexões sobre a zona piscatória	47
2.4 Transformações na zona balnear	51
2.5 Reflexões sobre a zona balnear	65
2.6 Síntese gráfica das transformações urbanas	69
3 ESMORIZ	73
3.1 Considerações Gerais	73
3.2 Transformações na zona piscatória	79
3.3 Reflexões sobre a zona piscatória	89
3.4 Transformações na zona balnear	93
3.5 Reflexões sobre a zona balnear	103
3.6 Síntese gráfica das transformações urbanas	107

4 FURADOURO	111
4.1 Considerações Gerais	111
4.2 Transformações na zona piscatória	117
4.3 Reflexões sobre a zona piscatória	129
4.4 Transformações na zona balnear	133
4.5 Reflexões sobre a zona balnear	145
4.6 Síntese gráfica das transformações urbanas	149
EPÍLOGO	153
BIBLIOGRAFIA	165
FONTES DE IMAGENS	177

INTRODUÇÃO

A atividade marítima está desde cedo intimamente ligada à cultura portuguesa, tendo desempenhado um papel primordial na nossa história – exemplo maior desse papel são aos descobrimentos, onde os portugueses foram pioneiros.

A pesca sempre foi um importante motor na economia nacional e levou ao desenvolvimento de outras atividades, como a indústria de conservas, a produção de sal, a construção naval, a manufatura de cabos e redes, entre outras; desempenhando também um papel importante na exportação. Para além disso, o facto de grande parte do transporte de mercadorias e de passageiros ter sido feito pelo mar até meados do século XX contribuiu para reforçar a sua importância na nossa história.¹

Joana Gaspar de Freitas considera na sua tese «O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)», que no litoral existem espaços “abertos” e “abrigados”², sendo estes últimos - as zonas lagunares e os estuários, que eram mais atrativos pelo facto de serem mais acessíveis à prática da pesca e do comércio, enquanto que nos espaços “abertos” a fixação era adversa. A população costeira era forçada a combater os ataques de pirataria que assolavam a costa com roubos, pilhagem, raptos e violações; e em mar destruição de naus e pequenas embarcações. Os temporais e os galgamentos pioravam ainda mais a situação destruindo as habitações e impossibilitando a pesca e a agricultura. A agricultura, por si própria, já era difícil de executar nestas zonas uma vez que os solos eram estéreis devido à escassez de água doce, ao efeito de salsugem marítima e ao transporte de areia pelos ventos para os campos. Nestas zonas do litoral existiam ainda outras dificuldades, como as elevadas temperaturas, a difícil locomoção na areia, a falta de caminhos e por vezes o afastamento da população mais próxima. A acrescentar a todas estas adversidades, existiam também os naufrágios que eram frequentes e os mitos que

¹ Freitas, J. G. (2010). O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990). (Tese de Doutoramento), Departamento de História - Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa, Portugal, pp.84-87.

² Ibidem, pp.43-44.

amedrontavam e desolavam a população, fazendo com que estas zonas fossem na sua maioria temidas até ao século XVIII³.

Devido à importância do território costeiro na pesca, no comércio e na defesa nacional, a monarquia concedia privilégios aos que se estabelecessem em zonas estratégicas, pois o povoamento na costa era desigual, havendo alguns grandes aglomerados populacionais, enquanto o restante território costeiro permanecia praticamente desertificado ou apenas era frequentado por pescadores⁴ que o faziam de forma sazonal recorrendo a abrigos temporários e construindo posteriormente os palheiros⁵ com recurso a materiais de fácil acesso, como a madeira e o colmo.

Território ignorado e evitado, durante muitos séculos, o litoral permaneceu entregue aqueles que se dedicavam à pesca, à navegação de cabotagem ou à defesa da fronteira marítima, até ao despertar do desejo colectivo da praia, fenómeno que se iniciou em Inglaterra e França a partir meados do século XVIII e um pouco mais tarde em Portugal (segunda metade do século XIX). (Freitas, 2007, p. 106)

O turismo balnear surgiu inicialmente como prática da aristocracia e da família real⁶, que procuravam os banhos terapêuticos⁷ prescritos pelo médico, durante a época de verão e outono, para uma melhoria do sono e do apetite, bem como para a cura de diversas maleitas como o linfatismo, anemia, depressão e o raquitismo infantil. Este aumento de preocupação com o corpo deveu-se ao receio de enfraquecimento do organismo, provocado pelas condições poluentes da cidade industrial, tendo fomentado a deslocação à praia. A ida a banhos era facilitada através do auxílio dos banheiros⁸, sendo que esta

³ Freitas, J. G. (2010). *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)*. (Tese de Doutoramento), Departamento de História - Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa, Portugal, p.43.

⁴ *Ibidem*, p.54.

⁵ Palheiros é a designação dada à habitação dos pescadores. Segundo o escritor Ernesto Oliveira no livro «Palheiros do litoral Central Português», os palheiros vigoraram até 1964, altura em que pela divulgação do fabrico local de blocos de cimento e areia ou pela proibição de reparação dos palheiros por parte das autoridades públicas, entraram em decadência fazendo deles uma ruína.

⁶ Em Portugal verificou-se uma maior afluência ao litoral, na segunda metade de oitocentos quando a corte se mudou para Cascais durante o Verão.

⁷ Esta visão terapêutica do mar persistiu até meados do século XX.

⁸ Muitos dos banheiros eram pescadores devido conhecimento que tinham do mar.

prática ocupava apenas parte da manhã, tendo por isso surgido atividades, espaços e equipamentos públicos que permitiam ao banhista desfrutar das restantes horas vagas, tendo sido criada uma cultura balnear fora do areal. A deslocação à praia tornou-se moda e foram transportados modelos de sociabilidade para estas zonas.

No livro «Palheiros do litoral Central Português», é descrita a chegada das “gentes que vão aos banhos”:

De entrada em pequeno número e de gosto simples, elas apoiavam-se nas instalações dos pescadores, aí estabelecidos em primeiro lugar, vivendo a temporada nos seus próprios palheiros ou em outros semelhantes, que aqueles construía para lhes alugarem, ou que eles adquiriam ou erguiam nas mesmas condições, sem em nada modificarem a fisionomia essencial das povoações.(Oliveira & Galhano, 1964, p. 13)

Em 1865 a praia passou a fazer parte “(...) do Domínio Público Marítimo que a vinha confirmar como espaço público e democrático, ao alcance de todos (...)”(Lobo, 2012b, p. 263), no entanto, apesar desta democratização, os banhistas continuavam a ser na sua maioria provenientes de uma classe social mais abastada. O número de turistas, foi aumentando com o incremento da construção de estradas, com o melhoramento de algumas já existentes e com surgimento do caminho de ferro. As estações do caminho de ferro foram determinantes para a promoção do turismo balnear, tendo levado ao desenvolvimento de algumas estâncias balneares. Surgiram nos finais do século XIX/início do século XX diversas estâncias balneares, nas quais a construção foi um “Processo que, pela especificidade da implantação, pela novidade do programa e pela temporalidade daquela prática, implicou a formulação de modelos próprios, de ordenação territorial e de expressão arquitectónica, na definição da imagem da estância e do território balneares.” (Lobo, 2012a, p. 20).

Gradualmente foi dada uma grande importância às zonas costeiras, que passaram a ser aclamadas pela imprensa e a estar também associadas a questões estéticas; progressivamente as tendências foram-se modificando e o bronzado passou a ser apreciado, enquanto a falta dele simbolizava impossibilidade económica para a deslocação à praia ou doença.

O desenvolvimento destas zonas como estâncias balneares levou a um maior ordenamento, tendo tido implicações nas populações primitivas que, aliado à substituição da madeira por novos materiais mais baratos e resistentes, conduziu à extinção dos palheiros, por se encontrarem desenquadrados na nova cultura e por falta de manutenção. Os pescadores “(...) foram sucessivamente empurrados para as franjas periféricas dos novos espaços urbanos, à medida que as actividades piscatórias iam sendo secundarizadas frente à afirmação da feição balnear dos pequenos aglomerados.” (Freitas, 2010, p. 136)

No ano de 1934, o ministro Duarte Pacheco⁹ implementou a lei dos Planos Gerais de Urbanização (decreto lei n.º 24.802 de 21 de dezembro), que inaugurou a legislação urbanística portuguesa, com o objetivo de promover planos gerais de urbanização para os núcleos considerados de interesse¹⁰. As estâncias balneares foram um dos principais alvos de intervenção, que “(...) pressupunham três aspectos fundamentais: o desaparecimento ou a alteração significativa do edificado preexistente, a organização em função do mar e a construção de uma frente marítima urbana.” (Freitas, 2010, p. 144) Para além desta medida, durante a vigência do Estado Novo, foram implantadas várias políticas paternalistas, nomeadamente através da criação de instituições corporativas, como os Sindicatos, as Casas do Povo ou as Casas dos Pescadores, que facultavam apoio social em troca da abnegação do poder reivindicativo das classes laborais. Destas políticas resultou a proliferação de vários bairros piscatórios ao longo da costa nacional.¹¹

Após a queda do Estado Novo foi criado o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) que se tratava de um projeto com o intuito de fazer face aos problemas das populações desfavorecidas; neste âmbito foram realizados alguns projetos de construção social que abrangeram algumas comunidades piscatórias. As políticas para a erradicação das barracas que visavam a melhoria do espaço urbano continuaram a surgir, tendo sido criado, em 1993, o Programa Especial de Realojamento (PER) que promoveu o

⁹ Ministro das obras Públicas e das Comunicações no Governo de Salazar.

¹⁰ Turísticos, recreativos, climáticos, terapêuticos, espirituais, históricos ou artísticos.

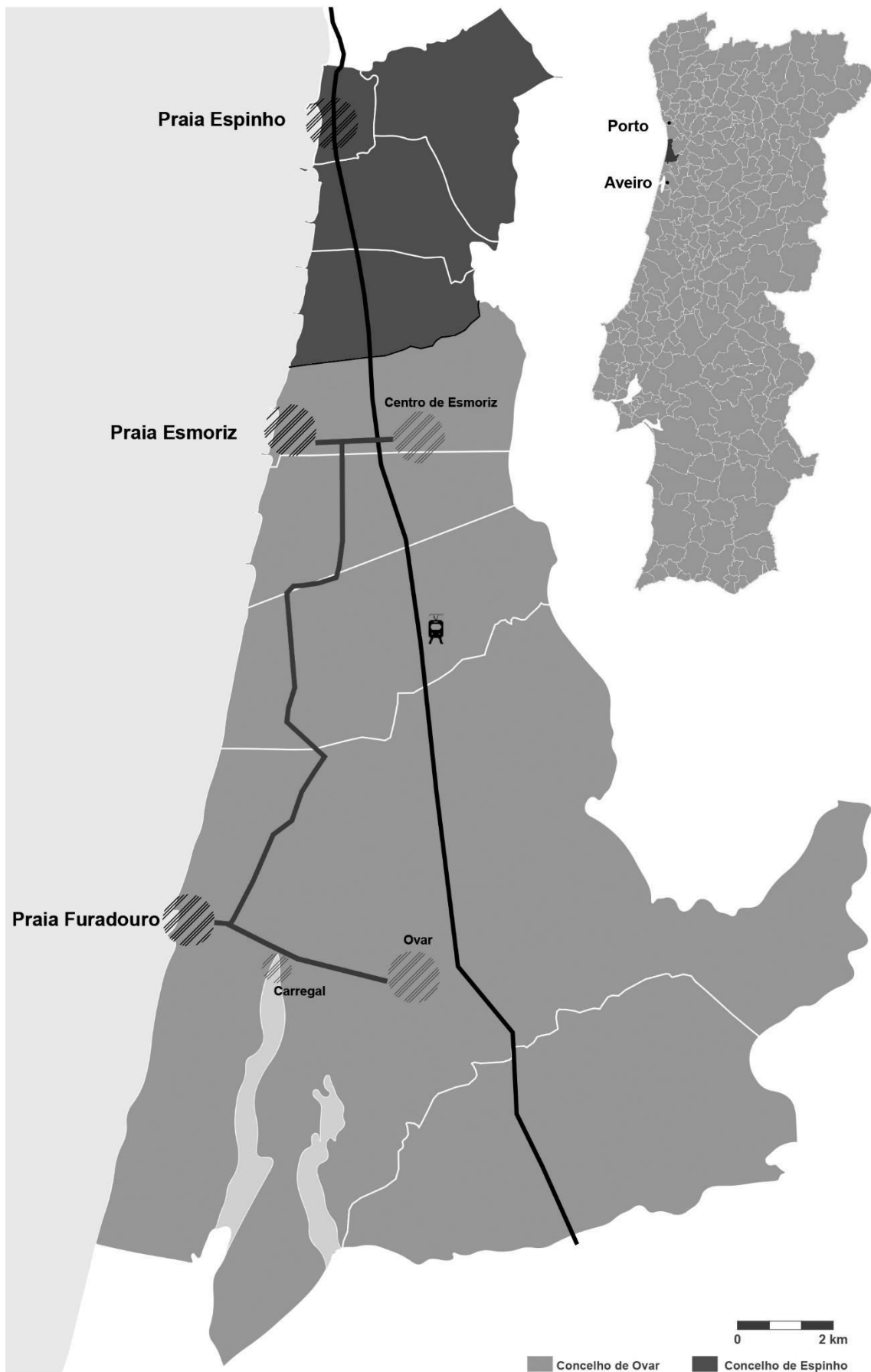
¹¹ Ramos, R., & Silva, P. (2013). *Comunidades Piscatórias: do legado da arquitetura popular às estratégias habitacionais do Estado Novo*. Relatório apresentado no Colóquio Internacional Arquitectura Popular, Arcos de Valdevez, p.6.

realojamento de agregados familiares carenciados dos quais faziam parte vários pescadores.

Ao longo dos tempos com a evolução da sociedade os tempos livres passaram a ter mais importância no quotidiano das pessoas, tendo ocorrido uma diminuição das horas de trabalho semanais e uma melhoria a nível de remuneração e rendimentos, passando inclusive as férias a serem remuneradas após o 25 de abril, com conseqüente melhoria no poder de compra. Estas medidas aliadas ao melhoramento dos transportes levaram ao surgimento do turismo de massas, que teve uma grande influência sobre estas zonas costeiras, tendo gerado uma construção desenfreada e mal organizada, como descreve o arquiteto Nuno Portas no início dos anos 90:

As novas formas de ocupação dos espaços costeiros seguiram de uma forma geral os processos e as receitas das urbanizações (ou suburbanizações) metropolitanas que caracterizam o mau crescimento e renovação urbana do último meio século derivadas quer dos modelos da «cidade-jardim» quer dos «blocos sortidos», crescendo em bocados separados para a pouco e pouco se amalgamarem. (Portas, 1991, p. 91)

O litoral português que em tempos era desertificado passou a ser massivamente ocupado, em prejuízo da ocupação do interior. Para esta transformação do litoral contribuíram os pescadores e os banhistas que possuindo diferenças socioeconómicas, tiveram implicações diferentes no território gerando uma dicotomia.



1| Localização das zonas de estudo.

1 | FAIXA COSTEIRA: ESPINHO, ESMORIZ e FURADOURO

Para analisar a dicotomia existente entre a zona piscatória e a zona balnear vão ser analisadas três diferentes zonas da costa - Espinho, Esmoriz e Furadouro que pertencem ao distrito de Aveiro; tratam-se de zonas da costa sem inclinação acentuada nem maciços rochosos e cujos ventos predominantes são de noroeste. Espinho é um concelho, enquanto Esmoriz e Furadouro pertencem ao mesmo concelho - concelho de Ovar; Espinho e Ovar tratam-se de dois concelhos fronteiriços. Enquanto que Espinho e Esmoriz são cidades, o Furadouro é um polo da cidade de Ovar. Tratam-se de zonas que estão geograficamente próximas e que foram ocupadas pelos pescadores. Próximo destes territórios, a norte, localiza-se a segunda cidade mais importante do país, o Porto, e a sul, a cidade de Aveiro, cuja ria chega a Ovar no Carregal. (Imagem 1)

Estas três zonas da costa têm em comum o problema da erosão costeira, que afeta tanto a população como o seu património arquitetónico, pondo em risco a permanência destas comunidades tão próximas da costa.

Em cerca de cem anos, como consequência das correntes induzidas pela construção dos primeiros molhes de proteção da nova estrutura portuária construída trinta quilómetros a norte sobre os Leixões da foz do rio Leça, em Matosinhos, as praias de Espinho e Furadouro foram comidas em cerca de duzentos metros, desaparecendo palheiros de madeira e capelas de adobe, enquanto a duna primária ia recuando constantemente. (Tavares, 2012, p. 25)



2| Linha provável da costa no século XIII.

1.1 | Da Ria de Aveiro para o Mar

Segundo registos anteriores ao século XIII a ria de Aveiro nem sempre existiu. A costa seguia uma linha em parte coincidente com a atual via-férrea de Espinho ao Vouga, chegando até perto do atual centro de Ovar¹². Como descreve o historiador Miguel de Oliveira “Numerosos contratos do século XII e as Inquirições do século XIII mostram que as marinhas vinham até perto do actual centro da vila e ocupavam larga área para sul e poente.” (Oliveira, 2007, p.2) (Imagem 2)

Os ventos e as correntes marítimas provocaram a acumulação de areias junto à linha de costa que formava uma reentrância nesta zona, originando uma nova faixa litoral quase retilínea. Localidades que ficavam na costa passaram a ser banhadas pela ria. No século XII a barra estava na Torreira, seis séculos mais tarde encontra-se em Mira. À medida que a barra se ia deslocando para sul, as águas a norte deixavam de ser renovadas, chegando o seu curso a ficar obstruído pelas areias, provocando inundações que alagavam os campos, e levavam à interrupção do tráfego marítimo¹³, que era fundamental para o transporte de pescado até Aveiro¹⁴. Para além disso, as águas da ria deixaram de ser renovadas pelas marés tendo perdido assim o teor de sal, que levou ao desaparecimento de espécies de água salgada, arruinando a pesca na ria. As consequências desta água estagnada e insalubre instalaram a fome nesta população, favorecendo o aparecimento de várias maleitas como o paludismo e a peste, causando a morte de muita gente. Situação que se manteve até ao início do século XIX.¹⁵ A decadência da ria levou os pescadores de Ovar, que desde o século XI¹⁶ pescavam naquelas águas, em direção à zona de costa mais

¹² O núcleo primitivo de Ovar foi Cabanões.

¹³ No livro «A safra» os autores referem que “Aveiro perde quase toda a sua frota e em finais do século XVIII a cidade tem 1400 casas abandonadas e pardieiros em ruínas.” (Lopes & Lopes, 1995, p. 27)

¹⁴ Como refere Inês Amorim, docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Aveiro era o “(...)centro de todo um vasto espaço administrativo e porto comercial significativo, não obstante os problemas sentidos ao longo do século XVIII com o assoreamento e a deslocação da barra, somente fixada em 1808.” (Amorim, 2001, p.88)

¹⁵ Sarmento, C. (2008). *Cultura Popular Portuguesa: Práticas, Discursos e Representações*. Porto: Afrontamento.

¹⁶ Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento, p.106.

próxima, o Furadouro, obrigando os pescadores a adaptarem os seus barcos e redes à pesca marítima.

1.1.1 | As artes da pesca na costa

Quando os pescadores de Ovar se deslocaram para a costa a sardinha era abundante, mas a vila de Ovar era pequena para escoar o pescado. Essa falta de compradores por vezes levava a que o peixe apodrecesse na praia ou então fosse vendido a um preço baixo aos lavradores para adubarem a terra. Por esse motivo os vareiros¹⁷ espalharam-se pela costa aproximando-se dos mercados do Porto e de Aveiro. Só a partir do século XVIII é que estes pescadores se fixaram nos lugares em que pescavam, até então voltavam para Ovar após a safra.¹⁸

Pode dizer-se que, em todo o litoral entre Douro e Vouga, os pioneiros da faina marítima e os iniciadores do povoamento foram os pescadores de Ovar. Não lhes bastando o trabalho no Furadouro, estabeleceram colónias ao norte, nomeadamente em Espinho, e a sul iam lançar redes em frente de S. Jacinto e da Torreira. Eram eles quem tinha a experiência das artes da pesca, da manufactura das redes e da construção dos barcos. (Lopes & Lopes, 1995, p. 22)

Inicialmente os pescadores praticavam a sua arte com os chinchorros¹⁹, porém em meados do século XVIII, o chinchorro foi substituído pela arte xávega.²⁰

A chegada a Ovar em 1776, do francês Jean Pierre Mijoule juntamente com alguns catalães foi fundamental para o desenvolvimento de novas técnicas de salga e da pesca, das quais estes eram profundos conhecedores, tendo instalado no Furadouro uma fábrica de conservas de sardinha denominada de Fábrica do Estrangeiro. O francês, conhecedor de novas técnicas de salga, queria preservar em segredo o processo que utilizava para a conservação do peixe, contudo os pescadores conseguiram descobrir e espalharam

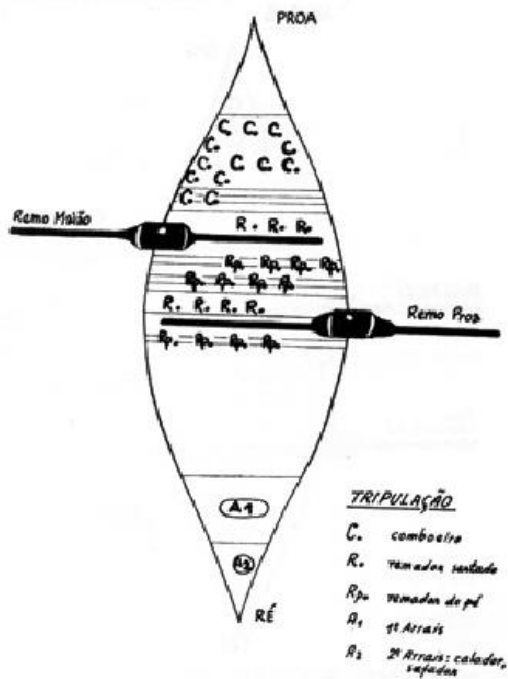
¹⁷ Gente de Ovar.

¹⁸ Lamy, A. S. (2001a). *Furadouro: uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro, p. 15.

¹⁹ São redes de arrastar para terra parecidas com as da arte xávega, mas mais pequenas, estas eram transportadas num barco do mar ou saveiro (meia-lua).

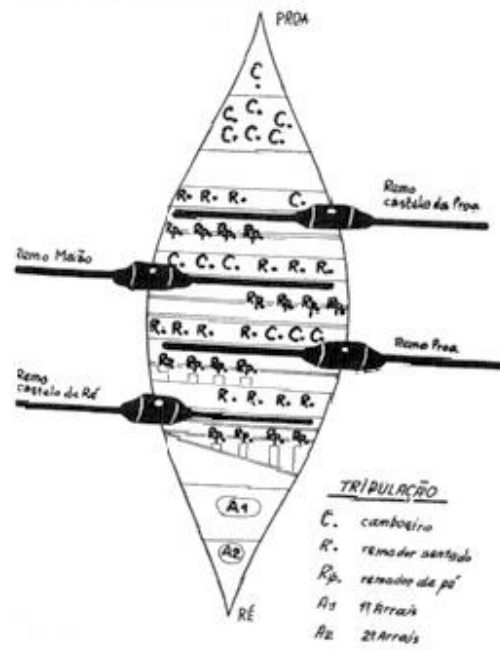
²⁰ No livro «A Safra», os autores referem que no início do século XVIII havia uma dúzia de companhias de Chinchorro entre Espinho e São Jacinto.

XÁVEGA: 2 REMOS

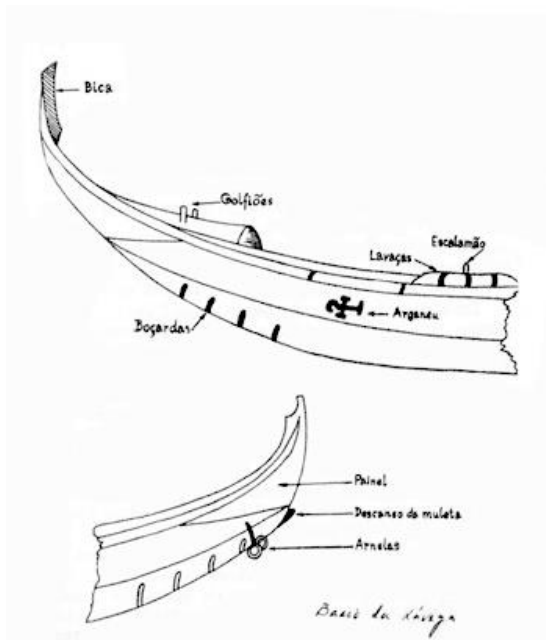


3| Barco da arte xávega: 2 Remos.

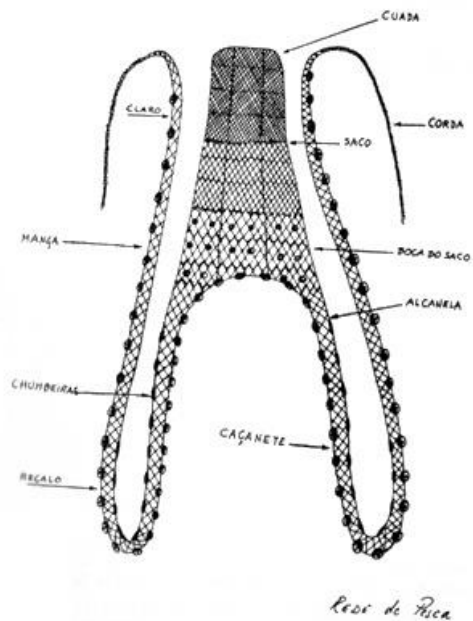
XÁVEGA: 4 REMOS



4| Barco da arte xávega: 4 Remos.



5| Barco da arte xávega.



6| Rede de pesca da arte xávega

esse conhecimento por toda a costa. Com os catalães aprenderam a arte xávega²¹, que permitia entrar mais longe no mar aumentando a quantidade e a qualidade da pesca.

Nesta nova arte tiveram que utilizar barcos maiores, pois era necessária mais força para transportar a rede, o que obrigou a um aumento da mão de obra. Estes fatores, associados à proibição da venda de sardinha aos galegos na nossa costa, imposta pelo Marques de Pombal, desenvolveram o comércio local associado à pesca. A costa passou cada vez mais a servir de residência fixa.

A arte xávega para os pescadores desde Espinho a Mira era a atividade fundamental que consistia essencialmente na apanha da sardinha por arrasto. Esta atividade durava cerca de 8 meses desde abril até ao natal²². Os barcos²³ continham a proa alta e pontiaguda, sem quilha²⁴, podendo ser de 4 remos ou de 2 remos, no entanto em Espinho só eram utilizados os barcos de 2 remos. A tripulação podia ir desde os 34 aos 46 homens. (Imagens 3; 4 e 5)

Os barcos eram lançados ao mar compondo-se “(...) dum aparelho de pesca de arrasto, também chamado varredor, com uma rede de malha apertada e quadrangular, que termina num saco de bitola reduzida.” (Laranjeira, 1984, p. 399) (Imagem 6) Nas extremidades da rede existiam duas cordas, uma era deixada em terra, a outra era levada para o mar. Após o lançamento da rede o barco retomava à praia trazendo a outra extremidade da corda. Com a embarcação já em terra as cordas eram presas às juntas de

²¹ Alguns autores acreditam que a arte xávega tenha surgido anteriormente à chegada destes catalães. Inês Amorim, no artigo «Relações de trabalho e gestão pesqueira nos séculos XVIII e XIX - a pesca da xávega na praia do Furadouro (Costa de Aveiro)» afirma que “(...) as novas “artes” (...) foram introduzidas em 1751 em Aveiro, Ílhavo e Furadouro, na costa de Aveiro, ao mesmo tempo que na Galiza e Andaluzia.(...) as relações com a Galiza através do comércio do sal das marinhas de Aveiro, permitiam que os catalães, associados ou não a galegos, se tivessem deslocado a estas costas, transportando as novas técnicas, ou então, que a gente da costa de Aveiro, neste processo de mobilidade à Galiza, introduzisse as novas redes (Amorim, 1997, 507)” (Amorim, 2001, p.91)

²² Brandão, R. (1990). *Os pescadores*. Porto: Porto Editora, p.69.

²³ Na zona norte de Portugal a rebentação era forte, por isso tiveram que erguer a popa e a proa dos barcos. Inicialmente era usado um único barco na safra, nos finais do século XIX deixaram de usar uma embarcação e passaram a usar duas, devido ao avultado peso da corda, no século XX voltam a utilizar um único barco, pois passaram a usar redes mais pequenas e cordas mais finas.

²⁴ A quilha é uma peça estrutural do casco da embarcação, que está colocada na parte inferior, estende-se desde a popa à proa.



7 | Transporte da rede de pesca no Furadouro.



8 | A praia do Furadouro em 1954: pescadores alando o barco com ajuda dos bois.

bois²⁵ que auxiliavam na recolha da rede, assemelhando-se deste modo a um trabalho agrícola. Primitivamente a alagem da rede era feita por homens, mulheres e crianças ao som dos tambores (Imagem 7); posteriormente com a introdução do gado na alagem das redes, passam a estar envolvidos menos homens na pesca. (Imagem 8)

Quando as águas estavam calmas, deixavam os barcos da xávega e passavam a deslocar-se nas bateiras²⁶, utilizando as mugigangas e capturavam, o caranguejo, a faneca, o polvo, o camarão e o linguado. A libertação dos bancos arenosos dos caranguejos através da sua captura era importante para os pescadores, pois estes afugentavam a sardinha e após a sua captura serviam para adubagem dos terrenos agrícolas.

Em finais do século XIX trabalhavam nas companhas de arte xávega mais de 7000 pessoas em Portugal, sem contar os restantes trabalhadores que viviam à conta da pesca.²⁷ Com a evolução tecnológica esta arte caiu em desuso, sobretudo após 1913 com a autorização da pesca em traineiras²⁸ e barcos a motores²⁹. Mais tarde, foram colocadas sondas de localização nestes barcos, facilitando a localização de cardumes, resultando no aumento da captura de peixe e arrasando com a arte xávega, que permanecia com as técnicas antigas.

Com a Primeira Guerra Mundial houve um aumento significativo do consumo de conservas que levou ao incremento das exportações, tendo sido Portugal um grande produtor. Esta zona da costa em estudo estava associada às indústrias conserveiras, existindo uma fábrica de conservas em Espinho e no Furadouro, para onde grande parte do peixe capturado, próximo destes locais, era escoado. Posteriormente, com a depressão dos anos 30 muitas fábricas foram à falência, incluindo as referidas anteriormente, e

²⁵ No livro «A Safra» vem referido que “(...) os primeiros a meter bois terão sido os de Esmoriz”.(Lopes & Lopes, 1995, p. 64) Esta prática terá iniciado por volta de 1870, segundo consta no livro «Palheiros do Litoral Central Português». As referências indicam que no Furadouro o gado foi introduzido em 1884 enquanto em S. Jacinto já existia desde 1880; o que reforça a ideia de que Esmoriz terá sido o pioneiro neste sistema de alagem. Em algumas praias as empresas compravam os bois e após a época da safra voltavam a vendê-los, enquanto outras remuneravam os lavradores que vinham trabalhar para a praia durante esta época. A puxada de redes era feita com cerca de 10 juntas de bois.

²⁶ Também designadas de mugigangas (designação dada às redes) ou chinchorros.

²⁷ Lopes, H., & Lopes, P. N. (1995). *A Safra*: Livros Horizonte, p.7.

²⁸ As traineiras pescam junto à costa, o que prejudica a arte xávega.

²⁹ Nos barcos a motor a pesca perpetua-se a uma maior distância da costa e a alagem das redes é feita para bordo.



9| Alagem do barco na atualidade.



10| Recolha do peixe na atualidade.

muitos pescadores da xávega começaram a migrar para as traineiras.³⁰

Cerca dos anos 60 acabaram as companhas grandes, os pescadores mandaram fazer barcos mais pequenos de dois remos, nos quais colocaram motores e começaram a alar as redes com tratores, que levou a uma redução significativa de pessoas na companha, tanto no mar como em terra. (Imagens 9 e 10) Nos anos 80 a crise da pesca do alto mar levou a que alguns bacalhoeiros comessem a encostar no porto de Aveiro e voltassem às companhas da xávega.³¹

A decadência da arte xávega está associada à industrialização da pesca. Desapareceram os armazéns de ressalva e as fábricas de conserva de sardinha enlatada em azeite, passando o peixe a ser conservado em gelo e transportado em camiões frigoríficos. Atualmente as poucas companhas que existem envolvem cerca de uma dúzia de pessoas, tanto em terra como no mar. Muitos pescadores optaram por mudar de estilo de vida, trabalhando na indústria, mudando-se para as traineiras de Matosinhos, para a margem do Tejo ou para a pesca do bacalhau.³²

Atualmente são poucas as companhas que trabalham em Espinho, Esmoriz e no Furadouro; em cada zona trabalham aproximadamente duas companhas³³.

³⁰ Lopes, H., & Lopes, P. N. (1995). *A Safra*: Livros Horizonte, p.92.

³¹ No livro a «Safra» os autores afirmam “Depois vem a crise da pesca do alto, no anos 80. Os bacalhoeiros começam a encostar no porto de Aveiro e o pessoal que andava embarcado ocorre às companhas da xávega. Na costa norte montam-se muitas companhas novas.”(Lopes & Lopes, 1995, p. 93)

³² Lamy, A. (2001a). *Furadouro: uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro, p.42.

³³ Esta informação foi cedida pela comunidade local.



Terra de Siena queimada



Terra de Siena crua



Óxido de ferro vermelho



Óxido de ferro verde



Azul-cal ou azul ultramar



Óxido de ferro amarelo

11| Cores típicas dos antigos palheiros produzidos nesta zona da costa.



12| Pescadores de Espinho a concertarem a rede no início do século XX.

1.2 | A comunidade piscatória no século XX

A comunidade piscatória começou a ocupar os espaços costeiros em meados do século XVIII. Apesar de ser um local algo inóspito, construíram aqui os seus armazéns de apoio à pesca, uma capela e as suas humildes habitações de madeira, designadas de palheiros. A madeira usada nos palheiros, geralmente pinho³⁴, já naquele tempo levava tratamento para ficar mais resistente e não ser atacada pelo caruncho. Nas partes em que a estrutura era enterrada na areia, colocavam sal que impedia que esta apodrecesse pela humidade. Para além disso, a madeira dos palheiros era pincelada com sil³⁵ (óleo de sardinha), que se dissolvia em corantes³⁶, dando um tom vermelho acastanhado na maioria dos palheiros mais antigos, podendo também apresentar tons de óxido de ferro vermelho, o verde e o azul ultramar. O ar do mar e o sil tornavam a madeira resistente.³⁷ (Imagem 11)

Os hábitos culturais desta comunidade assentavam muitas vezes em crenças religiosas, sendo fortes adeptos de romarias e práticas cristãs. Uma das principais características deste povo é falar com um tom de voz elevado, hábito adquirido no mar para um melhor entendimento entre eles, trazido para terra.

O homem de “camisa axadrezada, garrida, calça comprida, afunilada na canela, normalmente escura e presa à cinta por meio duma faixa de lã ou de algodão, com duas voltas à cintura, com uma das pontas um pouco abaixo da coxa. Ao ombro esquerdo repousa o barrete ou carapuça negra, rematada por um tufo de lã.” (Laranjeira, 1984, p. 265) Geralmente andava descalço, “(...) dá as “ordes” necessárias, bebe uns tintos com o naco de broa e a posta de peixe, cuida da rede e dos demais apretechos de pesca (...)” (Laranjeira, 1984, p. 275) (Imagem 12)

³⁴ A madeira de pinho era utilizada nos palheiros, pois era o material a que tinham acesso mais facilmente.

³⁵ Tinha um cheiro nauseabundo, não necessitava de secante, demorava bastante tempo a secar. Mesmo passados bastantes anos essa madeira ao ser queimada libertava o odor do sil. Com o fabrico das tintas de esmalte, as tintas artesanais deixaram de ser utilizadas e com a extinção da salga da sardinha deixou de se extrair o sil.

³⁶ Essencialmente terra de Siena queimada. A terra de Siena crua era usada para abrir mais a cor.

³⁷ Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento, p.21.



13| Escolha da sardinha na praia de Espinho no início do século XX.

Enquanto a mulher tratava desde as tarefas domésticas do palheiro ao preparo e venda do peixe, assim como outras necessárias. Esta é caracterizada no livro «Os pescadores»:

Em resumo, a mulher trabalha mais do que o homem – trabalha o dobro do homem. (...) Vejo-as aos grupos, à espera que saia a rede ou à roda de um fogaréu onde assam as batatas. Vejo-as, num carreiro de formigas, subindo e descendo o areal, altas e direitas, do hábito de carregar o gigo à cabeça, ou à volta do saco, haste bem lançada para o céu, sempre vestidas de escuro e o lindo chapelinho sobre o lenço. (Brandão, 1990, p. 89) (Imagem 13)

A jorna dos pescadores era árdua, cedo se faziam ao mar e através dos ganhos do seu trabalho procuravam sustentar as suas famílias. Quando terminava a safra, os pescadores procuravam nos pinhais lenha e pinhas para venderem, de forma a complementarem os seus ganhos, dados os seus escassos recursos³⁸.

Uma outra forma de garantir a subsistência era a extração de areia, realizada por grupos familiares de pescadores e que era transportada em canastras ou caixotes à cabeça. Esta prática está documentada no Furadouro, no livro «Do mar e da terra: palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar», especulando-se que também tenha ocorrido em Espinho e Esmoriz.

³⁸ Esta população tinha uma alimentação precária, comia peixe quando havia, senão comia caldo de legumes ou de unto, vinho e pão de milho.



14| Praia de Espinho em 1911: saída dos pescadores para a pesca da sardinha.



15| Praia de Banhos de Espinho no início do século XX.

2 | ESPINHO

2.1 | Considerações Gerais

A primeira ocupação em Espinho deu-se no início do século XVIII, tendo sido colonizado por pescadores, cuja ocupação inicialmente era apenas sazonal, contudo o melhoramento das condições na atividade piscatória levaram à sua fixação permanente, tendo construído os seus precários palheiros. (Imagem 14)

Por volta de 1830³⁹ surgiram os banhistas de Santa Maria da Feira e da Foz do Douro, que coabitaram com este núcleo primitivo, tendo introduzido lentamente alterações na praia. (Imagem 15) A média burguesia encontrou neste local a possibilidade de expansão. Surgiram casas de madeira novas mais requintadas, assim como casas de alvenaria, tendo sido a primeira edificada em 1843.

O engenheiro José Coelho Bandeira de Melo executou o levantamento da primeira planta de Espinho em 1870, propondo a reestruturação do antigo aglomerado piscatório e balnear através da malha reticulada com ruas paralelas e perpendiculares ao caminho de ferro, sendo os novos edifícios definidores de arruamentos. Esta planta foi incluída pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, nos Planos de Melhoramento em 1876.

Para o desenvolvimento de Espinho como estância balnear foi fundamental o prestígio vindo da fábrica de conservas Brandão, Gomes & Ca⁴⁰, considerada a maior da Península Ibérica; e a construção da estação do caminho de ferro⁴¹, que fomentou a visibilidade desta localidade, sendo frequentada por uma variedade de pessoas, nomeadamente espanhóis, que procuravam o divertimento. Isto gerou a construção de novos equipamentos e espaços públicos que ostentavam estas práticas, as dinâmicas e os interesses sociais estavam em mutação.

³⁹ Lobo, S. (2012a). *Arquitectura e turismo: planos e projectos: as cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª República à democracia*. (Tese de doutoramento), Departamento de Arquitetura - Faculdade de Ciências e Tecnologias - Universidade de Coimbra, Portugal, p. 218.

⁴⁰ A fábrica de conservas Brandão, Gomes & Ca foi fundada em 1894, localizada a sul do Bairro da Rainha, utilizava técnicas modernas e centra-se principalmente na conservação da sardinha.

⁴¹ A estação do caminho de ferro foi construída em 1874, inicialmente apenas existia o apeadeiro em Espinho que surgiu em 1870.



16| Destruição provocada pelo mar na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda no início do século XX.

Inicialmente Espinho estava na dependência da paróquia de Anta, o que implicava limitações no próprio crescimento. Em 1889 tornou-se uma freguesia independente, passando dez anos mais tarde a concelho. “Ao contrário das localidades vizinhas, Espinho é fruto da civilização burguesa, um resultado da Revolução Industrial, que transformou os transportes, alterou os sistemas económicos e gerou novas dinâmicas sociais” (Gaio, 1990, p. 11)

A necessidade de crescimento e de urbanização estavam demonstradas na planta elaborada em 1900 pelo Engenheiro Júlio de Bandeira Neiva, sendo perceptível o avanço do mar sobre o núcleo piscatório. Nessa planta as diretrizes estabelecidas, perpendiculares e paralelas ao caminho de ferro, eram fundamentais para controlar o crescimento da população. Esta planta visava o desenvolvimento da cidade para nascente, face ao crescimento demográfico, que era incomportável no núcleo primitivo. Tendo sido nesta altura implementadas algumas melhorias: nas ruas paralelas ao caminho de ferro foram colocados bancos, árvores e iluminação entre agosto e novembro, correspondendo à época em que a cidade era mais frequentada.

O mar, sendo uma atração quer por motivos laborais, quer por motivos lúdicos, proporcionou o desenvolvimento em Espinho, contudo também protagonizou frequentemente momentos nefastos, alguns deles de destruição. Desde 1866 até 1912 avançou 310 metros, cerca de 6,7 metros por ano⁴². Um desses episódios desoladores, ocorrido em 1891, que desalojou inúmeras pessoas contou com o apoio da rainha D. Maria Pia que financiou a construção de um novo bairro, designado de Bairro da Rainha, inaugurado em 1894. Para além disso, no início do século XX já tinha destruído por completo o núcleo primitivo, destruindo assim a igreja e o Largo de Nossa Senhora da Ajuda, que até aqui era um espaço fundamental na dinâmica social. (Imagem 16) Os danos provocados pelo mar levaram à necessidade de defesa da costa tendo surgido algumas soluções a partir de 1892, sem grande sucesso. A solução que existe atualmente assenta essencialmente num paredão e em esporões, tendo estas defesas sido implementadas

⁴² Freitas, J. (2010). *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)*. (Tese de Doutoramento), Departamento de História - Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa, Portugal, p.12.

nos anos 80, contudo esta solução não é totalmente eficaz.

Estas constantes agressões do mar conduziram à fixação dos pescadores na zona sul, desde a envolvente da capela de S.Pedro⁴³ para sul, tendo aí implantado as suas habitações, ou tendo sido alojados em bairros que foram surgindo nesse local ao longo de diferentes décadas.

As transformações mais relevantes na zona balnear em Espinho ocorreram nas Ruas 2, 8 e 19, e na Avenida 8, que ao longo dos tempos foram reforçando a sua importância nesta estância balnear; algumas dessas importantes transformações ocorreram aquando da passagem de Espinho a cidade em 1973.

As transformações que esta cidade foi sofrendo vieram reforçar a sua importância como zona de lazer, sendo que esta é atualmente uma das praias do norte de Portugal com maior relevo.

⁴³ A Capela de S. Pedro foi edificada em 1941.



17 | Capela de Nossa Senhora da Guia.

2.2 | Transformações na zona piscatória

Na génese de Espinho o pescador era o único que frequentava este local, fazendo-o de forma sazonal. Existem registos da sua presença desde 1737⁴⁴ vindo do Furadouro e de Ovar, “(...) fez habitação das barcas voltadas de fundo para o ar, debaixo das quais se abrigou das chuvas e do relento da noite (...)” (Gaio, 1990, citado por Lima, p.63), ali pernoitava durante a semana e regressava com o terminar desta a casa. Apenas em 1776⁴⁵ se fixou nos palheiros o ano inteiro, pelo facto de existir abundância de peixe e de ser fácil a venda, para além de ter adquirido a técnica de conservação do peixe em salmoura, apreendida do francês Jean Pierre Mijaule.

Em meados do século seguinte Espinho era um local de pesca relevante, já continha um número considerável de palheiros de pescadores que estavam implantados na zona norte sobre as dunas, tendo sido a primeira capela deste núcleo erigida em 1809 e designada por Capela de Nossa Senhora da Guia⁴⁶ - terá sido esta a primeira construção de pedra e cal que existiu em Espinho. (Imagem 17)

Os primeiros palheiros dispersos pelo areal eram térreos e pequenos de tabuado horizontal com uma estrutura rudimentar, sendo que estes dispunham de um número variado de divisões; alguns palheiros continham apenas uma divisão que poderia servir para toda a família. Posteriormente com o aumento da fixação os palheiros evoluíram⁴⁷, como se encontra descrito no livro «Palheiros do litoral central português»:

(...) os palheiros nessa altura eram de um grosseiro sistema de pau a pique, com os prumos enterrados na areia, revestidos exteriormente até ao solo por um tabuado horizontal, com telhados de duas águas de telha caleira, onde duas telhas levantadas permitiam a saída do fumo, e sem forro interior nem tecto; contíguos uns aos outros, dispunham-se em arruamentos alinhados, numa

⁴⁴ Freitas, J. (2010). *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)*. (Tese de Doutoramento), Departamento de História - Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa, Portugal, p.193.

⁴⁵ Ibidem, p.194.

⁴⁶ A Capela de Nossa Senhora da Guia ou Capela dos Galegos, ficava a 50 metros da Rua do Cruzeiro (atual Rua 2), esta acabou por ser incendiada quando surgiu em 1883 a Capela de Nossa Senhora da Ajuda.

⁴⁷ Apesar desta evolução o número de divisões continuava a não ser fixo.



18| Arruamento de palheiros em Espinho, em 1910.



19| Planta de Espinho com indicação da linha da costa em diferentes épocas.

grande promiscuidade, com o beiral corrido voltado para a rua. Mais tarde, aparecem alguns soalhados, em que as tábuas assentavam em barrotes pousados directamente sobre a areia, e com o forro no tecto; e outros ainda, muito raros, de rés-do-chão e andar. (Oliveira & Galhano, 1964, p. 19)

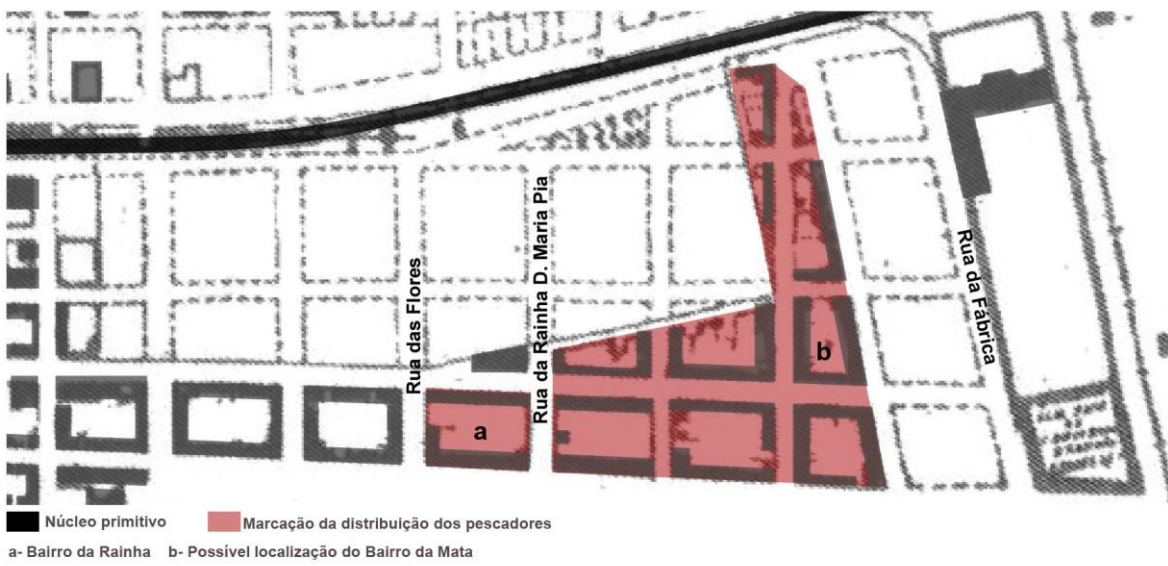
Na fotografia de um arruamento de palheiros térreos⁴⁸ de Espinho, em 1910, (Imagem 18), é possível verificar algumas transformações que estes palheiros deverão ter sofrido, nomeadamente através da alteração do material de revestimento, tendo em conta que alguns apresentavam um revestimento primitivo em madeira, estando este disposto na horizontal ou na vertical, enquanto outros palheiros continham outros materiais mais inovadores para a altura. Apesar das transformações, a linguagem das fachadas é idêntica, contendo uma porta que podia ser acompanhada por uma ou duas janelas.

Em 1876, ano em que foi aprovada a primeira planta para o melhoramento de Espinho, o núcleo primitivo de pescadores foi descrito no livro «As Praias de Portugal: guia do banhista e do viajante»:

No velho bairro, as ruas estreitas e tortuosas, os antigos casebres esbeiçados que pendem em ruínas esfarpadas, as saliências das varandas de pau, empenadas e barrigudas, a fogueira de pinho que está dentro ardendo no lar, as crenças semi-nuas que sahem à rua, as mantas ou as redes de pesca, penduradas das janellas ou estendidas a enxugar em duas varas, teem um cunho muito característico, de um pitoresco oriental. (Ramalho & Pimentel, 1876, pp. 89-90)

Este núcleo primitivo foi sendo destruído pelo mar, como se pode verificar na planta de 1870 (Imagem 19). Em 1891, uma forte investida do mar desalojou inúmeras pessoas que foram ajudadas pela Rainha D. Maria Pia através do investimento na construção de um novo bairro a sul, com o intuito de alojar algumas vítimas. Surgiu em 1894 o Bairro da Rainha localizado a poente da Rua 2, entre a Rua das Flores (atual Rua 35) e a Rua da Rainha D. Maria Pia (atual Rua 39), ocupando assim quatro quarteirões, com 36 casas era “composto por quatro grupos de casas térreas uniformes, tendo cada grupo 9 casas, (...), sendo dois blocos expostos de frente para o mar (...) Outros dois ficaram com

⁴⁸ Esta fotografia poderá não fazer parte do núcleo primitivo de pescadores, contudo demonstra como terão sido os palheiros térreos em Espinho.



20| Planta de Espinho, de 1900, com indicação da distribuição dos pescadores.



21| Bairro da Rainha em Espinho no início do século XX.

frente para nascente, onde aqui viria a nascer a antiga Rua do Cruzeiro⁴⁹ (...).”(Faustino, 1995, p. 9) (Imagem 20) O bairro enquadrado na malha urbana preexistente foi arrendado aos vareiros com menores possibilidades, que passavam a ser proprietários após 15 anos de aluguer pago. Cada moradia no seu interior continha 3 quartos e uma cozinha, o espaço exterior era composto por um poço e um quintal. Na fotografia do Bairro da Rainha (Imagem 21), do início do século XX, é possível verificar a simplicidade volumétrica das habitações que é semelhante à dos palheiros, no entanto sem a utilização da madeira. Apesar da construção deste bairro o mar continuou a não dar descanso aos pescadores, e em 1895 provocou a destruição de algumas casas, tendo vindo a ser totalmente destruído por volta de 1944.

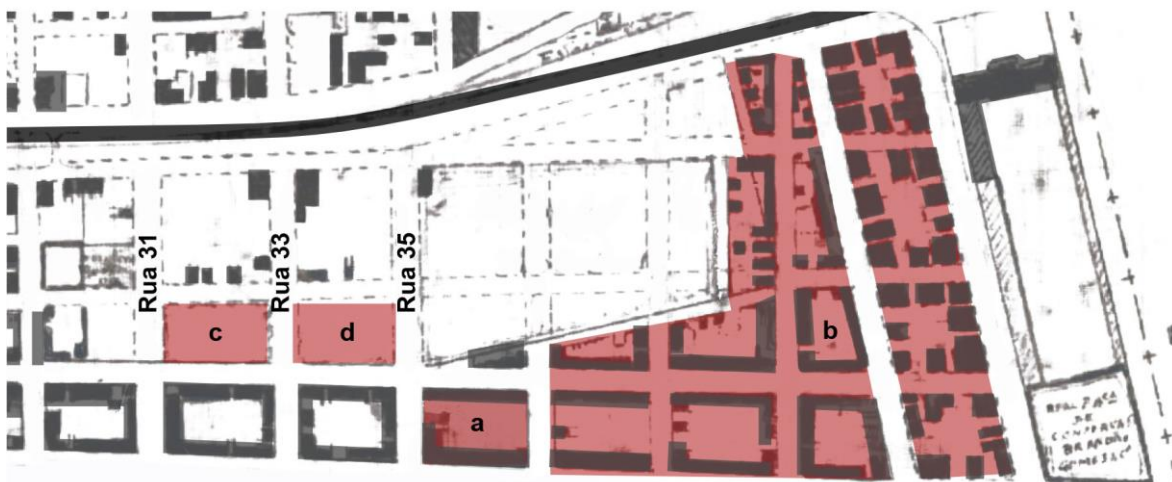
Para além do Bairro da Rainha foram cedidos terrenos a sul deste, tendo surgido em 1897 o Bairro da Mata “ (...) que ficava a sul do bairro da “Rainha” e em frente à fábrica de conservas “Brandão, Gomes & Ca” (...).”(Faustino, 1995, p. 10) (Imagem 20)

Em meados do século XX os últimos palheiros do núcleo primitivo foram destruídos, tendo os pescadores vindo a refugiar-se para sul, em terrenos cedidos pela junta de freguesia, “(...) onde construíram as casas típicas de madeira ou ergueram habitações de alvenaria, quando os rendimentos permitiam.” (Gaio, 1990, p. 89) Diferentes do antigo aglomerado e das habitações clandestinas, começaram a surgir os novos bairros piscatórios, que eram planificados em série e utilizavam materiais mais acessíveis e resistentes como a pedra, o adobe e o tijolo.

O bairro do Diário de Notícias, surgiu em 1931, tendo sido conseguido através de uma subscrição pública a nível nacional. Implantado no quarteirão das Ruas 2, 4, 31 e 33, surgiu com o intuito de realojar a população sinistrada pelos avanços do mar e pelo ciclone de 1925. No entanto, as rendas avultadas impossibilitaram o aluguer por parte da classe piscatória, tendo sido nesse sentido, este bairro um fracasso, daí que no governo de Salazar existiu a necessidade de se criar um outro, localizado do lado esquerdo do acima referido, no quarteirão das Ruas 2, 4, 33 e 35⁵⁰. No entanto, a obra acabou por ser interrompida por

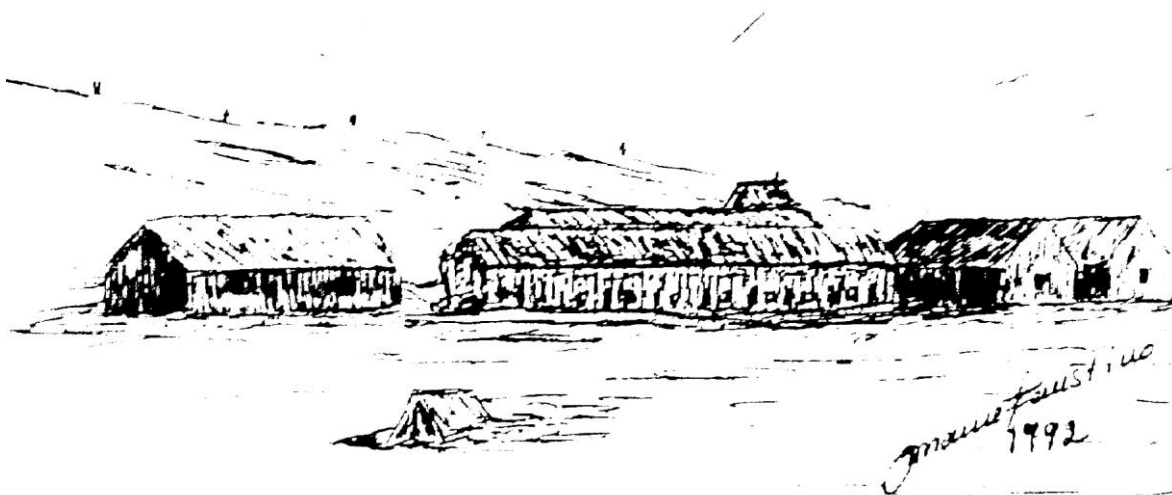
⁴⁹ A Rua do Cruzeiro é a atual Rua 2.

⁵⁰ Faustino, A. (1995). *N.º Sr.ª do Mar - Bairro Piscatório de Espinho*. Espinho: Comissão de Festas de 1995, p.12.



Marcação da distribuição dos pescadores
 Possível localização do Bairro do Flecha
 a- Bairro da Rainha b- Possível localização do Bairro da Mata c- Bairro do Diário de Notícias (por construir) d- Ilha do Sal (por construir)

22| Planta de Espinho, de 1933, com indicação da distribuição dos pescadores.



23| Representação do Bairro do Flecha.

falta de verbas que não eram atribuídas e pelo facto de o espaço ser insuficiente para albergar os sinistrados. Em 1945 algumas famílias atingidas pelo mar construíram neste local pavilhões provisórios que lhes deram abrigo, a este aglomerado foi dado o nome de Ilha do Sal, tendo durado apenas dois anos devido à ação do mar.⁵¹ (Imagem 22)

A construção de um novo bairro piscatório com as dimensões adequadas estava iminente, contudo até à sua conclusão era necessário realojar urgentemente a comunidade piscatória. Foram construídos barracões de madeira com cobertura em fibrocimento para esse efeito, tendo surgido em 1944 o primeiro pavilhão. Este bairro provisório foi designado de Bairro do Flecha, tendo sido instalado na base poente de uma duna a norte da Ribeira de Silvalde.⁵² (Imagem 23)

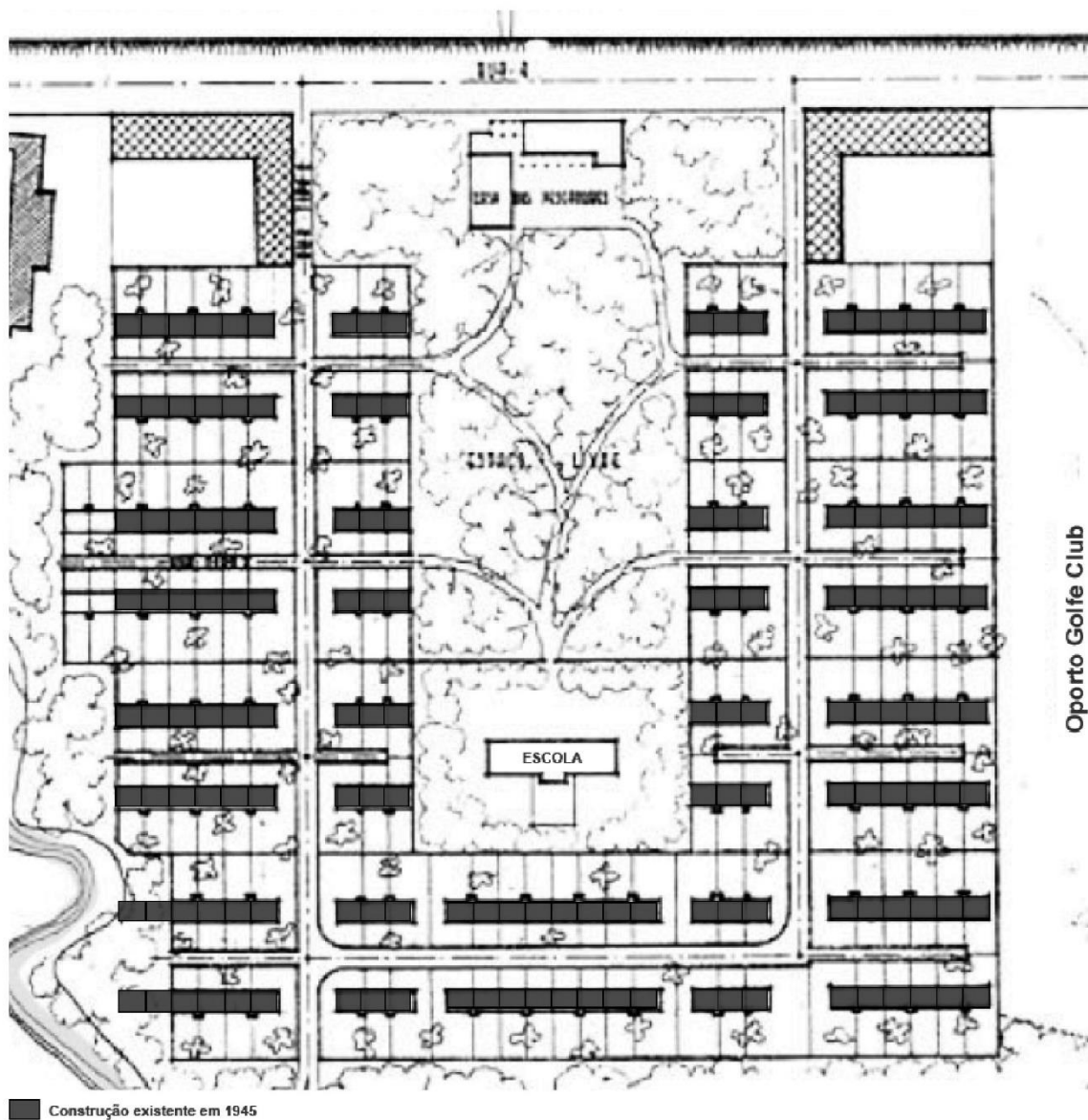
O primeiro pavilhão, com entrada a sul em frente à foz da ribeira de Silvalde, tinha 12,65 metros por 5 metros, tendo sido construídos outros pavilhões, um deles com 38,30 metros de norte a sul por 5,4 metros de largura, com entrada voltada para o mar.

Era este barracão dividido por nove compartimentos que, totalizavam o mesmo número de habitações, e no seu interior era dividido por dormitórios que separavam ambos os sexos. Uma pequena cozinha servia cada família com uma tosca lareira, e a pavimentação do soalho era em madeira. Para manter as condições higiénicas de salubridade, nos terrenos exteriores foram anexados dois grupos de instalações sanitárias, em que cada grupo servia diferentes sexos. (Faustino, 1995, p. 13)

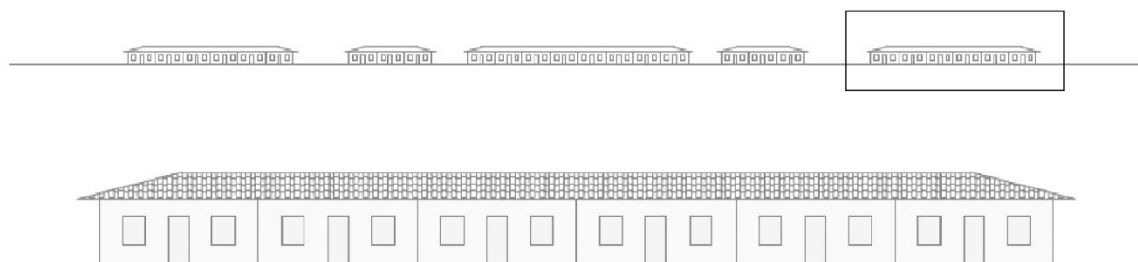
Em 1946 as pessoas foram obrigadas a abandonar o Bairro do Flecha para serem alojadas no novo bairro piscatório, contudo a maioria não o desocupou apesar de a renda do novo bairro não ser avultada, não tinham condições para a suportar. Com o aumento da população e a falta de controlo apareceram diversos barracos anexos aos pavilhões. O bairro permaneceu 2 dezenas de anos até ser destruído pelo mar, tendo as primeiras ameaças sido sentidas a partir de 1959.

⁵¹ Faustino, A. (1995). *N.º Sr.ª do Mar - Bairro Piscatório de Espinho*. Espinho: Comissão de Festas de 1995, p.23.

⁵² *Ibidem*, p.13.



24 | Planta do bairro piscatório de Espinho, com indicação do que foi construído em 1945.



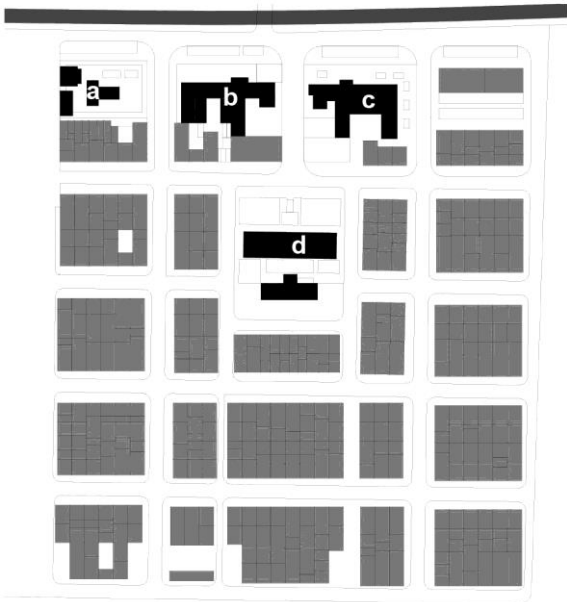
25 | Esboço de como seria um alçado de um grupo de habitações.

O novo bairro piscatório foi construído, pela Junta Geral da Casa dos Pescadores, nos terrenos da Marinha cedidos pela junta de freguesia de Silvalde, tratavam-se de 39,000 metros quadrados de terreno arenoso, limitado "(...) pelo norte com a projectada rua de ligação com a passagem de nível do extinto apeadeiro da Pedreira, pelo sul com o campo do Oport Golf Club, pelo nascente e poente com terreno da Junta." (Faustino, 1995, p. 25) Este designado de Bairro Piscatório, foi inaugurado em 1945, contendo inicialmente 160 casas térreas divididas em 34 grupos. (Imagem 24)

Nos dois flancos, o norte e sul, foram construídos 8 grupos de seis moradias cada, perfilados de nascente a poente; no interior dos flancos separados por uma ampla rua de acesso em cada lado, foram construídos mais 8 grupos, mas estes com três moradias cada; no seio daqueles grupos e no extremo poente, foram construídos mais 2 grupos, em que cada um agrupava oito moradias. Aqui ficaria para nascente uma ampla área de terreno, cujo extremo nascente era destinado à futura escola primária deste bairro, e às futuras instalações das obras sociais. (Faustino, 1995, p. 26)

As primeiras casas foram entregues em 1946, sendo caracterizadas no livro «N.ª Sr.ª do Mar - Bairro Piscatório de Espinho»:

Cada casa media de largura 7 metros, sendo as suas fachadas centrais dotadas com duas janelas e uma porta de entrada ao centro (...) Em cada grupo de 6 moradias, o seu telhado comum era coberto com telha tipo francesa, onde estavam montadas três chaminés. Todas as moradias eram caiadas de branco, à excepção das portas e janelas que alternavam umas com pintura verde e outras castanha. (...) No seu interior os compartimentos eram compostos por uma ampla cozinha/ sala de jantar, tendo estas áreas as medidas de 4 por 3,60 metros, (...) Os quartos eram três, sendo dois considerados dormitórios e um outro para fazer de sala, (...) A um canto do pátio, ficavam instalados os sanitários (...). No seu logradouro com a área de 7 por 9,50 metros de fundo, estavam instaladas as fossas somidouras (...)(Faustino, 1995, p. 34) (Imagem 25)



26| Planta atual do bairro piscatório de Espinho.



27| Capela de Nossa Senhora do Mar.



28| Extensão de saúde e creche.



29| Jardim de infância/ pré-primária.

Apesar da entrega das habitações, faltavam edificar os equipamentos de carácter social, nomeadamente, a Casa dos Pescadores, a creche, a escola primária, a maternidade e a Capela de Nossa Senhora do Mar. Estes equipamentos, apesar de terem surgido posteriormente em 1950⁵³, aliados às habitações geraram um núcleo urbano com autonomia funcional, remetendo para uma ideia de Unidade de Vizinhança. (Imagem 26)

A capela, que permaneceu até aos dias de hoje, localiza-se no extremo noroeste do bairro, apresenta a entrada principal voltada a sul que é pontuada por 3 degraus e um galilé, tendo sido este último um acrescento posterior. Em cima deste, centrado na fachada de azulejo, é visível um relógio, que surgiu em substituição de um óculo ornamentado em cantaria. O telhado de duas águas é colmatado ao centro por uma cruz, também em cantaria, neste é visível um pequeno arco-sineiro a poente. As fachadas laterais contêm três janelas, e nas extremidades, duas sacristias, sendo que a que se encontra localizada a nascente surgiu posteriormente. A toda a volta a capela é contornada por um rodapé em granito. Por detrás da capela estão os sanitários e duas salas de catequese. (Imagem 27)

A sul da capela encontra-se um edifício de um piso que funciona com dois programas distintos, uma creche desativada⁵⁴ a norte, e uma extensão de saúde a sul. Este edifício é composto por um volume retangular principal virado a nascente que se estende de norte para sul, onde estão incorporados ao longo da sua extensão três volumes ortogonais distintos. Este edifício assimétrico e despojado de ornamento, com cobertura inclinada, é caiado a branco e contém um rodapé de granito em toda a sua extensão. A fachada principal voltada a nascente, apresenta uma abertura em arco na extremidade norte, que se replica no lado oposto, pontuando as entradas do edifício. Entre estas, a fachada é marcada por um ritmo de janelas e por um alpendre. Anteriormente o edifício servia de posto médico e de Casa dos Pescadores. (Imagem 28)

A sul deste edifício encontra-se o jardim de infância/pré-primária. Este edifício apresenta uma forma simétrica comparativamente ao descrito anteriormente e contém uma linguagem muito semelhante, tendo sido utilizados os mesmos materiais

⁵³ Faustino, A. (1995). *N.ª Sr.ª do Mar - Bairro Piscatório de Espinho*. Espinho: Comissão de Festas de 1995, p.42.

⁵⁴ A creche pertence ao centro social e paroquial de Silvalde.



30| Escola primária.



■ Marcação da distribuição dos pescadores
a- Bairro da Marinha b- Bairro da Câmara c- Bairro Piscatório

31| Planta atual de Espinho com indicação da distribuição dos pescadores.

construtivos. A fachada principal voltada a nascente, no extremo norte é pontuada por uma reentrância em arco e uma janela isolada, as restantes janelas divididas em três grupos estendem-se ao longo da fachada, sendo o elemento de maior ênfase o alpendre que pontua a entrada principal. (Imagem 29)

A escola primária aparece localizada a poente entre os dois últimos edifícios descritos, marcando um novo desenho nos quarteirões, afirmando-se como edifício de maior envergadura do bairro, apesar da sua simplicidade e depuração. Este encontra-se dividido em dois volumes independentes, ambos com cobertura inclinada, mas com dimensões e formas distintas. O volume principal, retangular, apresenta uma diferença altimétrica a nascente é contemplado com dois pisos e a poente com um piso. A fachada principal deste volume, ordenada e simétrica, contém duas reentrâncias em arco que pontuam as entradas do edifício, por cima de cada uma delas estão duas janelas com a mesma forma em arco, estas aberturas apresentam em ambos os lados um ritmo simétrico de janelas. (Imagem 30) O outro volume consideravelmente mais pequeno contém uma saliência a meio, tendo sido este o volume primitivo que continha duas salas de aula.

O bairro foi crescendo e as habitações arrendadas, transitando para a posse dos arrendatários passados alguns anos; quando estes tomaram posse das habitações “começaram a construir andares e a fazerem aumentos nas casas, o que descaracterizou todo o conjunto.”(Quinta, 1999, p. 89)

Outros bairros surgiram posteriormente para albergar pessoas mais carenciadas, algumas delas pescadores. Junto ao Bairro Piscatório implantou-se, em 1965, o Bairro da Câmara que realojou as famílias do Bairro do Fecha, este continha 42 fogos distribuídos em 7 blocos, tendo sido posteriormente acrescentados 48. Mais tarde, em 1984, surgiu o Bairro da Marinha, perto da ribeira de Silvalde a sul da antiga fábrica de conservas, onde foram construídos mais 104 fogos. (Imagem 31)



32| Planta atual de Espinho com indicação da zona de pesca, de venda do peixe e dos aprestos.



33| Esporão no sul de Espinho, junto aos aprestos.



34| Venda de peixe em Espinho, junto aos aprestos.

2.3 | Reflexões sobre a zona piscatória

A destruição do núcleo primitivo dos pescadores, no início do século XX levou à sua deslocação para a zona sul da praia, tendo construído aí as suas habitações, que na sua maioria deixaram de parte a madeira como principal material construtivo que predominava até à época. Nos dias de hoje a comunidade piscatória encontra-se distribuída desde a zona envolta da Capela de São Pedro até ao Bairro Piscatório em Silvalde.

Os bairros mencionados albergam famílias carenciadas, ciganos, operários e alguns pescadores. Os poucos pescadores que ainda existem perpetuam a pesca junto ao esporão sul, onde foram anexados aprestos⁵⁵, localizados próximos do Museu Municipal de Espinho⁵⁶. (Imagens 32 e 33) Junto a este local nos dias da safra vendem o peixe. (Imagem 34) Contudo, a atividade piscatória é diminuta e fora da época da safra o pescador ocupa o tempo como pode na ânsia de poder voltar ao mar. A escassez na pesca já não é de agora e para a colmatar os pescadores tiveram que se adaptar às transformações urbanas, servindo por exemplo os veraneantes.

O vareiro, amigo do mar, é bom por tendência (...) as grandes brigas, entre eles, foram rareando, não só com a falta de pesca, mas porque se foram integrando na vida de Espinho, não obstante só procurassem, como trabalho, o carregar as malas dos viajantes, para o que se punham, em magotes, à chegada dos comboios. (Pereira, 1970, p. 13)

Esta comunidade tem cravado no rosto o sofrimento de uma vida de árduo trabalho, vive com dificuldades devido à falta de estabilidade financeira provocada pela existência de pouco trabalho, sendo auxiliada pelos subsídios sociais. A vivência nestes bairros apresenta características próprias, as diferentes comunidades misturam-se, conhecem-se, contudo também podem surgir atritos. As ruas são apoderadas pelos moradores, muitos passeios transformam-se em “pátios” das habitações, onde colocam a roupa a secar, e cadeiras para poderem desfrutar de uma conversa ao ar livre. Os cães vagueiam livremente pois o seu “quintal” é o bairro. Os pequenos estabelecimentos

⁵⁵ Armazéns para a colocação do material de apoio à pesca.

⁵⁶ Antiga Fábrica de Conservas Brandão, Gomes & Ca.



35| Arruamentos na zona sul de Espinho que demonstram as diferentes tipologias no interior dos quarteirões.



36| Aprestos localizados junto ao passeio marítimo.

comerciais existentes são para muitos moradores como uma segunda casa, pois muitas vezes o tempo livre que dispõe é passado naqueles espaços.

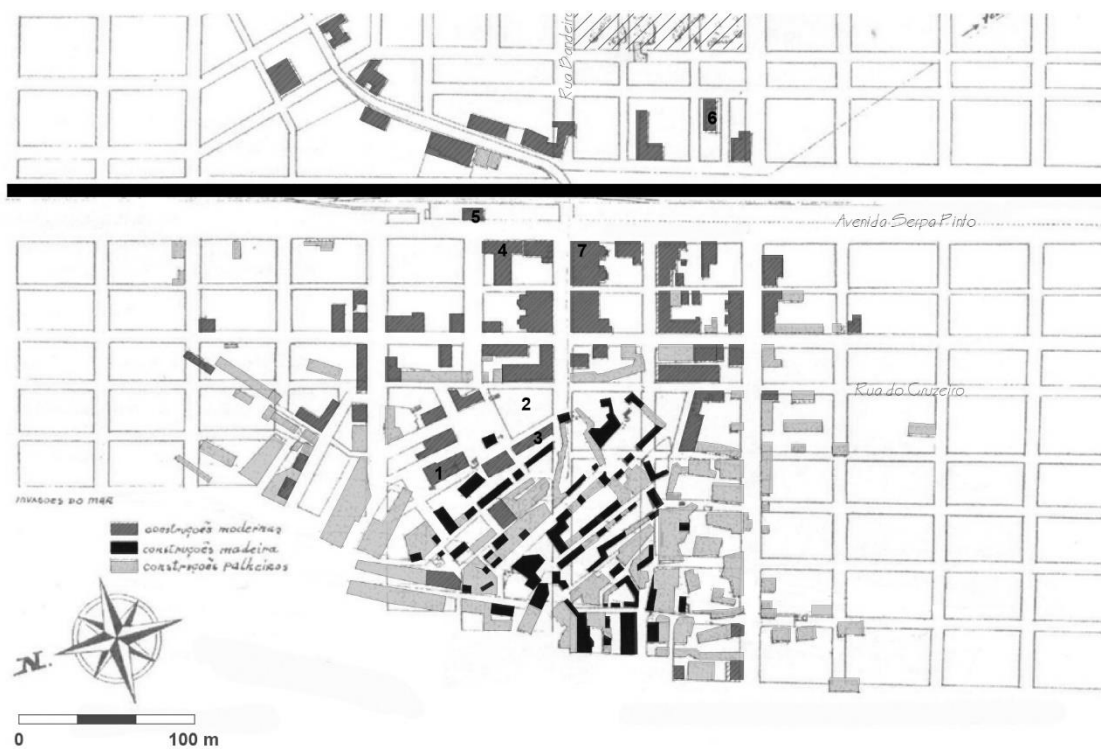
Os bairros estudados assentam sobre uma malha urbana ortogonal, sendo esta por vezes flexível. O traçado ortogonal conferiu uma maior permeabilidade aos espaços, estabelecendo um sistema regular que nestes casos está patente apenas nas ruas, tendo ficado o interior dos quarteirões ao critério de cada um, criando espaços e formas que estão em mutação. Denota-se a existência de uma forte irregularidade tipológica no edificado existente, encontrando-se desde casas de 3 pisos a habitações de 1 piso, podendo algumas apresentar precários anexos. (Imagem 35)

Tomando como referência Josep Maria Montaner e a sua análise sobre sistemas⁵⁷ arquitetónicos contemporâneos, é possível constatar que o tipo de organização urbana presente nos bairros piscatórios de Espinho se enquadra num tipo de sistema definido como “*Arquitecturas com o Tempo*”⁵⁸. Este sistema reconhecível no processo de crescimento urbano, permite verificar que as arquiteturas se vão modificando com a passagem do tempo e a vontade dos habitantes, possuindo um carácter dinâmico que nega a arquitetura como objeto acabado e no qual a malha urbana predefinida serve de base para o crescimento e para as transformações operadas.

Nas últimas duas décadas foram realizadas obras de requalificação que afetaram estes bairros. Em 2002 houve uma grande modificação urbana, com a extensão do passeio marítimo até ao bairro piscatório; o melhoramento de espaços públicos do Bairro da Marinha perto da ribeira de Silvalde; e a construção de alguns equipamentos. Mais tarde, em 2013, surgiram novas transformações, tendo sido construído um passadiço que interligou o bairro piscatório a Paramos e armazéns de apoio à pesca com o tratamento do espaço envolvente. Estas obras com o intuito de transformação da frente marítima trouxeram alguma dinâmica a espaços que estavam marginalizados perante a dinâmica local. (Imagem 36)

⁵⁷ “Entendo, portanto, que um sistema é um conjunto de elementos heterogéneos (materiais ou não), em distintas escalas, relacionados entre si, com uma organização interna que tenta estrategicamente adaptar-se à complexidade do contexto, constituindo um todo que não é explicável pela mera soma das suas partes. Cada parte do sistema está em função a outra; não há elementos isolados.” (Montaner, 2008, p. 11)

⁵⁸ Montaner, J. M. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, pp.107-110.



1- Capela de Nossa Senhora da Ajuda (aberta ao culto 1883) 2- Largo de Nossa Senhora da Ajuda 3- Hotel Universal 4- Assembleia Recreativa (1864) 5- Apeadeiro 6- Capela de Santa Maria Maior, em construção (1877) 7- Hotel Bragança

37| Planta de Espinho de 1870.



38| Largo de Nossa Senhora da Ajuda no início do século XX.

2.4 | Transformações na zona balnear

Espinho começou a ser procurado pelos banhistas em 1830, tendo vindo a ganhar uma maior projeção com a construção da estação do caminho de ferro, que gerou uma nova dinâmica. Esta dinâmica acabou por conduzir ao desenvolvimento da região, tendo havido uma reestruturação urbana, assente na ordenação das ruas e na requalificação de alguns espaços públicos, assim como na construção de novos equipamentos. Os melhoramentos referidos em prol da estância balnear fizeram com que Espinho se tivesse tornado numa das praias mais concorridas do norte.

No sistema urbano vigente em 1870 nesta vila, havia uma intensificação de construção a poente; existiam 100 palheiros, 60 construções antigas e 65 modernas, enquanto que a nascente haviam apenas 8 prédios novos no largo da Murta⁵⁹, 7 casas dispersas e 3 palheiros; no pinhal entre as ruas 12-16 e 19-25 existiam 4 casebres. As construções mais próximas do mar eram as habitações de madeira dos pescadores, enquanto que as construções modernas estavam localizadas maioritariamente junto à linha de comboio, sendo mais abundantes a partir da Rua do Cruzeiro. (Imagem 37)

Nesta altura, a vida social processava-se com maior relevo no Largo de Nossa Senhora da Ajuda (Imagem 38), onde estavam concentrados os escassos serviços⁶⁰ e equipamentos, destacando-se a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Com o crescimento da vila e devido às investidas do mar surgiu a necessidade da construção de um novo templo, que foi implementado a nascente da linha de ferro, tendo sido inaugurada pelos fidalgos em 1877, a Capela de Santa Maria Maior.

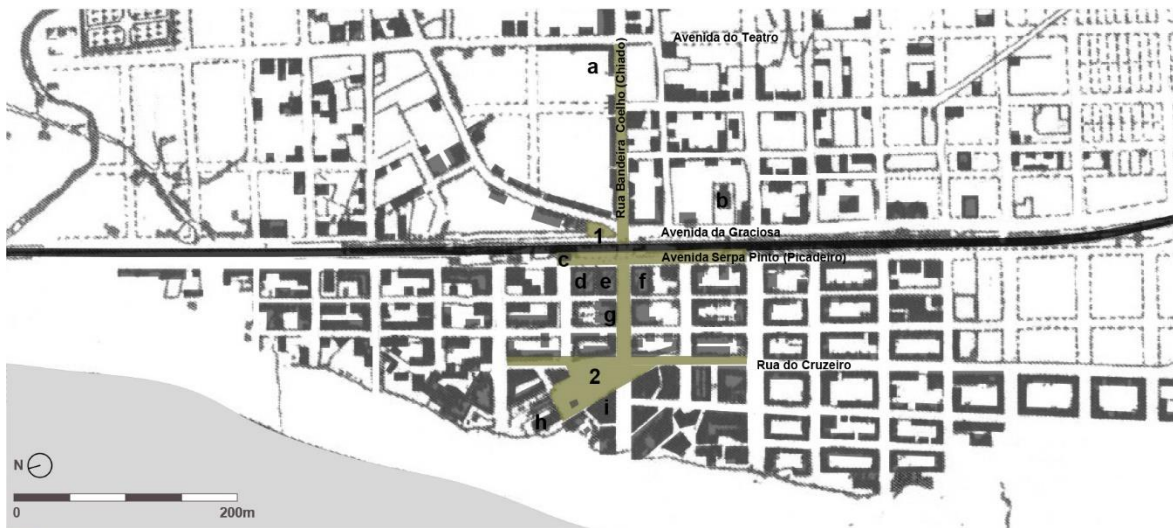
A vila acabou por crescer desconetada da faina tradicional, tendo como foco a atividade balnear. Os primeiros banhistas instalaram-se na habitação dos pescadores, ou construíram uma para uso próprio. Estes pertenciam a classes sociais diferentes, que iam desde capitalistas a lavradores. Essa diferença social refletia-se na apropriação do espaço não só fora do areal, mas também dentro deste, sendo que os banhos ocorriam com um desfasamento temporal. No banho dos mais humildes apenas os pés eram banhados,

⁵⁹ Posteriormente designado por Largo da Graciosa, localizado na rua da Graciosa.

⁶⁰ Nesta altura já existiam cafés.



39| Barracas de madeira na praia de Espinho no final do século XIX/início do século XX.



Artérias mais importantes da zona balnear

a- Teatro Aliança (1890) b-Capela de Santa Maria Maior (1877) c-Estação de Comboio (1874) d-Assembleia Recreativa (1964) e-Café Chinez (1888) f- Hotel Bragança g- Hotel Beira Mar h-Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (atributo adquirido em 1886) i-Hotel Universal
1- Largo da Graciosa 2-Largo de Nossa Senhora da Ajuda

40| Planta de Espinho, de 1900, com indicação das artérias mais importantes na zona balnear.



41| Equipamentos junto à linha do comboio em meados de 1910.



42| Jardim *High Life* do Teatro Aliança.

sendo que este ocorria entre 6 e as 8 horas da manhã, a partir das 8 horas surgiam os restantes banhistas, sendo que a prática de ir a banhos era diferente, estes auxiliados pelo banheiro tomavam o seu banho terapêutico, após o banho faziam a muda de roupa ainda no areal, dentro de umas barracas de madeira que eram alugadas aos banheiros, podendo também requisitar um toldo para depois do banho desfrutarem da sombra. A implantação destes rituais por parte deste grupo de banhistas mais sofisticado trouxe o ordenamento para dentro do areal, sendo perceptível na fotografia do final do século XIX/ início do século XX (Imagem 39) que as barracas eram alinhadas perpendicularmente à linha da costa. A tarde era passada fora do areal, dedicando o tempo livre às atividades lúdicas, de maneira diferente consoante as possibilidades económicas, mas independentemente destas, o jogo era uma das atividades preferidas, funcionando nos hotéis e nos cafés.

Nos finais do século XIX e início do século XX, e com o crescimento da vila para nascente, as principais zonas com comércio e lazer, passaram a ser: a Avenida Serpa Pinto (atual Avenida 8) designada de Picadeiro, a Rua Bandeira Coelho (atual Rua 19), o Chiado, a Rua do Cruzeiro (atual Rua 2) e o Largo de Nossa Senhora da Ajuda. (Imagem 40) Na interseção da Avenida Serpa Pinto e da Rua Bandeira Coelho, no quarteirão a sul, estava localizado o Hotel Bragança⁶¹, enquanto que o quarteirão a norte era pontuado pelo café Chinez⁶², que reunia uma classe social diversificada. A norte do café Chinez existia um edifício cujo primeiro andar era ocupado pela Assembleia Recreativa⁶³, onde se reunia a elite, enquanto que no rés do chão estavam instalados o Casino Peninsular e o *Cinematographo*. (Imagem 41) O Chiado veio a ganhar importância em 1890, com o surgimento do Teatro Aliança, localizado na esquina entre a Rua Bandeira Coelho e a Avenida do Teatro (atual rua 16); com o Jardim *High Life*, que dispunha inicialmente de um coreto tendo sido acrescentado posteriormente um pavilhão de madeira, um campo de ténis e de patinagem. (Imagem 42)

⁶¹ A implantação do Hotel Bragança é anterior a 1870.

⁶² No café Chinez tocava frequentemente uma orquestra, para além desta animação existia um espaço destinado ao jogo.

⁶³ Assembleia Recreativa surgiu em 1965, inicialmente eram apenas um edifício com um andar, com o acrescento de um piso a Assembleia passou para o andar superior, tendo sido substituída pelo Café Peninsular no piso térreo. Em 1911 foi dissolvida e funcionou como estabelecimento comum, foi vendida à empresa concessionária da zona de jogo em 1928.



43| Frente marítima de Espinho nos anos 30: passeio marítimo e barracas de madeira.



44| Frente marítima de Espinho nos anos 30 que demonstra a predominância de barracas de pano no areal.



a- Teatro Aliança (1890) b-Capela de Santa Maria Maior (1877) c-Estação de Comboló (1874) d-Casino e Cinema (década de 50) e- Palácio Hotel (década de 40)

45| Planta de Espinho, de 1933, com indicação das artérias mais importantes na zona balnear.



46| Avenida 8 nos anos 50, com destaque para o Casino, Cinema e o Palácio Hotel.

Com a destruição do Largo de Nossa Senhora da Ajuda surgiu o Largo da Graciosa⁶⁴, localizado na rua a nascente paralela à estação e junto ao Chiado, passando este local também a fazer parte da dinâmica social de Espinho. Fora da época balnear a movimentação social era reduzida, principalmente a poente da linha de comboio.

Espinho era uma zona com crescente poder económico e com potencialidade construtiva tendo em conta que estava a ser construída praticamente de raiz, pois a comunidade primitiva foi destruída pelo avanço do mar.

Com a implantação da República houve alteração na toponímia das ruas passando a ser designadas as ruas paralelas à linha de comboio por números pares e as ruas perpendiculares a esta por números ímpares.

No final dos anos 20 a zona balnear sofreu transformações importantes. A Rua 2 em 1926, "(...) passou a ser esplanada da beira-mar, tendo sido embelezada com uma balaustrada, desde a rua 13 até à 27, e uma escadaria, frente à Rua 19, de acesso à praia, com candeeiros bilaterais." (Quinta, 1999, p. 191) (Imagem 43) Nas fotografias dos anos 30 junto à esplanada da beira mar (Imagens 43 e 44), é possível verificar que a organização no espaço do areal se mantinha, contudo as barracas de madeira praticamente não existiam, havendo uma predominância de barracas de pano.

Em 1927 foi regularizado o jogo, que apesar de ser irregular era uma prática muito frequente em Espinho, o que veio dar azo à realização de novos projetos associados a esta atividade, que visavam essencialmente a Avenida 8. Dois anos mais tarde, o arquiteto Carlos Ramos executou o projeto para o Palácio Hotel de Espinho, Cinema e Casino. O Palácio Hotel surgiu após a demolição do Hotel Bragança em 1938. Este foi o primeiro projeto de Carlos Ramos a estar concluído, estando a obra finalizada no início dos anos 40. Até à concretização dos restantes edifícios do projeto, o Palácio Hotel conviveu com o café Chinez e com a Assembleia Recreativa, que nos anos 50 foram substituídos respetivamente pelo Cinema e pelo Casino⁶⁵. (Imagens 45 e 46)

⁶⁴ Também conhecido como Largo do Passeio Alegre, continha um pequeno jardim e um coreto.

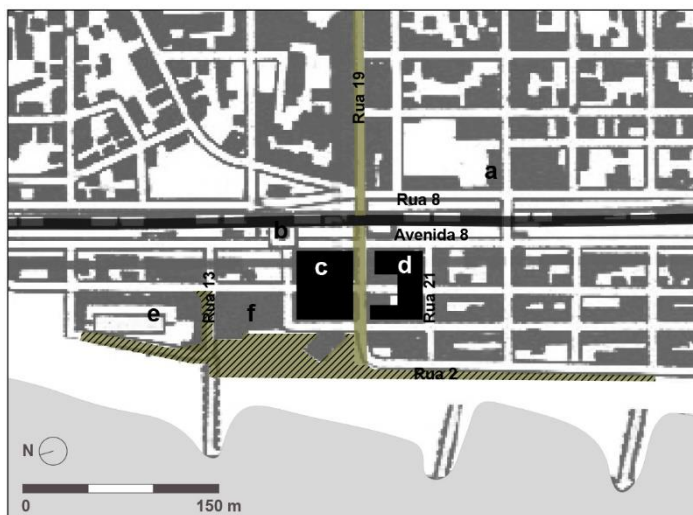
⁶⁵ Lobo, S. (2012a). *Arquitectura e turismo: planos e projectos: as cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª República à democracia*. (Tese de doutoramento), Departamento de Arquitetura - Faculdade de Ciências e Tecnologias - Universidade de Coimbra, Portugal, p.240.



47| Zona norte da praia de Espinho em 1955.



48| Barracas na zona norte da praia de Espinho em 1952.



■ Artérias mais importantes da zona balnear ■ Passeio Marítimo
 ■ Construção posterior à elaboração da planta
 a- Capela de Santa Maria Maior (1877) b-Estação de Comboio (1874) c-Casino Solverde (1982)
 d-Apartamento Hotel Solverde (anos 80) e- Piscina Solário Atlântico (década de 40) f- Hotel Praia Golfe (anos 70)

49| Carta militar de Espinho, de 1975, com indicação das artérias mais importantes na zona balnear.



50| Vista área de Espinho nos anos 80, com destaque para a piscina, o Hotel Praia Golfe, o Casino Solverde, o Apartamento Hotel Solverde e o passeio marítimo.

Antes que estas mudanças fossem concluídas na Avenida 8, no decorrer da década de 40, foram surgindo mudanças na zona norte da Rua 2, tendo sido criado um ringue de patinagem entre as Ruas 17 e 19 em frente à praia, posteriormente surgiu o Paraíso das Crianças⁶⁶, um recinto infantil e a Piscina Solário Atlântico, projetada pelos arquitetos Eduardo da Silva Martins e Manuel Passos Júnior, tendo sido considerada uma das melhores da Península Ibérica. (Imagem 47) Apesar destas transformações que desenvolveram esta zona como estância balnear, o mar não dava descanso, tendo provocado danos na piscina e no passeio marítimo, que tiveram que ser reconstruídos.

O espaço do areal continuava a ser organizado, sendo perceptível nos anos 50 que as barracas, agora de pano, eram organizadas junto ao passeio marítimo, formando um conjunto de barracas constituído por linhas perpendiculares a este que geravam talhões, criando vazios entre eles. (Imagem 48)

As transformações fora do areal também prosseguiram, tendo sido os anos 70 e 80 marcantes para esta estância balnear, essencialmente pela passagem de Espinho a cidade; pela atribuição de maior protagonismo à Rua 2, tendo pelo contrário, havido um declínio da Avenida 8; foi também criada uma passagem subterrânea pedonal sob a linha de comboio na Rua 19 que substituiu a antiga passagem, a *passerelle*⁶⁷. Até então a Rua 2 continha um passeio marítimo junto à praia e uma faixa de circulação automóvel, contudo no início da década de 70, a construção do Hotel Praia Golfe alterou este cenário, tendo sido criado um passeio marítimo, em calcário e basalto, com espaços verdes e pontos de água, localizado desde a Rua 13 à Rua 21. No local do Palácio Hotel foi inaugurado o Apartamento Hotel Solverde⁶⁸ e no quarteirão do Casino e Cinema foi implantado o Casino de Espinho⁶⁹. (Imagens 49 e 50)

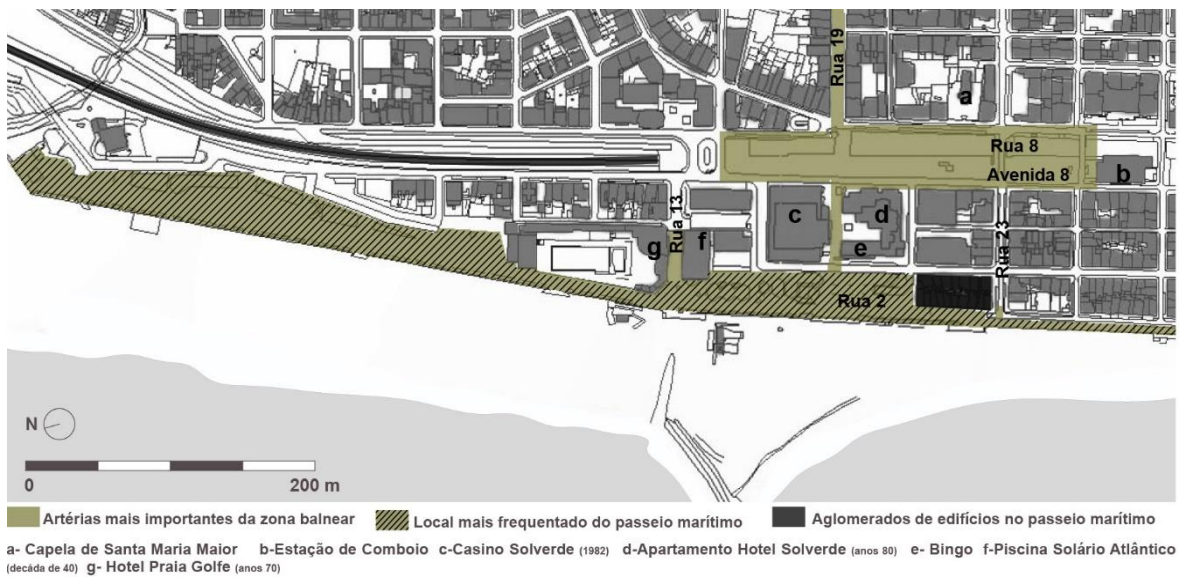
O final dos anos 90 foi marcado essencialmente pelas alterações na Rua 2 e na Rua 19, tendo sido expandido o passeio marítimo para norte e reconstruída a Piscina Solário

⁶⁶ Cerca de 1949 o “Paraíso das Crianças foi transformado em parque de estacionamento.

⁶⁷ A *passerelle* surgiu em 1893 atravessando a linha do caminho de ferro, marcando a ligação da rua 19.

⁶⁸ A construção do Apartamento Hotel Solverde teve início em 1984.

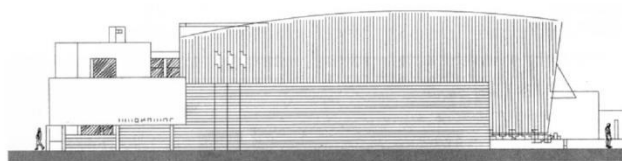
⁶⁹ Inaugurado em 1982, tendo sido construído pela empresa Solverde que obteve a concessão do jogo em Espinho em 1973.



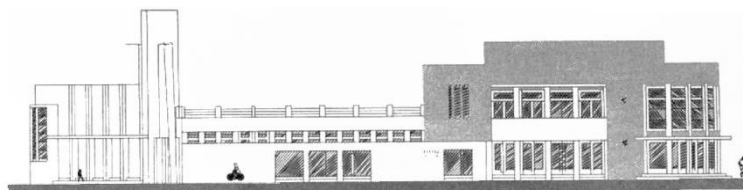
51 | Planta atual de Espinho com indicação das artérias mais importantes na zona balnear.



52 | Piscina Solário Atlântico.



53 | Alçado norte da piscina.



54 | Alçado sul da piscina, onde se encontra a entrada.

Atlântico na Rua 2 e na Rua 19 o peão passou a ser privilegiado, tendo esta rua comercial sido pavimentada desde a Rua 8 à Rua 22, tornando-se limitada a circulação automóvel.

No início do século atual a grande transformação realizada foi o enterramento da linha de comboio que gerou uma nova dinâmica social à superfície principalmente junto da Rua 19, da Avenida 8 e da Rua 8.

Atualmente as artérias mais importantes desta zona balnear são a Rua 2, a Rua 19, parte da Rua 8 assim como da Avenida 8. Um dos principais focos de atração é o passeio marítimo que se estende desde a zona norte de Espinho até ao Bairro Piscatório em Silvalde, estando englobado numa extensa frente marítima. A zona mais frequentada deste localiza-se essencialmente desde a Rua 13 à 23, onde o passeio marítimo é mais amplo e joga com os edifícios nele existentes; nesta zona mais frequentada destaca-se a norte a Piscina Solário Atlântico; imediatamente a sul da piscina destaca-se o Hotel Praia Golfe; enquanto na zona sul junto à Rua 23, existe um aglomerado de edifícios sem uma linguagem uniforme, outrora moradias, que atualmente estão alocadas à prestação de serviços de restauração. No entroncamento da Rua 19 com a Rua 2, ligeiramente a sudeste do Hotel Praia Golfe existe o Casino Solverde, que apesar de não estar inserido no passeio marítimo é um elemento marcante neste espaço. O mesmo acontece com o Apartamento Hotel Solverde e o Bingo, que estão localizados imediatamente a sul do casino. (Imagem51)

A Piscina Solário Atlântico sofreu a sua última reconstrução em 1995 através da dupla de arquitetos Isabel Aires e José Cid, que venceram o concurso da Câmara para a reformulação da piscina e do Balneário Marinho⁷⁰. (Imagem 52) É de salientar que nesta reformulação foi mantida grande parte do edifício inicial⁷¹; a volumetria do edifício assemelha-se a um U e apresenta uma abertura voltada para o mar, sendo o maior eixo paralelo ao passeio marítimo, trata-se de um edifício com a altimetria praticamente uniforme. O espaço da piscina é resguardado por um muro que é pautado por aberturas, estas permitem uma maior relação com o exterior; a fachada a sul é marcada pela

⁷⁰ O Balneário Marinho foi construído na ala norte em 1984.

⁷¹ A piscina foi inaugurada em 1943, numa época em que em Portugal os equipamentos públicos exaltavam o poder do estado.



55 | Hotel Praia Golfe.



56 | Casino Solverde.

imponência da entrada e da zona do bar, enquanto que a fachada a norte aparece discretamente na marginal. (Imagens 53 e 54) Quando analisamos ambas as fachadas parecem tratar-se de dois edifícios distintos, esta ideia é reforçada pela diferença de materiais de revestimento utilizados, sendo que a norte predomina o tijolo e as chapas metálicas, enquanto que a sul predomina o reboco.

A grande dimensão do Hotel Praia Golfe retira o protagonismo à piscina. (Imagem 55) Podemos caracterizar este edifício do início dos anos 70, como possuindo dois volumes; um volume a norte, de forma retangular que impõe fortemente a sua presença na paisagem através da sua elevada altimetria, sendo marcado pelas saliências das varandas; e um segundo volume a sul com morfologia em L, que apresenta uma diferença altimétrica permitindo subdividir este volume em dois blocos, trata-se de um volume mais baixo do que o primeiro; sendo o bloco poente mais baixo do que o nascente, neste volume predominam os envidraçados. Este edifício apresenta uma linguagem ambígua que leva a crer tratarem-se de dois edifícios distintos.

A Rua 19 desempenha um papel muito importante na cidade, porque para além de ser uma zona comercial, articula os equipamentos e espaços públicos mais importantes na cidade, nomeadamente a Câmara Municipal, o Parque João de Deus, a Biblioteca, o Tribunal, o Casino Solverde, o Bingo e o Apartamento Hotel Solverde. Esta é uma rua destinada a peões que desemboca no passeio marítimo.

O atual casino de Espinho substituiu o antigo Casino e Cinema projetado pelo arquiteto Carlos Ramos. (Imagem 56) Este surgiu nos anos 80, numa época em que foi posta em causa a arquitetura moderna, em prol do pós-modernismo. O edifício é constituído por apenas um volume, genericamente de forma retangular, que apresenta uma saliência no topo localizada ao centro e uma saliência na fachada sul que representa uma extensão de parte da saliência anteriormente referida, sendo esta totalmente envidraçada pontuando a entrada do casino. Nas restantes fachadas o edifício é marcado por pilastras que definem diversas aberturas. Este edifício socorre-se do pós-moderno e do mais elementar da arquitetura de Robert Venturi, caracterizada no seu livro «Learning from Las Vegas», sendo

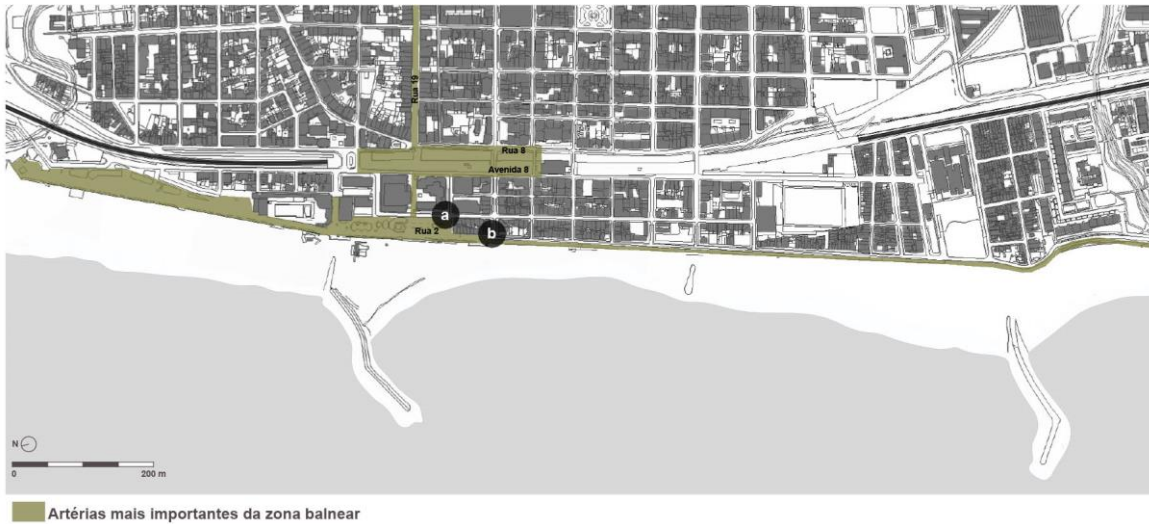


57 | Apartamento Hotel Solverde.

que se vai aproximando do “*decorated shed*”⁷², pois apesar de ter os princípios funcionais e estruturantes que são reconhecíveis, o edifício foi-se transformando num suporte à publicidade, que serve lhe de ordenamento.

O Apartamento Hotel Solverde é uma construção da mesma época do casino, está localizado a sul deste e apresenta a entrada virada a norte, em frente ao mesmo. (Imagem 57) Este edifício demonstra uma forma muito irregular, os dois primeiros pisos possuem uma morfologia em U, com abertura voltada para norte, sendo que os restantes pisos se desenvolvem a partir do braço a nascente e da base do U, formando distintas torres com diferentes cêrceas. Nos dois primeiros pisos encontram-se as galerias e o Bingo.

⁷² Venturi, R., Brown, D. S., & Izenour, S. (1977). *Learning from Las Vegas*. Cambridge, Massachusetts, and London, England: The MIT Press, pp.87-103.



58| Planta atual de Espinho com indicação das artérias mais importantes na zona balnear.



59| Planta de Espinho de 1933.

2.5 | Reflexões sobre a zona balnear

Com a chegada a Espinho dos banhistas deu-se uma grande transformação no território. Para além das melhorias nas construções, houve um ordenamento dentro e fora do areal. Ao longo das diferentes décadas foram surgindo diversos equipamentos que ostentaram a prática balnear, e que durante a sua vigência foram referências importantes nesta praia, contudo o progresso levou a que algumas dessas referências ficassem descontextualizadas tendo que ser substituídas ou melhoradas. Nesta estância balnear destaca-se o jogo que levou à construção de edifícios que foram referências no passado, e de novos edifícios que são referências atuais. Apesar das alterações inculcadas face à evolução dos tempos, o prestígio da zona balnear manteve-se, tendo ocorrido poucas modificações em termos de preferência dos espaços e das artérias urbanas, que ao longo dos tempos reforçaram a sua importância. (Imagem 58)

O sistema urbano vigente atualmente em Espinho assenta na malha ortogonal, regular e geométrica que compartimentou áreas formando quarteirões, implicando um crescimento estruturado. Nestes quarteirões a edificação implantada forma uma fachada heterogénea ao longo das ruas, pois a construção foi surgindo consoante as necessidades, tendo havido uma agregação desta com o passar do tempo, independentemente da sua tipologia. Verifica-se que a zona a poente da linha de comboio é constituída maioritariamente por construção antiga sendo que esta zona já se encontrava praticamente ocupada em 1933 (Imagem 59), tendo havido uma reformulação da frente urbana preexistente, tendo sido os edifícios reformulados, reconstruídos ou destruídos em prol de novas construções.

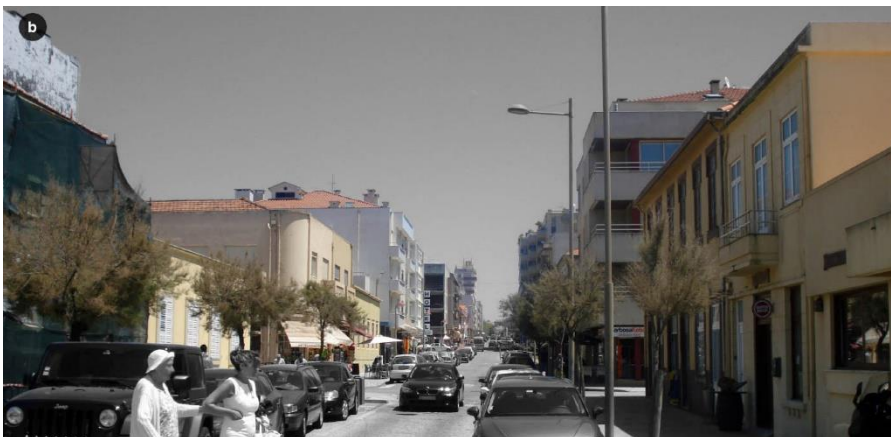
Algumas construções existentes na malha urbana, como por exemplo, o casino, a piscina, o Hotel Praia Golfe e o Apartamento Hotel Solverde, são objetos independentes com uma linguagem e uma escala própria que não se integram na linguagem preexistente, no entanto, o espaço público supera a objetualidade destes edifícios. Denotando-se que o espaço acaba por ser contruído pelos vazios embora o que seja perceptível sejam os



60 | Vista aérea atual Espinho.



61 | Diferentes tipologias na Rua 4.



62 | Diferentes tipologias na Rua 2.

objetos⁷³. O espaço público “(...) converteu-se no contexto e na matéria básica dos sistemas arquitetônicos contemporâneos.” (Montaner, 2008, p. 22) (Imagem 60)

A predefinição de uma malha ortogonal gerou uma matriz no espaço urbano, que limitou as construções nos quarteirões, contudo não limitou o crescimento e as transformações que foram surgindo ao longo dos tempo, remetendo à semelhança do que se verificou na zona piscatória, para um sistema do tipo “*Arquitecturas com o Tempo*”⁷⁴, no entanto com contornos diferentes, tendo em conta que a construção implantada na zona balnear apresenta uma escala de desenvolvimento e volumetria diferentes. (Imagens 60 e 61) A realidade é efêmera e o tempo encarrega-se de a transformar, algo que é visível no espaço urbano de Espinho, os sistemas arquitetônicos procuram integrar a diversidade e adaptar-se aos diferentes meios existentes, um condição plenamente reconhecível pela malha urbana que permite a variedade do geral.

⁷³ Montaner, J. M. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.19.

⁷⁴ Ibidem, pp.107-110.

2.6 | Síntese gráfica das transformações urbanas



63 | Cronologia dos primeiros intervenientes na praia de Espinho.



64 | Planta de Espinho de 1900.



65 | Planta de Espinho de 1933.



66 | Carta Militar de Espinho de 1975.



67 | Planta de Espinho de 2014.

Artérias mais importantes da zona balnear
 Marcação da distribuição dos pescadores

- 1- Teatro Aliança (1890) 2-Capela de Santa Maria Maior (1877) 3-Estação de Combolo (1874) 4-Assembleia Recreativa (1964) 5-Café Chinês (1888) 6- Hotel Bragança
- 7- Hotel Beira Mar 8-Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (atribuído adquirido em 1888) 9-Hotel Universal 10-Bairro da Rainha 11-Possível localização do Bairro da
- Mata (1897) 12- Fábrica de Conservas Brandão, Gomes & C.ª (1894) 13- Bairro do Diário de Notícias (1931) 14- "Ilha do Sal" 15- Bairro da Câmara (1965) 16- Bairro
- Piscatório (1945) 17-Capela de S. Pedro (1941) 18- Hotel Praia Golfe 19- Piscina Solário Atlântico 20-Casino e Cinema 21- Palácio Hotel 22- Casino Solverde
- (1982) 23- Apartamento Hotel Solverde 24- Bingo 25- Estádio Comendador Manuel de Oliveira Violas 26- Museu Municipal de Espinho 27- Bairro da Marinha



68 | Praia de Esmoriz em 1907.

3 | ESMORIZ

3.1 | Considerações Gerais

As referências a Esmoriz remontam à época romana, em que era designada de Ermeriz ou Hermeriz. No entanto, a formação da freguesia remonta aos tempos da reconquista Cristã. Esta freguesia consta num floral da Vila Nova da Feira em 1514, tendo permanecido sobre alçada administrativa desta até 1879, data em que foi adjudicada ao concelho de Ovar até aos dias de hoje, excetuando o período de 1926 a 1928 em que esteve sobre a alçada de Espinho.⁷⁵

A agricultura e a pesca foram as primeiras atividades desta região, tendo sido a lagoa de Esmoriz, designada de Barrinha⁷⁶, fundamental para estas atividades, pois era rica em peixes; erva que dava pastagem ao gado; e moliço que florescia nas margens e servia de fertilizante nos terrenos. A primeira ocupação de pescadores na praia ocorreu apenas no século XVIII durante a época da safra⁷⁷, até aqui os habitantes de Esmoriz apenas recorriam à praia quando necessitavam de pescar na Barrinha.

Os finais do século XIX foram importantes para esta praia, pois a introdução do caminho de ferro⁷⁸ impulsionou a chegada dos banhistas. Apesar de a estação do comboio não estar tão próxima da praia como acontecia em Espinho, desempenhou um papel importante no desenvolvimento do turismo balnear facilitado pela existência da Barrinha, que permitia o transporte de turistas de barco até à praia feito pelos próprios pescadores.

Quando os banhistas chegaram a esta praia instalaram-se nos palheiros dos pescadores tendo posteriormente construído os seus próprios. (Imagem 68) As condições

⁷⁵ Nogueira, M. (1998). *Urbanismo marginal em faixas costeiras: Contributo para o Planeamento e Gestão do Litoral de Paramos e Esmoriz*. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Arquitetura- Universidade do Porto, Portugal, pp.84-85.

⁷⁶ A primeira referência à Barrinha surgiu em 897 como Lagoa de Ovil, nela desaguam o Rio Maior e o Rio Lambo (Rio de Maceda). Amorim, P. A. (1986). *Esmoriz e a sua história*. Esmoriz: Comissão de Melhoramentos, p.228.

⁷⁷ Bebiano, A. C. (Julho 2002). Palheiros de Esmoriz e Cortegaça. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*(2), 45-52, p. 46.

⁷⁸ O caminho de ferro foi importante para o desenvolvimento da indústria nesta região, destacando-se a tanoaria e a cordoaria até aos anos 70.

na praia eram precárias, as construções estavam dispostas irregularmente. Em 1902, houve a necessidade de alinhar as construções através da definição de arruamentos, contudo ainda de uma forma elementar tendo sido demarcados por esteios. (Imagem 69) Com o desenvolvimento do turismo balnear existiu uma nova tentativa de realizar um ordenamento do território, feito pela Comissão Distrital de Aveiro em 1913, através da divisão do areal em glebas. Esta planta “(...) constitui, por assim dizer o esqueleto da maior parte da praia de Esmoriz (...)” (Melo, 1997, citado por José Sá Ferreira, 1972, p.38) Estes alinhamentos da construção impostos pelas autoridades levaram a que esta ficasse mais desprotegida das fortes movimentações de areia que eram trazidas pelos ventos. Estes fatores aliados às inundações levaram à adaptação dos palheiros que foram levantados sobre estacas, tendo surgido em Esmoriz o palheiro palafítico.

Tal como em outras zonas costeiras as invasões do mar trouxeram problemas para a comunidade piscatória que estava muito exposta, fazendo com que os pescadores fossem reivindicando novas terras. (Imagem 70) Entre 1947 e 1989 o recuo da costa em Esmoriz foi de aproximadamente 3 metros por ano⁷⁹, tendo surgido na década de 70 as primeiras obras de defesa nesta zona da costa, através da colocação de esporões ao longo desta.

Até à década de 50, o povoado da praia de Esmoriz estava localizado a sul junto à Avenida da Praia, contudo o interesse despertado pelo braço da Barrinha levou ao aparecimento da construção na zona norte da praia, junto a este recurso natural. No entanto, o desenvolvimento desta zona não foi significativo, mesmo existindo uma grande afluência a esta praia, pois esta não dispunha de recursos suficientes que proporcionassem o seu desenvolvimento. O maior desenvolvimento desta zona verificou-se nos anos 90, numa época em que esta vila foi elevada a cidade.

A zona piscatória permaneceu a sul, tendo surgido junto a esta o parque de campismo nos anos 70, que introduziu um pouco da dinâmica balnear na zona sul, no entanto, a zona norte é que se desenvolveu verdadeiramente como estância balnear, tendo sido aí criados alguns equipamentos na frente marítima que suportam esta prática,

⁷⁹ Ferreira, C. L. (2014). Parecer Técnico sobre o impacto de temporais e opções de intervenção no litoral no Concelho de Ovar (pp. 1-30). Faro, p.11.



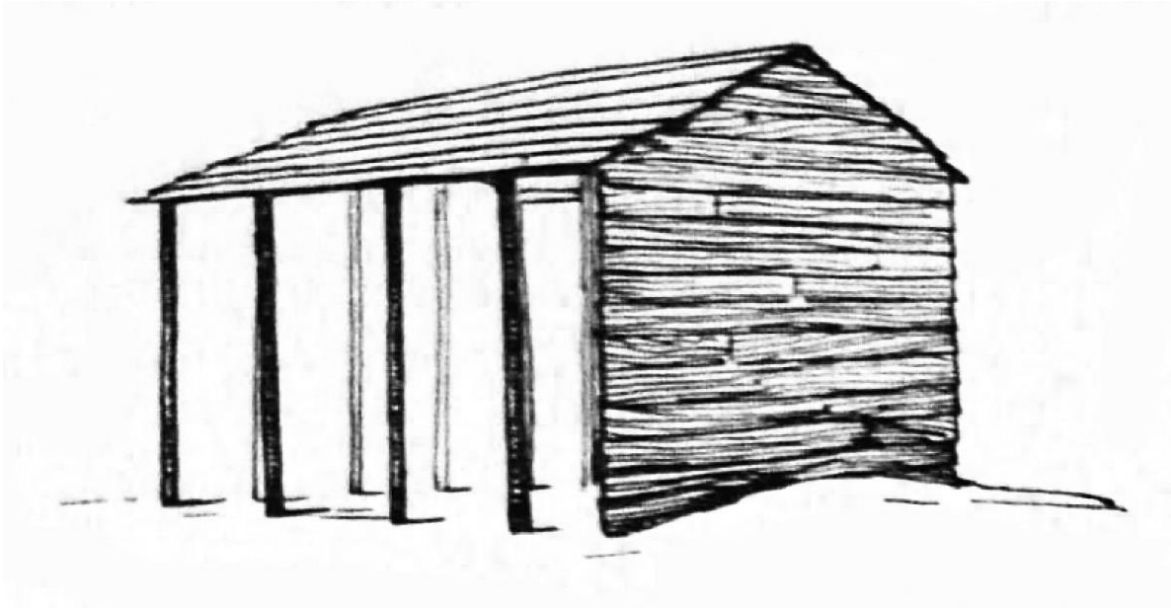
71 | Vista aérea atual da praia de Esmoriz.

ao passo que na zona sul a frente marítima é ocupada pelo bairro piscatório que cresceu segundo livre arbítrio, tendo havido uma forte expansão da construção clandestina.

A pesca foi muito importante em Esmoriz até às últimas décadas do século XX⁸⁰. A praia era habitada pelo Vareiros⁸¹, que com as condições favoráveis exerciam a sua atividade no mar, mas com as marés agrestes a pesca realizava-se na Barrinha. Esta lagoa desempenhou assim um papel fundamental no crescimento urbano e no desenvolvimento socioeconómico da praia Esmoriz. Contudo, “A tendência no último cartel do séc. XX foi para o sucessivo assoreamento da laguna. Aquela que era no início do século uma fonte de sobrevivência para pescadores passou a ser uma massa de água estagnada e muito poluída.”(Sousa, 2003, p. 64) (Imagem 71)

⁸⁰ Bebiano, A. C. (Novembro 2007). Interpretação e ecossistemas Urbanos: o caso de Esmoriz. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*(7), 123-140, p.126.

⁸¹ A parte alta da cidade era ocupada pelo Vilões.



72 | Palheiro térreo de Esmoriz.



73 | Capela de Nossa Senhora dos Aflitos e da Boa Viagem em 1939.



74 | Antiga Capela de Nossa Senhora dos Aflitos, com a Nova Capela ao fundo; fotografia da década de 40.

3.2 | Transformações na zona piscatória

O primeiro foco de ocupação pela comunidade piscatória em Esmoriz surgiu no século XVIII, cerca de 1750⁸², por parte de pescadores oriundos de Ovar e de terras vizinhas do interior. Estes ocuparam a zona sul de Esmoriz, implantando-se no Largo do Senhor dos Aflitos, “O Bairro encontrava-se localizado numa área actualmente submersa e a vários metros, no sentido do mar, da actual linha de costa.”(Nogueira, 1998, p. 85). Inicialmente permaneciam na praia apenas na época da safra, no verão dedicavam-se à pesca e no inverno à agricultura.

Inicialmente os pescadores abrigavam-se nos armazéns e nas casernas das empresas do setor, inseridos na duna eram construções de pau-a-pique, temporárias, precárias, descuidadas e sem pavimentação.⁸³ Aos poucos começaram a construir os primeiros palheiros, que à semelhança dos de Espinho eram:

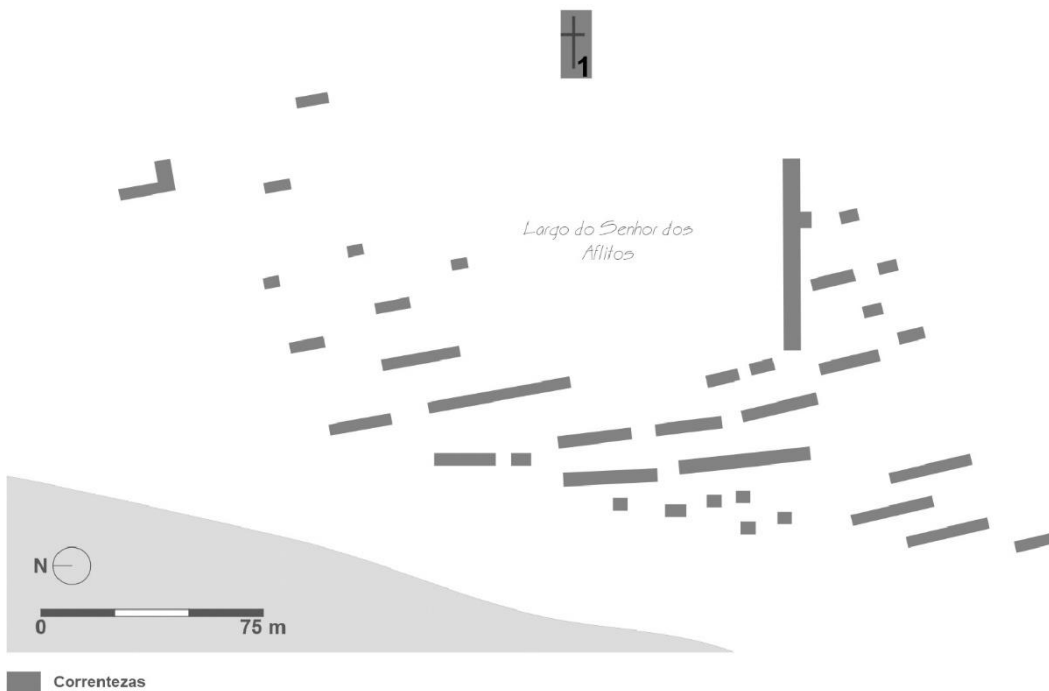
(...) térreos e pequenos, com os prumos de pinho espetados directamente na areia, de pau-a-pique, e o revestimento exterior de tabuado neles pregado e disposto, por isso, horizontalmente, sem soalho- apenas junco a recobrir a areia do chão - nem forro interior: a cobertura era de duas águas igualmente de tabuado. (Bebiano, julho 2002, p. 46) (Imagem 72)

Com o aumento da população foi construída a pequena capela de pedra e cal, do Senhor dos Aflitos e da Senhora da Boa-Viagem⁸⁴, que foi inaugurada em 1866. Tendo sido provavelmente esta a primeira construção de pedra e cal na praia de Esmoriz. A capela foi posteriormente abandonada devido aos sucessivos avanços do mar que a destruíram. (Imagem 73) Tendo sido construída um pouco mais a nascente uma nova capela inaugurada em 1948. (Imagem 74)

⁸² Bebiano, A. C. (Julho 2002). Palheiros de Esmoriz e Cortegaça. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar* (2), 45-52, p.46.

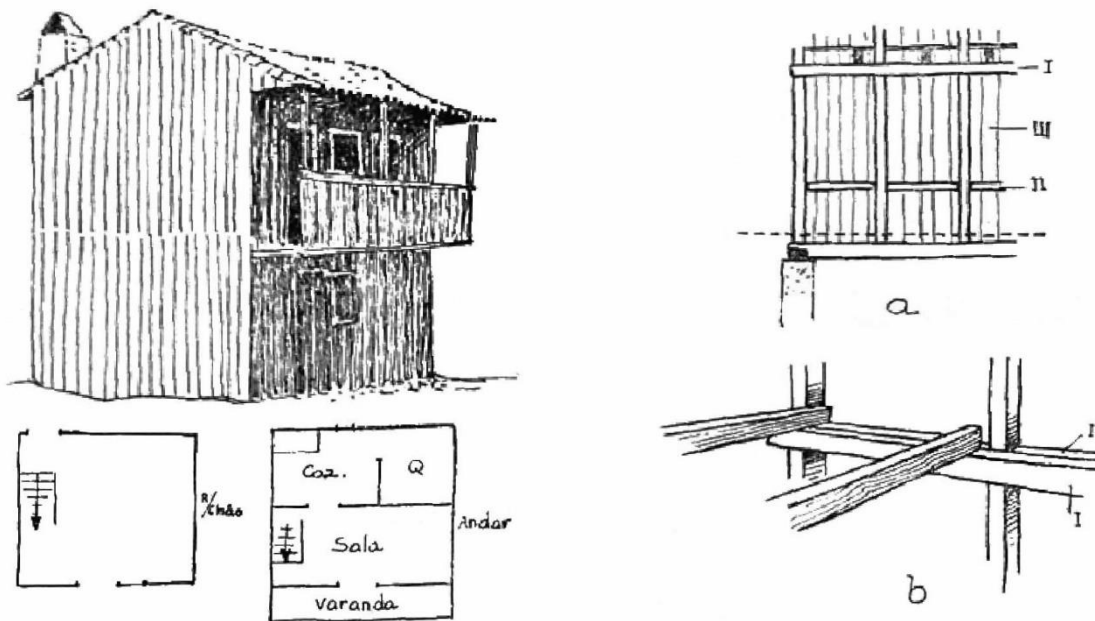
⁸³ Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.22.

⁸⁴ Posteriormente à inauguração da capela, foi acrescentado um telheiro de madeira que estava um pouco elevado do solo devido à forte movimentação de areias, mais tarde, nos anos 30 com a estabilização das areias o telheiro foi revestido até ao chão.



1- Capela de Senhor dos Aflitos e da Nossa Senhora da Boa Viagem

75| Planta de Esmoriz de 1902 que demonstra as correntezas de palheiros.



O desenho mostra a face uma parede, com a viga em que assenta o travejamento do sobrado (a-I), e os tarugos (a-II) a que prega o forro disposto verticalmente (a-III). No desenho b vê-se um promenor da viga (b-I) apenas pregada aos prumos, como é costume; e os tarugos (b-II) aos quais prega o forro.

76| Palheiro de dois pisos de um pescador, localizado na praia de Esmoriz.

A fixação permanente desta população era dificultada pela falta de água potável e pela inexistência de acessos pedonais e viários. No entanto, “No início do século XIX, a abundância do peixe e o aumento do número de companhas dão origem aos primeiros núcleos de palheiros já como residência permanente (...)” (Bebiano, 2002, p. 47) Posteriormente, este núcleo de palheiros foi ganhando consistência, tendo sido orientados em banda no sentido dos ventos predominantes, nor-noroeste, formando as correntezas de palheiros com o intuito de terem alguma proteção face à grande quantidade de areias que eram transportadas pelos ventos, permitindo assim uma maior fluidez destas. (Imagem 75)

Com a introdução da alagem da rede por bois em 1870⁸⁵, os lavradores vieram melhorar a construção dos palheiros existentes, contudo apenas permaneciam na praia durante a época da safra. Estas habitações dispunham de dois pisos, abrigando no rés do chão os bois, enquanto o piso superior era ocupado pelas famílias que possuíam uma sala, uma cozinha com lareira e uma ou duas divisões. A varanda pontuava a fachada principal, podendo ocupar metade ou todo o comprimento do edifício, sendo abrigada por um telhado de duas águas. Em toda a sua extensão a habitação era revestida por um tabuado horizontal. A estrutura era composta por prumos espetados na areia e tarugos dispostos na horizontal que travavam a estrutura.⁸⁶ Alguns pescadores possuíam palheiros semelhantes aos dos lavradores, sendo que a diferença residia no facto de os pescadores destinarem o rés do chão para o arrumo das redes, sendo por isso assoalhado. (Imagem76)

Com o desenvolvimento da praia balnear, foi necessário realizar o alinhamento da edificação em arruamentos, tendo sido por vezes efetuado em zonas com grande movimentação de areias. Estas areias chegavam ameaçar cobrir o palheiro, tendo sido o levantamento deste sobre esteios a solução encontrada para lidar com este problema, o que permitiu elevá-lo ou deslocá-lo sempre que necessário. Este tipo de palheiro era designado de palafítico⁸⁷. A deslocação do palheiro era feita através da “(...) elevação por

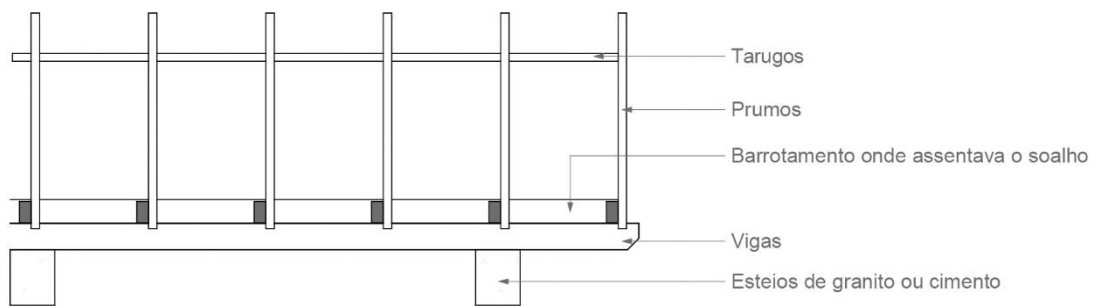
⁸⁵ Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.22.

⁸⁶ *Ibidem*, pp.23-25.

⁸⁷ *Ibidem*, p.25.



77| Praia de Esmoriz em 1907.



78| Estrutura de um palheiro palafítico.



79| Fotografia de 1942, dos palheiros construídos após o ciclone de 1941.

alçapremas ⁸⁸(alavancas) e a deslocação sobre grossos toros de madeira (o mesmo modo utilizado na alagem dos barcos), puxados por juntas de bois. Depois eram montados de novo noutra local, sobre outros esteios.”(Bebiano, 2002, p. 51) É possível verificar na fotografia da praia de Esmoriz, em 1907, que os palheiros já se encontravam elevados do solo. (Imagem 77)

O palheiro palafítico foi melhorado, tendo sido substituídas as estacas de carvalho, onde assentavam os prumos, por esteios de granito ou cimento, dispostos em duas filas onde assentavam duas espessas vigas paralelas que por sua vez apoiavam o barrotamento do soalho. Nesse barrotamento eram fixos os prumos travados por tarugos horizontais, estes geralmente ficavam entre o revestimento exterior e o forro interior. (Imagem 78) O telhado de duas águas, inicialmente de chapa zincada⁸⁹, estendia-se até à varanda. No espaço vazio entre o palheiro e a areia eram armazenados a lenha e os barcos. A estacaria do palheiro foi perdendo altura com a estabilização do movimento das areias, deixando de existir em alguns casos. ⁹⁰

Com a abertura das novas estradas no início do século XX a madeira deixou de ser a matéria-prima exclusiva, passando a utilizar-se a pedra, o tijolo e outros materiais mais resistentes, tendo surgido mudanças na construção, sendo que a partir de 1928 se generalizou a construção em alvenaria, entrando em decadência a construção em madeira.⁹¹

No ano de 1941, numa época de grande crise da arte xávega, um ciclone que assolou Esmoriz devastou principalmente a população de pescadores. Alguns deles sem apoio, para não dormirem ao relento, amontoaram os destroços em terreno que lhes calhou. Outros, mais afortunados, obtiveram apoio por parte da Capitania do Porto de Aveiro que construiu pequenos e pobres palheiros de madeira com apenas rés do chão. ⁹² Como é possível constatar numa fotografia de 1942. (Imagem 79)

⁸⁸ As alçapremas foram posteriormente substituídas por macacos.

⁸⁹ Na cobertura inicialmente usaram chapa zincada, posteriormente telha marselha.

⁹⁰ Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, pp.28-29.

⁹¹ *Ibidem*, p.29.

⁹² *Ibidem*, p.26.



80| Cartas Militares de 1975 e de 1996 com marcação do bairro piscatório.

Devido à falta de recursos a comunidade piscatória de Esmoriz foi construindo as suas precárias habitações de forma clandestina, que com o passar do tempo vieram a alojar as gerações seguintes, assim como pessoas que apesar de não estarem associadas à pesca padeciam dos mesmos problemas, tendo havido uma expansão destas construções para sul, junto à linha de costa; foi assim formada uma urbanização clandestina. Sendo perceptível que:

(...) o fenómeno da urbanização clandestina e da construção Clandestina em Portugal, é o resultado de desajustamentos e rupturas do capitalismo português e das respostas “espontâneas” que o sistema social vai encontrando para as necessidades, expectativas e projectos que não encontram saída através dos mecanismos institucionais. (Campos, 2001, p. 10)

É possível constatar através da comparação da cartografia de 1975 com a de 1996 que houve um aumento significativo de construção na zona sul, no bairro piscatório. (Imagem 80)

Este fenómeno, do bairro piscatório implementado próximo do mar formado em grande parte por construções clandestinas⁹³, foi gerando preocupações ao longo de vários governos, contudo apenas nos finais dos anos 90 foi feita uma tentativa consistente para resolver este problema, através do Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POOC) que visava o desenvolvimento da zona costeira promovendo: a erradicação das barracas; a melhoria das condições de vida; a proteção das dunas que se tratam de uma zona classificada como Reserva Natural, retirando construções aí existentes; e a promoção da zona costeira em termos turísticos.⁹⁴

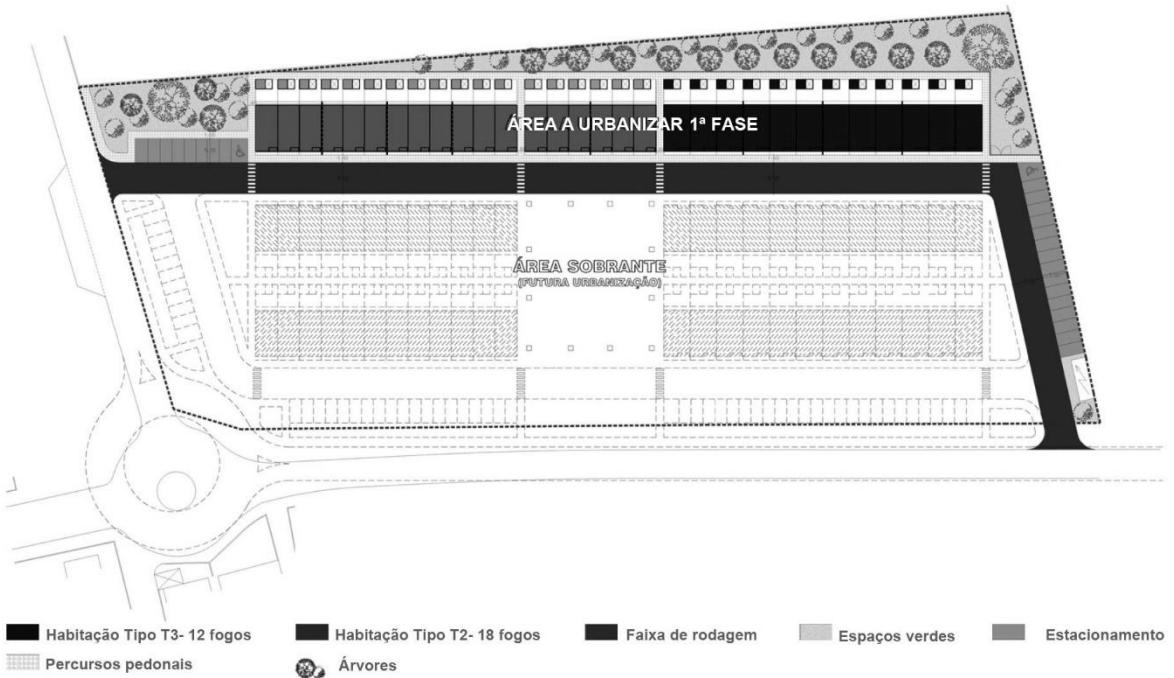
“O conjunto de casas a Poente da Rua dos Pescadores (rua paralela ao mar e entre este e a Av. Infante D. Henrique) é o alvo prioritário para a operação de realojamento.” (Nogueira, 1998, p. 107) Sendo que os moradores dessas casas, para além de estarem implantados numa zona de Reserva Natural, são os que mais sofrem com as investidas do mar, dada a sua proximidade. Contudo, esta operação também poderá abranger as famílias com graves carências económicas e condições de habitabilidade.

⁹³ Campos, M. A. (2001). *Do redimensionar: do realojamento: bairro piscatório, Esmoriz, Cortegaça*. (Prova Final), Faculdade de Arquitetura- Universidade do Porto, Portugal, p.19.

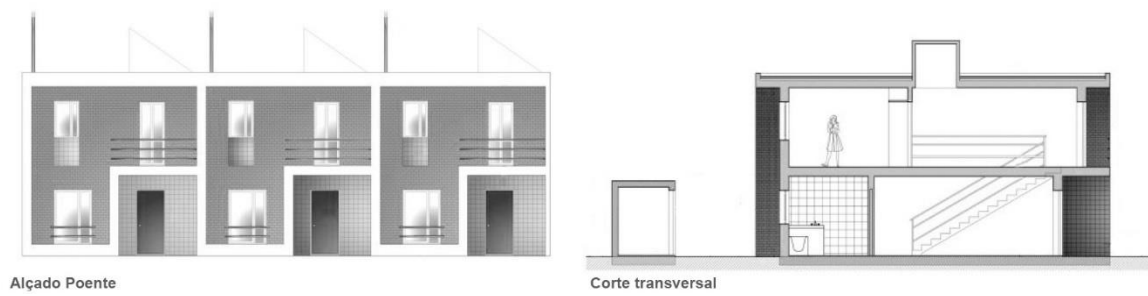
⁹⁴ *Ibidem*, p.47.



81 | Planta atual de Esmoriz.



82 | Planta de implantação, de 2011, do Conjunto Habitacional de Esmoriz.



83 | Alçado e Corte, de 2011, do Conjunto Habitacional de Esmoriz.

O realojamento seria efetuado de forma faseada no parque de campismo que recuaria para dentro da mata. A desocupação desta construção junto à linha de costa, para além de instalar as pessoas num local mais seguro face às investidas do mar, poderá proporcionar o desenvolvimento de novos projetos para esta frente marítima, podendo haver uma extensão da ocupação da zona balnear localizada a norte, para sul, à semelhança do que aconteceu em Espinho, em que a extensão do passeio marítimo para sul gerou uma nova dinâmica na frente marítima. (Imagem 81)

Apesar deste programa ter tido início no final dos anos 90, apenas desde há três anos tem sido verdadeiramente implementado em Esmoriz. O projeto mandado executar pela Câmara Municipal de Ovar, assenta na construção de 78 fogos com tipologias T2 (42 fogos) e T3 (36 fogos). Os fogos contém dois pisos, um logradouro e estão orientados a nascente/poente. A urbanização deste empreendimento será provida de estacionamento e espaços verdes, para além de uma praça retangular, que pretende ser mais de que um espaço de convívio e lazer, sendo também um espaço de trabalho ligado à faina onde podem ser executadas tarefas de grupo. O projeto encontra-se atualmente na primeira fase de construção, estando em construção 30 fogos habitacionais ⁹⁵. (Imagens 82 e 83)

⁹⁵ Conjunto Habitacional da praia de Esmoriz (2011). Anteprojectos. Acedido Abril 20, 2015, em <http://www.anteprojectos.com.pt/2011/12/19/conjunto-habitacional-da-praia-de-esmori/>.



- Bairro piscatório
- Linha da costa em 1902
- Edifícios
- Núcleo primitivo em 1902
- Ruas
- Ruelas
- Local da Fotografia
- a- Capela Senhor dos Aflitos b- Palheiros

84 | Planta atual de Esmoriz com marcação do núcleo primitivo.



85 | Vista sobre a Igreja do Senhor dos Aflitos e do Palheiro Amarelo.

3.3 | Reflexões sobre a zona piscatória

O Bairro Piscatório teve origem num grupo de pescadores que se implantou no Largo do Senhor dos Aflitos, tendo recuado para nascente e expandindo posteriormente para sul. Atualmente os pescadores não são os únicos moradores do bairro, tendo este também albergado pessoas carenciadas. Esta comunidade vive em constante sobressalto, pois o mar encontra-se a poucos metros do bairro e ameaça destruí-lo. (Imagem 84)

Nos dias de hoje, no largo do Senhor dos Aflitos, a poucos metros do bairro piscatório, ainda existem alguns palheiros da primitiva comunidade assentes na duna. Em frente destes para nascente, a Capela do Senhor dos Aflitos⁹⁶, inserida na malha urbana, é enaltecida com um simples arranjo urbanístico. Esta representa a crença da comunidade piscatória, sendo um espaço importante na caracterização da frente urbana, e não no bairro piscatório, apesar de ter sido erguida pela comunidade piscatória na década de 40. (Imagem 85)

O bairro piscatório é marcado por uma malha irregular, extremamente densa e desordenada. Esta malha labiríntica sobre ocupada é marcada por arruamentos pouco definidos, alguns deles culminam em espaços sem saída (largos) que garantem o acesso a algumas habitações (Imagem 84), pois estas foram surgindo sem que houvesse um planeamento predefinido, tendo o crescimento da construção e a definição do espaço público ficado ao encargo dos moradores, que os foram transformando consoante as necessidades. A construção foi se amalgamando de forma a aproveitar o espaço disponível, tendo formado um amontoado de formas heterogéneas, sendo que a disposição de algumas construções poderá ter sido influenciada pelo mar e pelos ventos⁹⁷. À semelhança do que acontece no bairro piscatório de Espinho, o espaço público é apropriado pela comunidade como espaço da casa, a rua é local de estar, espaço para secar a roupa e

⁹⁶ A capela foi inaugurada em 1948.

⁹⁷ Campos, M. A. (2001). *Do redimensionar: do realojamento: bairro piscatório, Esmoriz, Cortegaça*. (Prova Final), Faculdade de Arquitetura- Universidade do Porto, Portugal, p.28.



86 | Diferentes tipologias e arruamentos do bairro piscatório de Esmoriz.

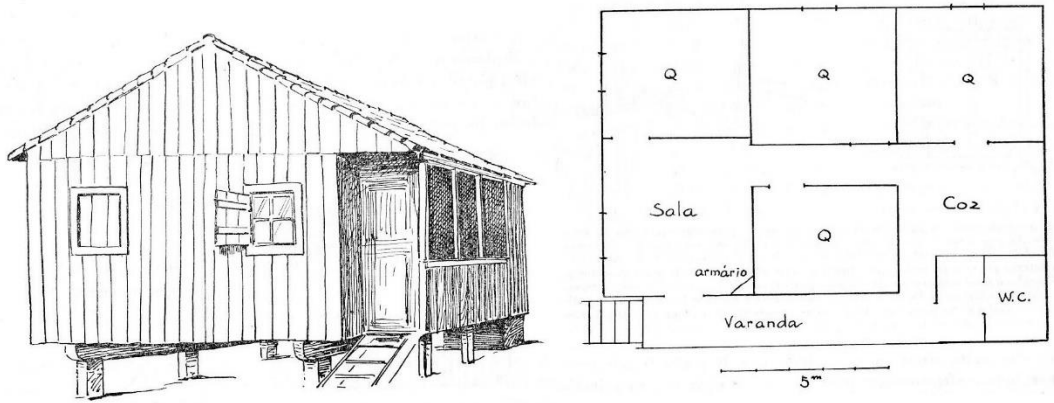


87 | Bairro Piscatório de Esmoriz visto da duna.

arranjo das redes. As tipologias existentes são diversas: palheiros reformulados, barracos, casas pré-fabricadas, casas de imigrantes e vivendas unifamiliares com jardim. Os recursos económicos ditaram a evolução da construção, sendo evidentes as graves carências económicas. (Imagens 86 e 87)

A zona do bairro piscatório de Esmoriz assemelha-se a um sistema do tipo “*Rizoma*”⁹⁸, sendo que “(...)aceita o caos da realidade e aspira a novas interpretações sem estrutura hierárquica nem ordem (...) O “*Rizoma*” não tem princípio, nem fim, nem tampouco memória.”(Montaner, 2008, p. 181) A ocupação perpetuada nesta zona encontra-se desenquadrada do restante espaço urbano, servindo a Avenida da Praia, que em tempos foi a artéria principal desta estância balnear, de limite entre realidades diferentes, contudo o surgimento de alguns bares e restaurantes junto a esta avenida introduziu alguma dinâmica da zona balnear junto ao bairro.

⁹⁸ Montaner, J. M. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, pp.182-188.



88 | Palheiro de Esmoriz de um banhista.



89 | Passeio de barco na Barrinha em 1942.

3.4 | Transformações na zona balnear

Os primeiros banhistas a chegarem a Esmoriz, por volta de 1860⁹⁹, vindos de Ovar e de terras vizinhas, ocuparam o espaço que já era habitado pelos pescadores, tendo por vezes se implantado nos palheiros dos pescadores ou construído as suas próprias habitações. O desenvolvimento da praia balnear tornou o alinhamento das ruas fundamental, tendo sido criados os palheiros palafíticos, que eram elevados do solo estando apoiados em estacas permitindo a adaptação aos movimentos da areia, que não foram tidos em conta no desenho dos alinhamentos (como já foi referido no capítulo 4.2). Alguns palheiros deste tipo abrigaram os banhistas, geralmente só continham um piso e uma arrecadação, e quase sempre dispunham de uma varanda que dava acesso ao exterior através de uma escadaria. O palheiro de planta retangular, no seu interior, dispunha de uma sala, sendo este espaço de chegada rematado por um quarto; a partir da sala surgia um corredor que distribuía para os restantes quartos e desembocava na cozinha. No revestimento exterior deste palheiro era utilizado um tabuado vertical.¹⁰⁰ (Imagem 88)

Os banhistas de manhã, após ouvirem o búzio do banheiro, saíam dos palheiros para irem a banhos. Após o banho regressavam aos palheiros, onde efetuavam a troca de roupa, pois ao contrário de outras praias, esta não dispunha de barracas junto ao mar, que permitissem executar essa tarefa. De seguida voltavam à praia para assistirem à chegada das companhas que gerava um alvoroço. Após o almoço, faziam uma sesta e depois jogavam às cartas à sombra no palheiro. De vez em quando iam até à Barrinha molhar os pés e merendar. Quem tinha barco, aproveitava as águas da lagoa para passear. (Imagem 89) Ao anoitecer dispunham ainda de um momento lúdico, jogando às cartas antes de se deitarem.¹⁰¹

⁹⁹ Oliveira, E., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.22

¹⁰⁰ Ibidem, pp.25-26.

¹⁰¹ Ferreira, V. (1986). A praia de Esmoriz em 1912. *A voz de Esmoriz* (526-527).



90| Carta militar de Esmoriz de 1948.



91| Fotografia de 1964: braço da Barrinha e em frente o Barra Mars.



92| Vista aérea de Esmoriz nos anos 70.

Nos anos 50 ocorreram algumas modificações importantes em Esmoriz, ascendeu a vila¹⁰², e junto à Barrinha, a norte do povoado existente naquela data, surgiram as primeiras habitações e equipamentos públicos - restaurante Barrinha¹⁰³ (atual café Barra Mars) e restaurante Gaivota¹⁰⁴, localizados na atual Avenida da Barrinha.

Esta zona a norte era até então praticamente inabitada, como é visível na cartografia de 1948. (Imagem 90) Até aqui o quotidiano processava-se essencialmente junto à Estrada do Mar¹⁰⁵. Um dos principais fatores que despontou o desenvolvimento na zona norte da praia foi a existência da Barrinha, que continha um braço paralelo ao mar, que atraía os veraneantes. (Imagem 91)

Não tendo correntes, por vezes perigosas para os nadadores inexperientes, cercado de margens constituídas por areia fina, de piso agradável, rodeado dum ambiente de aspecto selvagem, o braço da Barrinha paralelo ao mar é na verdade o Paraíso da mocidade que ama a vida ao ar livre. (Ferreira, 1959, p.83)

Quando os banhistas passaram a ocupar a zona norte da praia, deverão ter surgido as primeiras barracas de pano, sendo que estas geralmente eram organizadas perpendicularmente à linha da costa. (Imagem 92)

O aumento do fluxo do automóvel devido ao aumento do interesse turístico, levou a que nos anos 60 houvesse um melhoramento de algumas ruas, com destaque para a Avenida Joaquim Oliveira e Silva, que passou de 10 metros para 24 metros, em 1960¹⁰⁶, esta avenida desempenhava um papel importante apenas no acesso à praia, não dispendo de equipamentos que satisfizessem as necessidades dos banhistas; nesta época deu-se também um aumento do restaurante Barrinha¹⁰⁷. O grande problema desta zona foi a falta de desenvolvimento a um ritmo significativo, denotando-se a falta de recursos e a supressão ou atrofiamento de largos e caminhos públicos.¹⁰⁸ Esta carência de

¹⁰² A ascensão a Vila deu-se em 1955.

¹⁰³ O restaurante Barrinha foi inaugurado em 1954.

¹⁰⁴ O restaurante Gaivota deverá ter surgido nos anos 50, pois este consta numa fotografia de 1959, para além disso, na cartografia de 1948 ainda não existia edificado nesta zona norte da praia, reforçando a ideia da sua construção nos anos 50.

¹⁰⁵ Atualmente designada de Avenida da Praia.

¹⁰⁶ Ferreira, J. S (s.d.). *Avenida Cinco*.

¹⁰⁷ A expansão do restaurante Barrinha é possível verificar na fotografia datada de 1964. (Imagem 89)

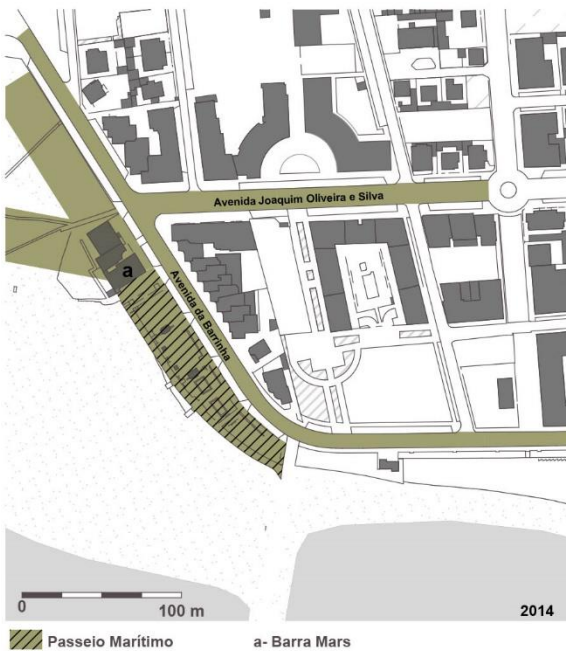
¹⁰⁸ Ferreira, J. S. (1969). *A praia de Esmoriz e o seu desenvolvimento*.



93| Planta atual de Esmoriz.



94| Cartografia de 1990 e de 1996 que demonstra o desenvolvimento da zona norte da praia de Esmoriz.



95| Planta atual de Esmoriz.



96| Restaurante Barrinha nos anos 50.

desenvolvimento foi uma consequência do afastamento da sede de concelho, apesar das iniciativas da junta, existia falta de receita e havia uma dependência muito grande das entidades superiores.

Apesar de não ter havido uma construção significativa na zona norte da praia, foram construídas algumas habitações próximas ao braço da Barrinha, num local para onde este se estava a expandir, ficando inevitavelmente ameaçadas. Por este motivo o braço da Barrinha teve de ser amputado em 1979, tendo sido assim amputada também a grande atração desta praia.

A década de 90 foi fundamental para o crescimento balnear da praia de Esmoriz. Em 1993 a vila foi elevada a cidade e houve um grande desenvolvimento da zona norte. Até esta data a construção existente predominava sobretudo na zona sul, sendo praticamente inexistente a norte – a zona do Pinhal da Aberta junto à Barrinha até então era praticamente desabitada. (Imagem 94)

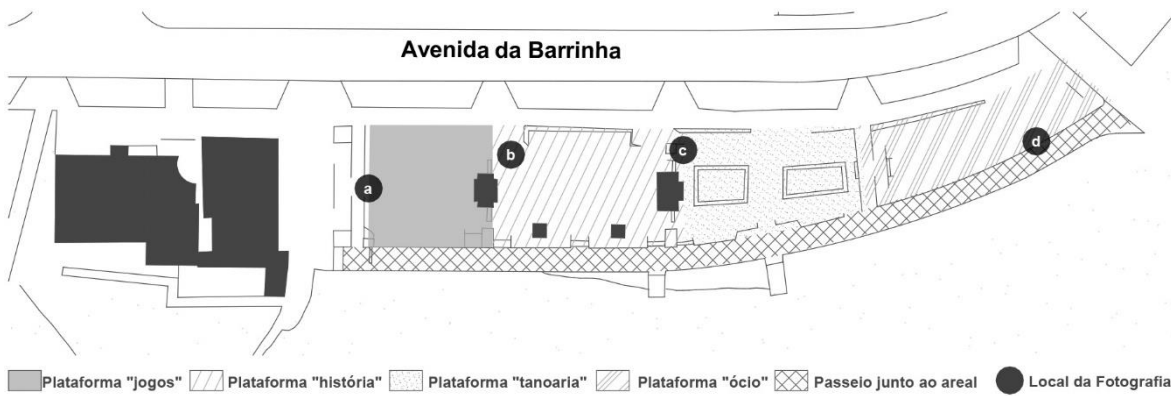
Os finais do século XX e início do século atual foram marcados pelo contínuo reforço da zona norte da praia como estância balnear, destacando-se o melhoramento de parte da frente marítima; a construção de novos apoios de praia a norte do restaurante Barrinha; e o desenvolvimento dos serviços na Avenida Joaquim Oliveira e Silva, reforçando a sua importância na dinâmica balnear.

Atualmente destaca-se na dinâmica balnear a Avenida da Barrinha e a Avenida Joaquim Oliveira e Silva que conjuntamente proporcionam alguns equipamentos de apoio à dinâmica balnear. Para esta dinâmica os elementos mais importantes são o café Barra Mars e o passeio marítimo. (Imagem 95)

O restaurante Barrinha (Imagem 96) foi inaugurado em 1954, e desde então é uma figura de relevo nesta estância balnear, que está intimamente associado à memória visual de quem frequenta esta praia. Este edifício surgiu numa época em que era difícil para o regime do Estado Novo reprimir o surto de obras de arquitetura moderna, sendo que os arquitetos “(...)passam a reivindicar a adopção dos princípios da Arquitectura do Movimento Moderno com a utilização dos materiais modernos e das arrojadas estruturas que os engenheiros sabem conceber.” (Tostões, n.d., p.17) Não sendo uma modernidade total era um edifício que demonstrava algum arrojo modernista que lhe



97| Barra Mars.



98| Planta atual do passeio marítimo de Esmoriz.



99| Plataforma "jogos".

conferia evidência. Tratando-se de um edifício com uma volumetria que apresentava uma simplicidade geométrica, despojado de ornamentação, a sua expressão era conferida pela estrutura. Era um edifício composto por dois pisos e um terraço, sendo as fachadas marcadas pelos pilares que sustentavam as varandas, assumindo ambos o protagonismo, e transformando-o em edifício esplanada. Apesar dos traços modernistas, o pano de fundo das fachadas apresentava uma heterogeneidade de aberturas remetendo para algum conservadorismo.

Ao longo dos tempos o edifício foi sofrendo diversas alterações, tendo sido acrescentado um novo volume mais baixo a norte, que contribuiu para a descaracterização da volumetria inicial, para além disso o rés do chão foi completamente remodelado deixando de ter em evidência os pilares que compunham a estrutura, tendo sido cobertos por uma parede marcada por aberturas desconectadas com as preexistentes, tendo algumas delas sido cobertas com publicidade, perdendo a sua funcionalidade. O novo acrescento tenta replicar parte da linguagem utilizada no volume original, no entanto, no geral a linguagem deste é bastante heterogênea, repercutindo assim a necessidade que houve em fazer sucessivos acrescentos a este ícone da praia de Esmoriz, que atualmente comporta diversas funções desde café, bar, discoteca até loja de chineses. (Imagem 97)

O passeio marítimo, inaugurado em 1999, com 150 metros de extensão ao longo da Avenida da Barrinha, inicia-se junto ao edifício do Barra Mars. Este espaço de lazer está subdividido em quatro áreas temáticas, demarcadas por diferentes cotas que acompanham a subida da Avenida. (Imagem 98)

No primeiro patamar, junto ao Barra Mars, existe uma demarcação no pavimento de grandes dimensões, representativa de um tabuleiro de xadrez, estando próximo da avenida, enquanto o lado oposto contém uma mesa de ténis em betão. Estes elementos são alusivos ao tema dos jogos. Neste espaço existe ainda um pequeno apoio de praia que apresenta características diferentes das que predominam na envolvente. Trata-se de uma pequena construção em alvenaria caiada a branco, cujo elemento de destaque é uma cúpula central, que assenta sobre um cubo, ao qual estão acoplados dois paralelepípedos simétricos um pouco mais baixos. (Imagem 99)



100| Plataforma "história".



101| Plataforma "tanoaria".



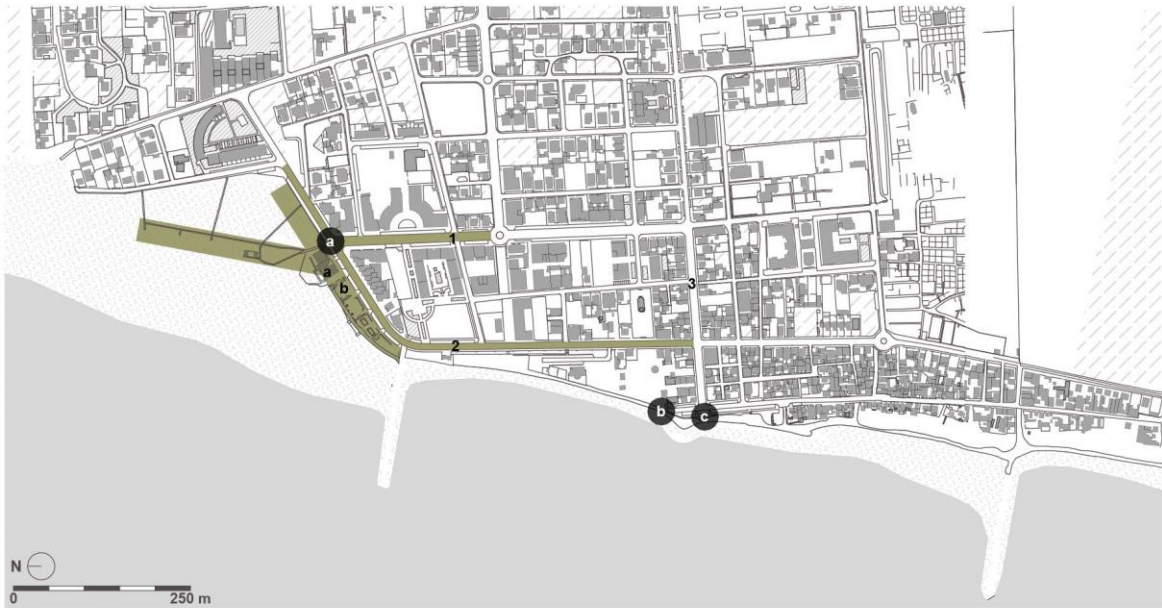
102| Plataforma "ócio".

No patamar subsequente existe uma representação em betão das ondas do mar, onde em tempos assentava um barco que enfatizava esta cenografia. Para além disso em dois lados consecutivos existem apoios de praia que são uma tentativa de representação dos palheiros. Estes elementos são alusivos à história da praia. (Imagem 100)

No patamar seguinte existem duas plataformas onde estão dispostos pipos em betão, que fazem uma alusão à indústria da tanoaria. (Imagem 101)

O último patamar que se encontra à cota mais elevada é um espaço amplo com mobiliário urbano cujo objetivo é a contemplação da paisagem, sendo alusivo ao ócio. (Imagem 102)

Estas cenografias são acompanhadas por um passeio junto ao areal.



Artérias mais importantes na zona balnear

a- Barra Mars b- Passeio marítimo 1- Avenida Joaquim Oliveira e Silva 2- Avenida da Barrinha 3- Avenida da Praia

103 | Planta atual de Esmoriz.



104 | Avenida Joaquim Oliveira e Silva.



105 | A fotografia de cima apresenta a Avenida da Praia, com destaque para a Igreja Matriz; a fotografia em baixo mostra o remate desta avenida a ponte, na Praça da Companhas.

3.5 | Reflexões sobre a zona balnear

A zona norte da praia de Esmoriz obteve nas últimas décadas um grande desenvolvimento, passando a ser o foco da dinâmica balnear. Esta dinâmica está presente essencialmente na Avenida da Barrinha e na Avenida Joaquim Oliveira e Silva, sendo que nestas avenidas estão concentrados a maioria dos serviços que apoiam e fomentam essa dinâmica. (Imagens 103 e 104) Outrora a existência da Barrinha foi o principal motor do turismo balnear nesta região, no entanto, atualmente o seu papel representa apenas uma sombra do que foi anteriormente. Este facto deveu-se à eliminação do braço da Barrinha causado pela construção sem planeamento prévio, que veio a ser prejudicial tanto para o turismo como para o crescimento desta região. Apesar deste facto, é no local que em tempos existiu o remate do braço da Barrinha que se encontram os ícones desta estância balnear – café Barra Mars e o passeio marítimo. Como foi referido no ponto anterior o café Barra Mars está intimamente ligado à memória de quem frequenta esta praia, enquanto que o passeio marítimo demonstra a intenção da Câmara de Ovar em recriar uma cenografia complexa numa frente com cerca de 150 metros de extensão, tendo permanecido até à data a restante frente marítima para sul sem tratamento urbanístico, tornando a dinâmica diferente a partir daquele espaço.

A malha urbana da praia de Esmoriz apresenta alguns eixos diretores, denota-se contudo a ausência de um planeamento estruturado, ao contrário do que aconteceu em Espinho. Esta falta de planeamento levou a que, por exemplo, a Avenida da Praia, que no início do século XX era o eixo principal desta zona, tenha perdido alguma da sua preponderância, apesar de este fazer o encaminhamento para a Igreja Matriz e Junta de Freguesia. Uma lacuna importante no sistema de eixos da cidade é a ausência de ligação entre a Praça das Companhas, onde desemboca o eixo da Avenida da Praia junto ao mar e onde não existe tratamento urbanístico, à zona norte da praia que teve um desenvolvimento mais recente. (Imagem 105)

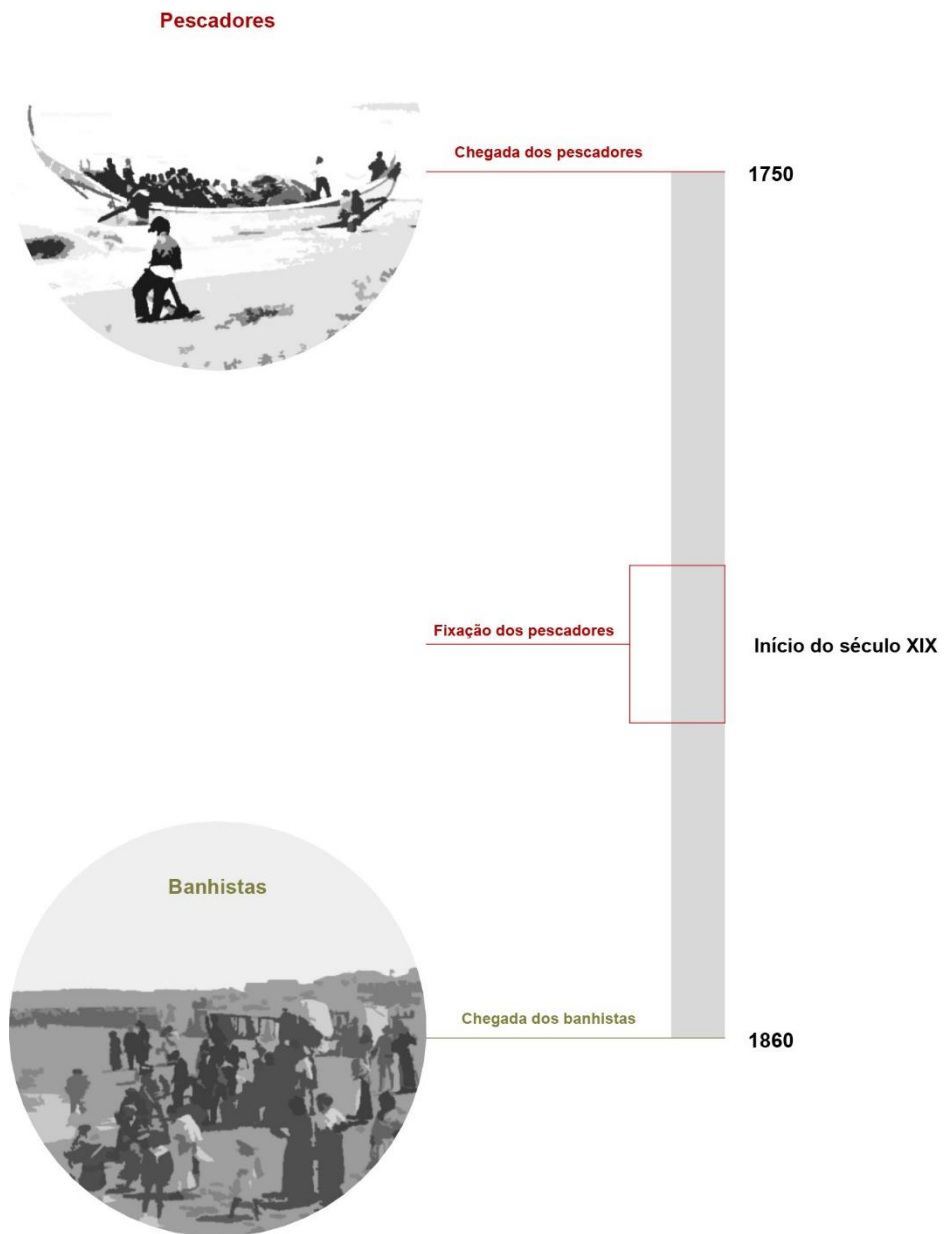


106 | Vista aérea atual da zona norte da praia de Esmoriz.

De uma forma geral, na malha urbana da praia de Esmoriz denota-se um sistema do tipo “*Arquitecturas com o tempo*”¹⁰⁹, apesar de a malha urbana não ter tido uma forte estruturação, esta apresenta alguns eixos diretores que remetem para uma ordem preestabelecida tendo o edificado se desenvolvido com diferentes tipologias segundo essa ordem, à semelhança do que foi possível constatar em Espinho. (Imagem 106)

¹⁰⁹ Montaner, J. M. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, pp.107-110.

3.6 | Síntese gráfica das transformações urbanas



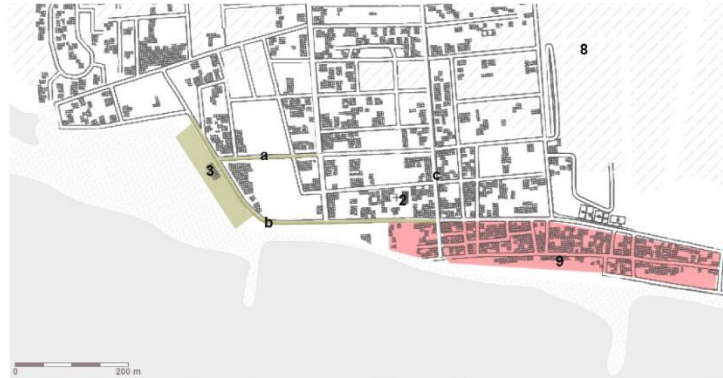
107 | Cronologia dos primeiros intervenientes na praia de Esmoriz.



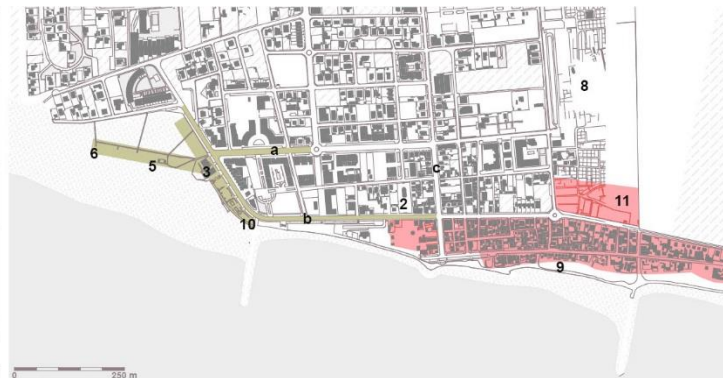
108| Carta Militar de Esmoriz de 1948.



109| Carta Militar de Esmoriz de 1975.



110| Carta Militar de Esmoriz de 1996.



111| Planta de Esmoriz de 2014.

■ Avenidas e espaços mais importantes da zona balnear

■ Marcação da distribuição dos pescadores

a- Avenida Joaquim Oliveira e Silva b- Avenida da Barrinha c- Avenida da Praia 1- Lagoa Barrinha 2-Capela Senhor dos Aflitos (1948) 3-Restaurante Barrinha, atual café Barra Mars (1956) 4-Restaurante Gaivota (anos 60) 5- Pé na Areia 6- Capitão Gancho 7- Parque Ambiental Buçaquinho (2013, antiga ETAR) 8-Parque de Campismo (Terrenos adquiridos em 1968) 9-Bairro Piscatório 10-Passeio Marítimo 11- Conjunto Habitacional de Esmoriz



112| Atividade piscatória na praia do Furadouro no início do século XX.

4 | FURADOURO

4.1 | Considerações Gerais

As primeiras referências ao Furadouro datam do século XIV¹¹⁰. Esta zona do litoral de Ovar estendia-se numa vasta zona arenosa, sem acidentes geográficos e sem grandes zonas rochosas, o que fazia com que fosse possível haveram movimentos de areias para zonas interiores provocando grandes estragos, nomeadamente nos campos de cultivo. Para fixar esta duna foi plantada uma mata florestal, cuja implantação teve início no século XVII até finais do século XIX¹¹¹, com o objetivo de fixação das areias. A plantação deste pinhal revelou-se vantajosa para a estabilização das areias, tendo também fornecido madeira de pinho para os pescadores construírem os seus abrigos.

Os pescadores provenientes de Ovar, movidos pelo decaimento da pesca na ria de Aveiro no século XVII, dedicaram-se à pesca nesta zona da costa. Apesar de inicialmente a sua estadia na praia ser de carácter sazonal, com o desenvolvimento das técnicas de salga, de pesca e a implantação da Fábrica do Estrangeiro, deu-se uma expansão na pesca no Furadouro e houve necessidade de maior fixação local, tendo começado aparecer palheiros com um carácter mais definitivo e com maior qualidade construtiva comparativamente com os primeiros abrigos construídos. (Imagem 112)

Esta era uma zona da costa cujo acesso era muito complicado e encontrava-se a cerca de 4,5 km da vila de Ovar sendo o percurso feito por “(...) zonas pantanosas, de mato, de gramíneas altas e por um ribeiro a meio do caminho (...)” (Laranjeira, 1984, p. 56). Contudo, em 1869 foi construída uma estrada¹¹² que melhorou o acesso à praia.

¹¹⁰ “Segundo um documento de 1351, existiam pastagens em vários lugares “desde a foz do Vouga até ao Furadouro”. É a mais antiga menção deste topónimo.” (Oliveira, 2007, p.4)

¹¹¹ Lamy, A. S. (2001a). *Furadouro: uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro, p.14. Neste livro consta que a plantação da mata florestal ocorreu entre 1723 e 1887.

¹¹² Ibidem, p.35. A estrada foi construída em macadame, contudo por volta de 1930, este material foi substituído por paralelos, cinco anos mais tarde esta estrada recebeu iluminação. Em 1968 foi colocado um tapete betuminoso.

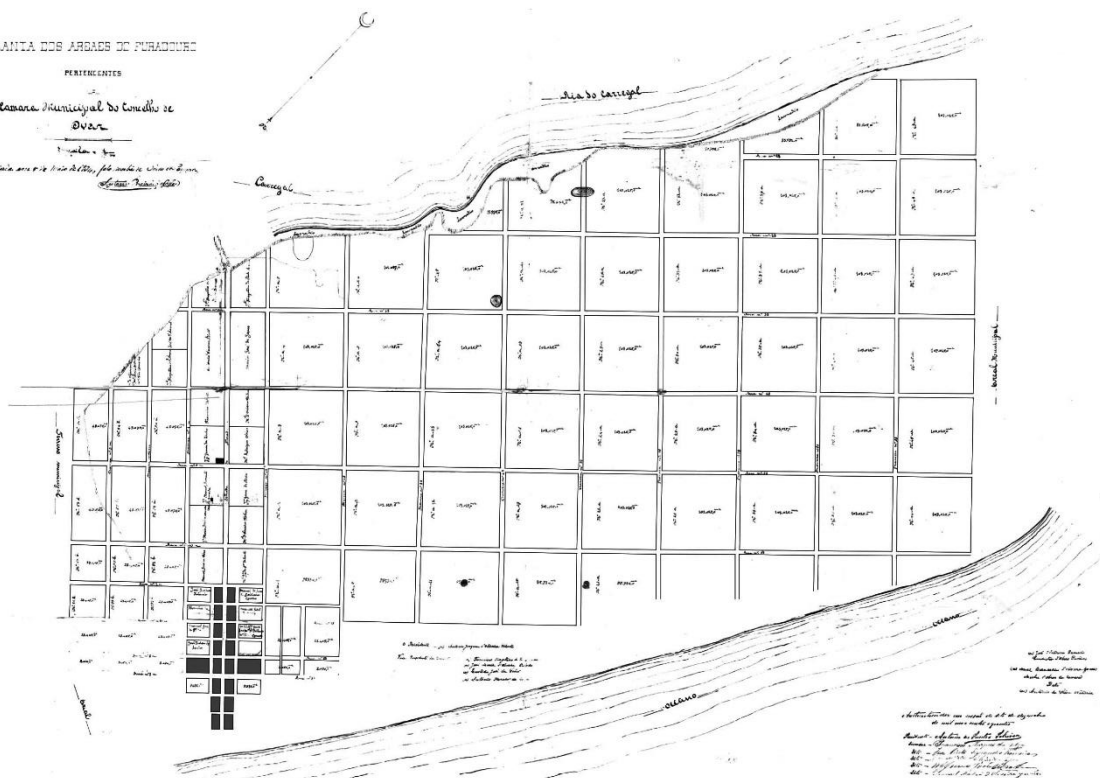
PLANTA DOS ARREDORES DO FURADOURO

PERTENCENTES

à Câmara Municipal do Concelho de
Ovar

1:5000

Escala para o plano de 1:5000, 1:10000 e 1:20000
1904



113 | Planta dos areas do Furadouro de 1904.

Os banhistas chegaram ao Furadouro no final do século XVIII¹¹³, tendo-se instalado inicialmente nos palheiros dos pescadores; mais tarde construíram as suas próprias habitações implantando-se essencialmente na zona norte da praia. As construções dos banhistas introduziram novos materiais de construção, como a alvenaria, a pedra e o adobe, abandonando a madeira característica da construção da comunidade piscatória.

Com a crescente afluência de turistas durante a época balnear começaram a surgir nesta zona equipamentos como os hotéis, as pensões e os cafés e foram realizados diversos melhoramentos.

Também no Furadouro as invasões do mar representaram um problema. Nos últimos 50 anos verificou-se um recuo da linha de costa nesta zona de aproximadamente 150 metros¹¹⁴. A defesa da costa começou a ser pensada em 1958, com a construção provisória de um paredão¹¹⁵ com cerca de 600 metros em frente à Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto; posteriormente, em 1974, foi implantada uma solução com carácter mais definitivo através da construção de um paredão¹¹⁶ e uma defesa transversal de 3 esporões¹¹⁷.

Para além do problema das invasões marítimas o Furadouro teve ainda que enfrentar graves incêndios que provocaram grande destruição, incluindo alguns dos melhoramentos que haviam sido feitos. Os incêndios com maior impacto ocorreram em 1881 e em 1925¹¹⁸. Apesar dos efeitos nefastos dos incêndios estes acabaram por criar uma oportunidade para a realização de um ordenamento do território, iniciado nos finais do século XIX. Uma planta de 1904 mostra o ordenamento em malha ortogonal na praia do Furadouro, com o intuito de se venderem os lotes. (Imagem 113)

¹¹³ O Furadouro começou a ser frequentado como praia de banhos em 1786, passou a ser bastante frequentada nos finais do século. Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.31.

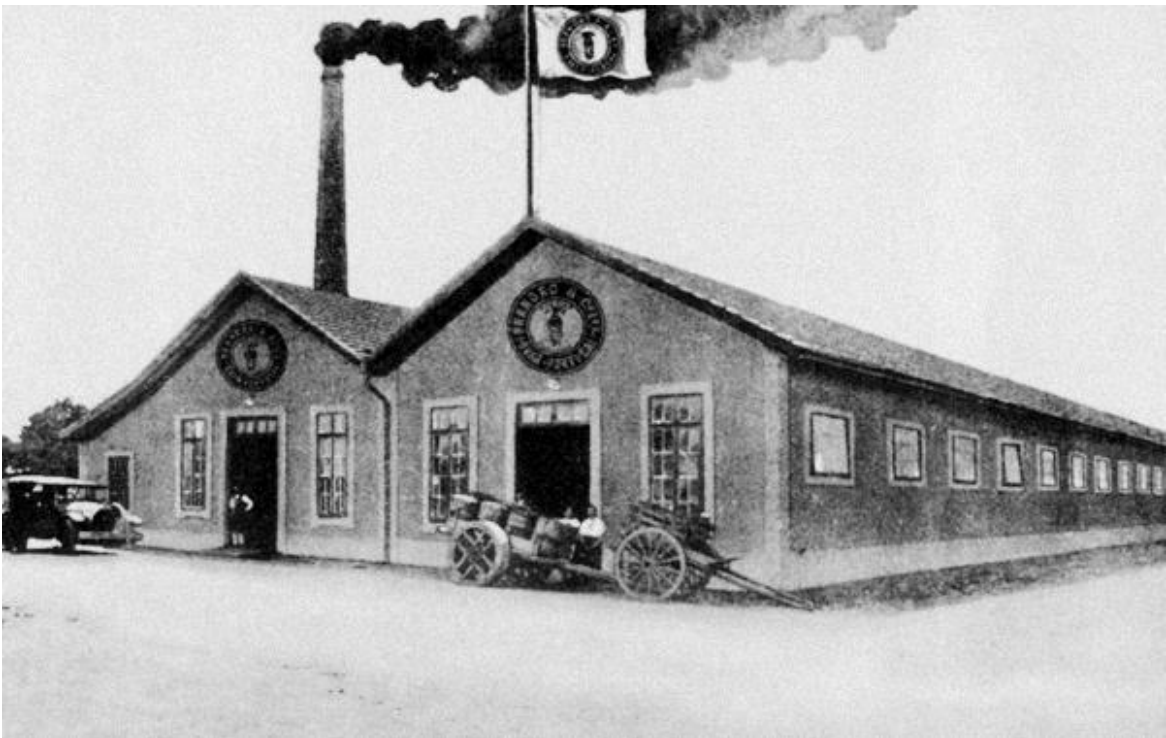
¹¹⁴ Ferreira, C. L. (2014). Parecer Técnico sobre o impacto de temporais e opções de intervenção no litoral no Concelho de Ovar (pp. 1-30). Faro, p.11.

¹¹⁵ Este era composto por grandes blocos de pedras soltas.

¹¹⁶ O paredão continha 9 metros de altura e 12,75 metros de extensão.

¹¹⁷ Os esporões tinham aproximadamente 200 metros de comprimento e 5,5 metros de altura e estavam espaçados em 350 metros. O esporão mais a norte acabou por ser retirado em 1993 porque estava soterrado na areia.

¹¹⁸ Lamy, A. S. (2001a). *Furadouro : uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro, p.49.



114 | Fábrica de conservas “A Varina” em 1917.

No início do século XX, devido à abundância de peixe capturado e comercializado, foi implantada na zona sul da praia a fábrica de conservas a Varina¹¹⁹, que proporcionou o aumento da população piscatória nesta zona. Contudo, em 1939, com o decaimento da pesca de arrasto esta sucursal acabou por ser transferida para Matosinhos onde estavam as traineiras, levando ao enfraquecimento desta zona como centro piscatório. (Imagem 114)

Apesar do decaimento da atividade piscatória, verificou-se um progressivo melhoramento desta praia como estância balnear, tendo sido realizados diversos melhoramentos ao longo do século XX: em 1945 foi realizado um plano de urbanização pelo engenheiro Miguel Resende¹²⁰; em 1960 a Avenida Infante D. Henrique ganhou prestígio com a construção de uma esplanada à beira mar; em 1962 foi concretizado um plano de urbanização na zona norte do Furadouro, da autoria do arquiteto Jorge Gigante, cujo objetivo era exponenciar esta estância balnear, através da criação de novos polos de atração: zona residencial, mercado, cinema, parque de campismo¹²¹ e campos de jogos¹²²; e os anos 90 foram marcados pela transformação na Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto e na Avenida Infante D. Henrique, que passaram a contemplar o peão, tendo estas reforçado o seu protagonismo nesta estância balnear.

¹¹⁹ Em 1901 foi inaugurada em Ovar uma fábrica de conservas, no entanto, três anos mais tarde a Câmara cedeu terreno arenoso a sul do Furadouro para a implantação de uma sucursal. Tendo surgido em 1905 foi inaugurada a esta sucursal designada de Varina, que não se abastecia apenas desta praia.

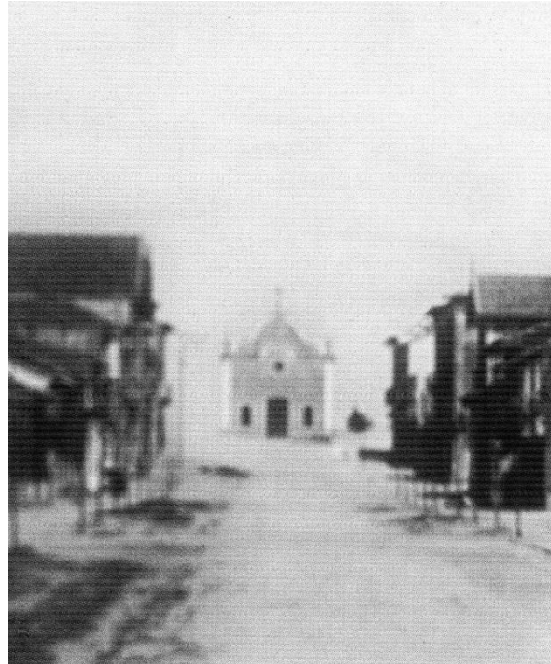
¹²⁰ O engenheiro Miguel Resende foi contratado pela Câmara para fazer o levantamento topográfico do Furadouro, contudo acabou por fazer um plano de urbanização na praia. Costa, J. R. (2000). *Um olhar sobre Ovar*. (Prova Final de Licenciatura), Departamento de Arquitetura-Faculdade de Ciências e Tecnologias - Universidade de Coimbra, Portugal, p.43.

¹²¹ Em 1977 foi inaugurado o parque de campismo na zona florestal a norte da praia.

¹²² Laranjeira, L. (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar, p.109.



115| Capela Senhor da Piedade em 1925.



116| Capela Senhora do Livramento em 1931.



117| Palheiros no Furadouro, no início do século XX.

4.2| Transformações na zona piscatória

Os pescadores provenientes de Ovar foram os colonizadores do Furadouro, comportando-se de forma semelhante ao descrito nos outros casos de estudo, com comportamentos como a sazonalidade e o tipo de abrigos, com a particularidade de terem sido os primeiros a fazê-lo, tendo-se posteriormente expandido para outras zonas e disseminado esses comportamentos.

Nos finais do século XVIII, esta comunidade começou a permanecer na praia o ano inteiro, tendo surgido em 1759 um oratório em madeira, voltado para o mar, no topo da Avenida Central¹²³, que sete anos mais tarde deu lugar a uma nova capela de planta centralizada, de pedra e cal, designada de Capela do Senhor da Piedade¹²⁴ - terá sido esta a primeira construção de pedra e cal nesta zona. (Imagem 115) A construção de uma ermida simbolizava a importância deste local para esta comunidade. Lentamente foram introduzidas melhorias nesta zona e satisfeitas algumas reivindicações da comunidade, nomeadamente a construção de uma nova capela em 1890, localizada em frente à Rua do Comércio do Porto (exatamente ao lado da primeira), designada de Senhora do Livramento¹²⁵, pois a anterior não satisfazia as necessidades da população. (Imagem 116)

O aglomerado de palheiros foi crescendo, ocupando quase toda a praia “Os variados palheiros, e simples recoletas espalhavam-se a esmo, ao longo de vielas estreitas e sinuosas, travadas sem obediência a qualquer planeamento camarário, com ausência de água e em caminhos sinuosos traçados na área solta da costa.” (Laranjeira, 1984, p. 154) (Imagem 117)

¹²³ Após o incêndio de 1881 esta avenida passou a designar-se de Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto.

¹²⁴ A Capela do Senhor da Piedade é assemelhada por vários autores a um forno, com o passar dos anos esta estava a ser soterrada pelas areias, em 1939 foi totalmente destruída pelo mar, no ano anterior este já a havia destruído parcialmente. Lamy, A. S. (2001a). *Furadouro: uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro, pp.40-53.

¹²⁵ A Capela da Senhora do Livramento foi atacada pelo mar em 1946, tendo derrubado a sacristia e colocando em perigo o restante templo. Esta encontrava-se em grande estado de ruína acabando por ser demolida em 1958. Entre 1959 e 1968 as cerimónias religiosas realizaram-se no centro Vidreiro, antiga fábrica de conservas «A Varina», para onde já haviam sido transportadas as imagens da capela em 1946.



118| Arruamento de palheiros no Furadouro em 1930, sendo alguns deles térreos.



119| Planta e fotografia do palheiro nº15 que existiu na Rua Gago Coutinho em 1975.



120| Palheiros na Rua do Varinel em 1979.

Maria Adelaide Chaves no livro «Do mar e da terra: palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar» refere que, “A partir do século XIX, o Furadouro é, como referimos, um dos mais extensos aglomerados de palheiros da região, constituído por algumas centenas dessas habitações.”(Chaves, 2008, p. 21)

Os palheiros primitivos e mais pobres, à semelhança dos de Esmoriz e Espinho, eram pequenos, térreos e o revestimento exterior era de tabuado horizontal, sendo que a maioria destes apenas continha como abertura uma porta e não continham chaminé. A sua estrutura era composta por prumos¹²⁶ espetados na areia, travados pelo frechal. Inicialmente o pavimento era de junco sobre a areia tendo posteriormente passado a ser assoalhado sobre barrotes.¹²⁷ (Imagem 118)

No livro «O Furadouro: o povoado, o homem e o mar», é descrito o palheiro térreo:

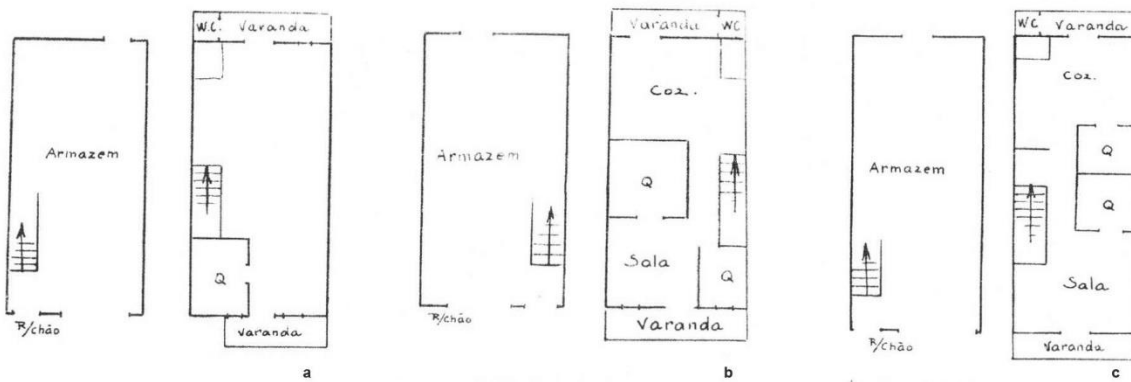
O palheiro térreo, normalmente com uma porta e janela viradas à rua, tinha uma pequena sala de entrada e um quarto à sua direita; no fundo, havia um pequeno corredor que dava acesso a dois quartos interiores, e nas traseiras da habitação ficava a cozinha com uma pequena chaminé de adobes. Separada do palheiro e no fundo do quintal, localizava-se, tradicionalmente, a retrete.(Laranjeira, 1984, p. 146) (Imagem 119)

Como se pode constatar nas fotografias dos anos 70, os palheiros já continham mais aberturas do que apenas uma porta, denotando alguma evolução. (Imagem 120)

Para além destes palheiros térreos existiam outros, de dois pisos que pertenciam a pessoas com posses associadas à pesca, que apresentavam melhorias. Estes palheiros inicialmente eram igualmente revestidos com um tabuado horizontal; mais tarde, o tabuado horizontal passou a ser colocado apenas no rés do chão, sendo o primeiro andar revestido com tabuado vertical ou então o tabuado era todo disposto na vertical; o telhado era de duas águas, e apresentava pouca inclinação, sendo coberto com telha canudo e rematado com argamassa ou pedras pousadas nas telhas; nas fachadas principais as

¹²⁶ Os prumos também são designados de caibros e estavam afastados, cerca de 60 cm a 1m. Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central portugueses*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular,p.33.

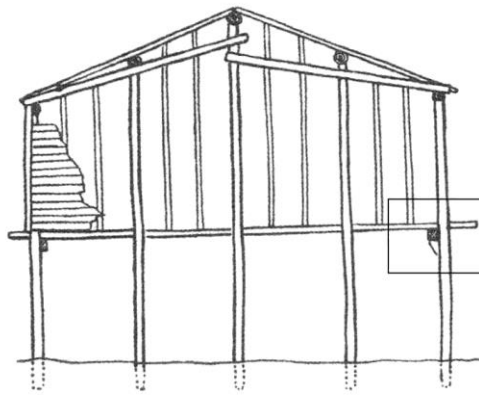
¹²⁷ Idem, p.33.



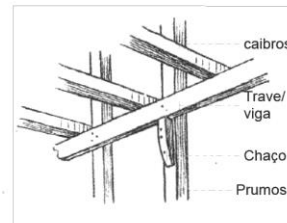
(a) (b) e (c)- Três tipologias de palheiros no Furadouro de dois pisos



Palheiro de dois pisos



Empena de um palheiro de dois pisos



Viga de suporte do piso superior, geralmente composta por três vigas. As que se encontram junto à fachada são pregadas ao prumos, raramente são encaixadas. A viga pode apoiar num chaço.

varandas¹²⁸ eram frequentes, ocupando metade ou toda a largura destas; o rés do chão geralmente continha duas portas, uma delas direcionada para as escadas que conduziam ao piso superior e uma outra que podia ser de maiores dimensões caso este piso servisse de armazém de aprestos; o pavimento apenas era coberto com madeira na zona de acesso ao piso superior e na zona de colocação da rede (caso esta existisse), permanecendo o restante em areia.¹²⁹ O interior destes palheiros é descrito no livro «Palheiros do Litoral Central Português»:

(...) interiormente, a planta mostra pouca uniformidade: a cozinha fica nas traseiras, com a lareira ao canto elevada sobre uma caixa de adobes; a sala muitas vezes vai de lés-a-lés da frente às traseiras, englobando a cozinha; para ela abrem um ou dois pequenos cubículos que fazem de quartos, com divisórias de tabuado, e com janelas e portadas em ambas as fachadas. A armação do telhado e os prumos ficam à vista.(Oliveira & Galhano, 1964, p. 33) (Imagem 121)

Geralmente os palheiros encostavam-se uns nos outros e quando isso acontecia os prumos, que iam desde o chão à cobertura, estavam mais próximos na fachada principal e na oposta, sendo distribuídos nos cunhais e irregularmente consoante as aberturas.

Estas construções de madeira foram fortemente fustigadas por incêndios. No decorrer do primeiro grande incêndio, ocorrido em 1881, foram consumidos cerca de 400 palheiros, tendo ficado destruída quase metade da construção do lado norte. Até essa data, a praia do Furadouro era constituída quase praticamente por construções em madeira.

Este tipo de construção, e estreiteza das ruas, a pouca ordem dos barracos, a falta de água, a carência imediata de socorros dada a sua localização a 4 quilómetros de Ovar, a falta de bombeiros e material, e o egoísmo e desinteresse dos pescadores não proprietários, recusando-se sistematicamente a prestar auxílio, conjugaram-se para que em 31 de Julho de 1881 se produzisse no Furadouro o seu mais violento e pavoroso incêndio, felizmente sem perdas de vidas a lamentar.(Lamy, 2001a, p. 36)

¹²⁸ As varandas não eram acessíveis pelo exterior.

¹²⁹ Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, pp.33-34.



122| Avenida Central (Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto) entre 1881 e 1900.



123| Viela em 1979.

Após o incêndio a Câmara procedeu ao ordenamento do espaço queimado, implementando uma malha ortogonal, tendo tomado como diretriz a Avenida Central (Imagem 122) (que também foi melhorada), tendo sido os arruamentos alargados, no entanto, permaneceram em terra batida, e as construções foram alinhadas sobre estes. Para além deste melhoramento realizado pela Câmara, juntaram-se várias entidades públicas e privadas que angariaram fundos e reconstruíram 152 palheiros para realojar os pescadores. Neste melhoramento, foram construídas algumas casas de pedra e cal.

Em 1911 existiu um novo incêndio que levou a câmara a não conceder mais licenças para a edificação de palheiros em madeira¹³⁰ e a dar continuidade ao plano de ordenamento elaborado em 1881. Apesar do ordenamento pensado pela câmara, as habitações construídas que estavam alinhadas segundo os arruamentos, apresentavam nas traseiras ruas estreitas, designadas pela câmara de vielas, onde eram acumulados os lixos, águas sujas, pocilgas e era guardada a lenha. (Imagem 123)

Consoante podiam os pescadores iam introduzindo melhorias nos palheiros. Aos poucos a madeira foi sendo substituída pelos novos materiais construtivos. Em grande parte dos casos, as paredes exteriores eram revestidas com estes novos materiais, contudo o interior permanecia em madeira. No entanto, apesar desta alteração continuaram a reproduzir a planta dos antigos palheiros, introduzindo mais tarde a casa de banho no interior da habitação.

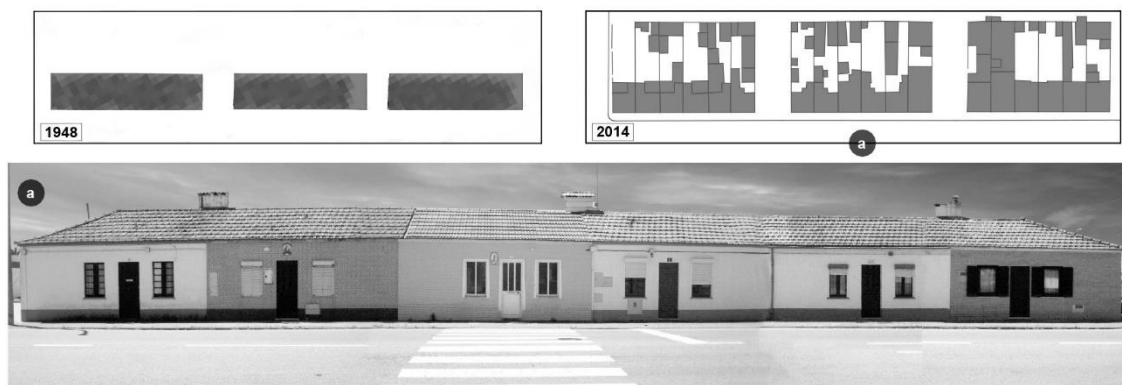
Apesar dos melhoramentos que foram introduzindo nos palheiros, a construção e os hábitos culturais dos pescadores destoavam das práticas dos banhistas que também usufruíam desta praia essencialmente na zona norte. Essa diferença de hábitos culturais aliada a outros fatores levou a que a Câmara Municipal de Ovar tivesse transferido, nos finais dos anos 40, a zona de pesca para a zona sul do Furadouro¹³¹, onde os palheiros foram "(...) em geral dispostos em filas compactas estendidas na areia sobre a

¹³⁰ Adelaide Chaves no livro «Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar»: "Destas notas podemos concluir quão precárias eram estas habitações de madeira, sujeitas a constantes incêndios, a que não seria alheia a lareira mal afeiçoada e sem segurança, escoando-se o fumo pelos interstícios das telhas."(Chaves, 2008, p. 36)

¹³¹ Pinto, D. P. V. (2011). O turismo em Ovar entre 1945 e 1960. (Dissertação de Mestrado em História Contemporânea), Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais- Faculdade de Letras- Universidade do Porto, p.42.



124 | Planta atual do Furadouro.



125 | Habitações da década de 40 que realojaram os pescadores.



126 | Plantas do Furadouro de 1975 e de 2014.



127 | Bairro de casas pré-fabricadas dos anos 70.

duna.”(Tavares, 2012, p. 28) Nesta zona sul foram ainda colocados os restantes apetrechos da pesca, pois assim os ventos dominantes do norte levavam o mau cheiro dos resíduos da pesca para sul.

A destruição provocada pelas invasões do mar nos anos 40 levou à construção de um bairro piscatório, com 18 pequenas habitações que dispunham de um logradouro, implantadas na zona sudeste do Furadouro junto ao mercado municipal que existe nos dias de hoje; à semelhança do que aconteceu em Espinho, teve a contribuição da Junta Geral da Casa dos Pescadores. Pela cartografia de 1948 é possível constatar que o bairro era composto por 3 grupos de 6 habitações alinhadas sobre a atual Avenida Fernão de Magalhães. Estas habitações ainda hoje existem com algumas transformações, como é possível constatar na cartografia, tendo sido construídos vários anexos ou em alguns casos realizadas alterações na própria habitação, em prejuízo do logradouro. Apesar destas alterações as fachadas principais das habitações são todas idênticas, não tendo havido alterações de relevo face ao traçado primitivo, mantendo uma porta ao centro e duas janelas em simetria com esta, diferindo apenas na cor e no material de revestimento. (Imagem 125)

Junto ao bairro da década de 40 foram edificados, na década de 70, 38 casas pré-fabricadas de madeira, através do Fundo de Fomento de Habitação, para acolherem as famílias cuja habitação havia sido destruída pelo mar, os retornados, assim como pessoas carenciadas. As primeiras 20 casas foram construídas em Agosto de 1970¹³², sendo descritas por Lamy Laranjeira no livro «O Furadouro: o povoado, o homem e o mar» da seguinte forma:

O número total de casas é de 20, assim discriminado: 4 casas têm 4 quartos; 6 casas têm 3 quartos; 4 casas têm 2 quartos; 6 casas têm 1 quarto. (...) Todas as casas têm, além disso, uma sala comum, quarto de banho, cozinha, instalações privativas, luz, água, saneamento e um pequeno quintal. (...) São cobertas de luzalite, devidamente forradas e assoalhadas a “parquet”. (Laranjeira, 1984, p. 116) (Imagens 126 e 127)

¹³² “Em Agosto de 1970 foram erguidas as primeiras das 20 casas desmontáveis (...)” (Lamy, 2001b, p. 316)



Tipologia T4



Tipologia T3

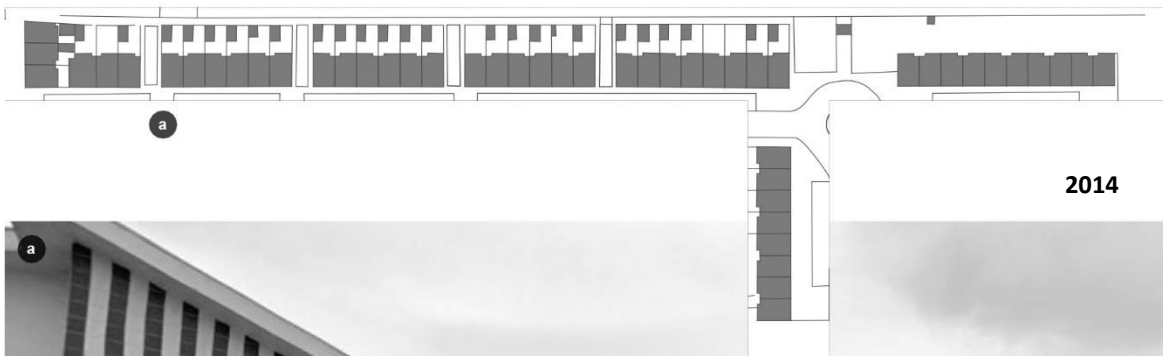


Tipologia T2



Tipologia T1

128 | Tipologias das habitações pré-fabricadas dos anos 70.



129 | Habitações sociais dos anos 90 com a respetiva planta.

As casas são geminadas e dispõem-se duas a duas, contendo quatro tipologias diferentes que vão desde T1 a T4, sendo a tipologia predominante T2; as tipologias T1 e T2 dispõem de apenas um piso, enquanto que as T3 e T4 dispõem de 2 pisos. (Imagem 128)

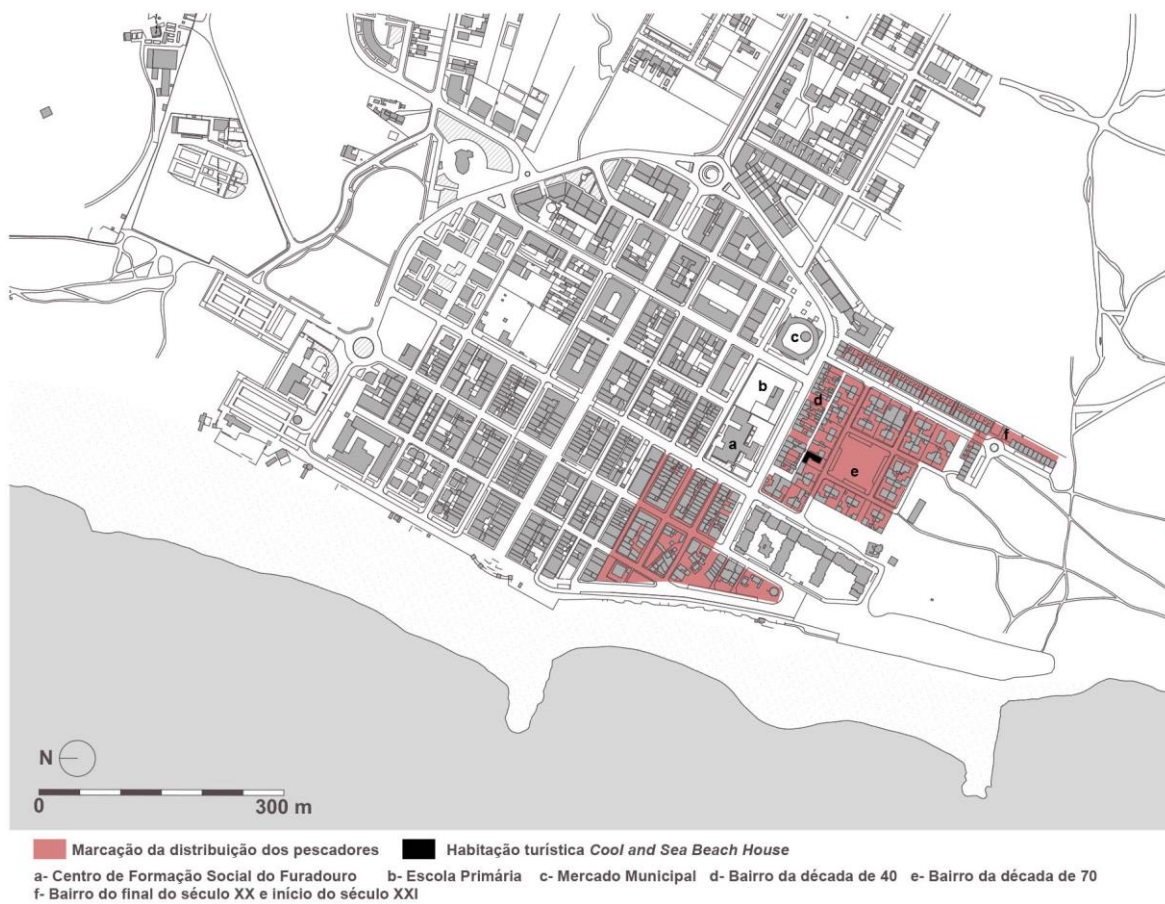
A maioria das casas foi vendida ¹³³ e remodelada, tendo sido feitos acrescentos na habitação e/ou anexos em prejuízo do logradouro, grande parte das coberturas e das fachadas foi melhorada, mantendo-se, no entanto, uma leitura homogênia e as características originais continuam presentes, excetuando um único caso em que parte da madeira foi substituída por pedra.

Posteriormente, nos anos 90, junto a estes bairros, foram construídas 50¹³⁴ novas habitações uniformes, sendo habitações unifamiliares, com 2 pisos e um logradouro, podendo conter um pequeno anexo. Estas habitações surgiram no âmbito do Plano Especial de Realojamento (PER)¹³⁵, programa com o intuito de irradicação de barracas. Este modelo arquitetónico foi também utilizado em Cortegaça no âmbito do mesmo programa. Sendo que “Aqui, as pessoas vêm controlado o seu critério de apropriação do espaço, a casa já não funciona como meio de significação e afirmação pessoal dada a características uniformizantes do loteamento (...)” (Campos, 2001, p. 51) Este controle levou a que estes bairros mantivessem uma linguagem homogénea. (Imagem 129)

¹³³ No Programa Piloto da Rede Social do Concelho de Ovar consta que 32 habitações do “agrupamento pré-fabricado” foram vendidas e 6 estavam arrendadas.

¹³⁴ 36 destes fogos foram implantados em 1995 tendo os restante 14 sido concluídos em 2000.

¹³⁵ O PER foi definido em 1993, no Decreto de lei nº 163/93, tendo como objetivo a erradicação das barracas nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, através do realojamento em novas construções que eram arrendadas.



130| Planta atual do Furadouro com indicação da distribuição dos pescadores.



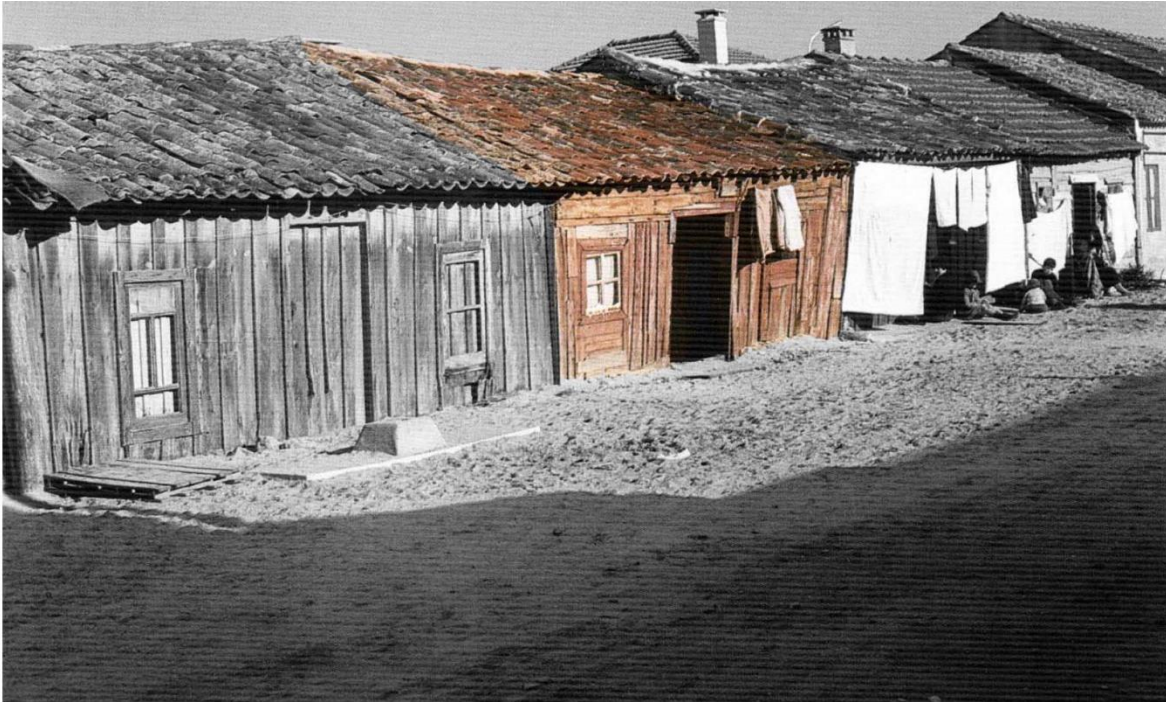
131| Vista aérea atual do Furadouro.

4.3 | Reflexões sobre a zona piscatória

Os pescadores foram os primeiros a chegar ao Furadouro tendo implementado de forma desorganizada e precária os seus palheiros, que apesar de terem sofrido alguns melhoramentos nunca deram um verdadeiro salto qualitativo.

Tratando-se de uma zona costeira viu-se confrontada com os inerentes problemas relacionados com as invasões marítimas, no entanto, estes não foram os únicos a fustigar o Furadouro; nos finais do século XIX e inícios do século XX ocorreram incêndios que provocaram grande destruição atingindo principalmente os palheiros dos pescadores. Contudo, estes desastres naturais apesar da sua natureza nefasta deram origem a uma janela de oportunidade para se realizar um ordenamento pensado.

Gradualmente os pescadores foram sendo deslocados para a zona sul da praia, em prol do desenvolvimento da praia de banhos a norte, tendo continuado a debater-se com o problema das investidas do mar. Esta adversidade associada à precariedade da classe piscatória levou à necessidade da construção de bairros habitacionais de índole social; estes bairros albergaram não só famílias de pescadores, mas também outras pessoas carenciadas. Apesar de os primeiros focos destes bairros terem sido construídos numa zona afastada do núcleo principal, houve a necessidade de crescimento da localidade que se expandiu para esta zona, tendo sido construídos equipamentos importantes na dinâmica social como o mercado municipal, a escola primária e o Centro de Formação Social do Furadouro. (Imagem 130) Ao contrário do que se vê em muitos locais em que existem bairros do mesmo género e que existe uma grande discrepância em relação à restante urbanização, como se verifica nos casos de Espinho e Esmoriz, no Furadouro essa discrepância não é muito evidente, sendo que aqui existiu um claro ordenamento e um controlo por parte das autoridades, impedindo que esta zona crescesse de forma arbitrária e descontextualizada. (Imagem 131) Com o passar do tempo ocorreu uma desvirtualização das características de índole social destes bairros no Furadouro, tendo sido vendidas várias casas a particulares, tendo vindo inclusive recentemente, uma delas a ser transformada em



132| Palheiros na Rua Gago Coutinho, com destaque para o palheiro nº11, em 1976.



133| Transformação do palheiro nº11 na Rua do Gago em 1976, 1979,1979,2000.

habitação turística¹³⁶, mantendo, contudo, o desenho original. (Imagem 130)

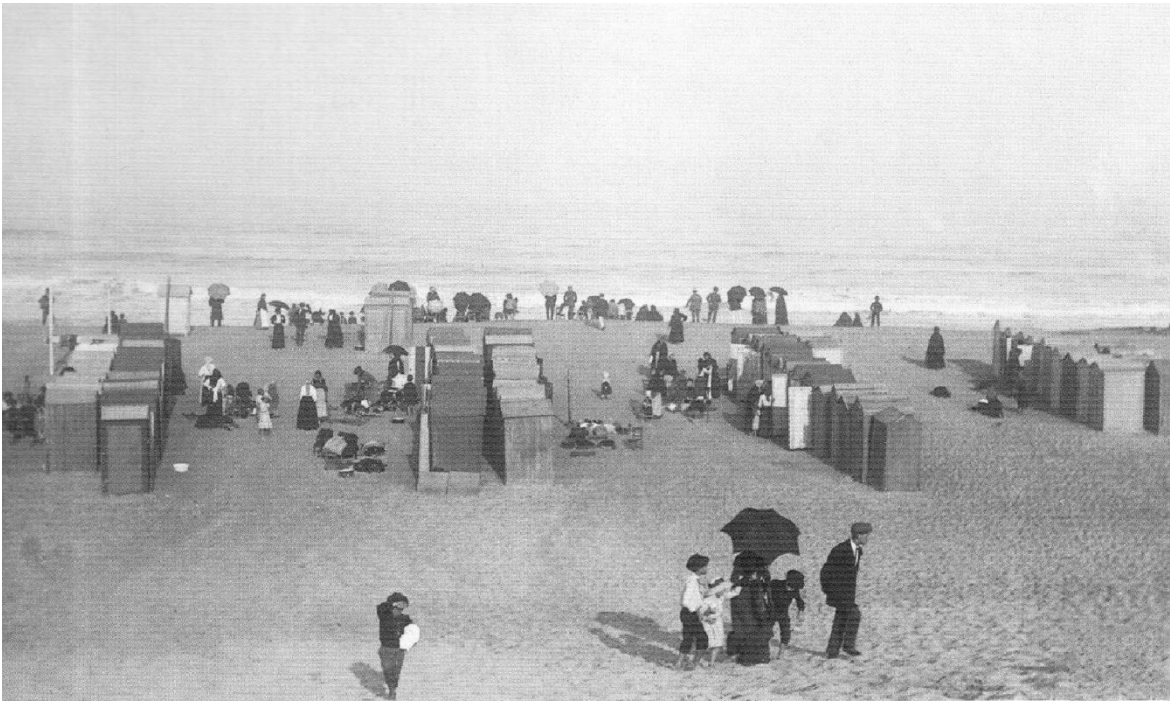
Nesta zona dos bairros piscatórios, a forte estruturação da malha ortogonal preestabelecida levou a que construção fosse preenchendo essa malha, denotando-se uma homogeneidade nas construções de cada década, contudo dadas as pequenas alterações que foram sofrendo assemelha-se a um sistema do tipo “*Arquitecturas com o tempo*”¹³⁷.

Atualmente o número de pescadores nesta zona é reduzido, devido ao decaimento da arte xávega, e encontram-se dispersos. O mesmo aconteceu com os palheiros dos pescadores, que até à década de 80 eram abundantes, como se pode verificar na fotografia da Rua Gago Coutinho no Furadouro em 1979 (Imagem 132), que foram desaparecendo gradualmente até serem quase extintos. Os pescadores foram vendendo os seus palheiros e construindo casas com novos materiais.

Entretanto, iam desaparecendo os últimos palheiros, e o Furadouro crescia em cimento e azulejo de prédios altos de quatro andares que foram enchendo vazios deixados pelos palheiros demolidos, descaracterizando por completo o aglomerado piscatório (...) (Chaves, 2008, p. 9) (Imagem 133)

¹³⁶ Esta habitação turística foi inaugurada em 2013 com o nome de *Cool and Sea Beach House*.

¹³⁷ Montaner, J. M. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, pp.107-110.



134 | Praia de banhos no Furadouro em 1912.

4.4 | Transformações na zona balnear

O Furadouro passou a ser apreciado como praia de banhos por volta de 1786¹³⁸, no entanto, até à construção da estrada que liga o Furadouro a Ovar, em 1869, a acessibilidade era muito limitada, fazendo com que poucas pessoas procurassem esta zona como estância balnear. A somar ao difícil acesso, não existiam comodidades; a água potável existente era de má qualidade, não existia iluminação e os maus cheiros espalhavam-se pelas ruas. A construção da estrada melhorou os acessos à praia, tendo sido fundamental para o desenvolvimento desta estância balnear. Passaram a deslocar-se para este local as famílias com mais posses da vila de Ovar e arredores que se instalaram nos palheiros e nas casas de hóspedes.

Com a chegada dos banhistas, esta zona da costa sofreu uma grande modificação: “A contrastar com a desolação da quadra hibernal, a beira-mar toma, nos meses de Verão, aspetos de vida e movimento, por vezes festivos, tal o número dos seus frequentadores e a variedade de toldos e barracas que se alinham, em fileira cerrada, ao longo da praia.” (Rodrigues, 1959, p. 53)

Os banhistas que frequentavam esta praia tinham comportamentos em muitos aspectos idênticos aos que frequentavam as praias de Espinho e Esmoriz; de manhã iam a banhos, sendo a maioria deles auxiliados pelos banheiros, após esta prática realizavam a muda de roupa em cabines de madeira que existiam na praia, à semelhança do que acontecia em Espinho, estas estavam alinhadas perpendicularmente à linha da costa, sendo que aqui também deverão ter sido alugadas pelos banheiros, tendo em conta a linguagem homogénea que apresentavam. (Imagem 134)

A tarde era passada em momentos de lazer. As mulheres bordavam, conversavam, apreciavam os passeios e os saraus, enquanto os homens passeavam pela avenida, frequentavam o café e a Assembleia, jogavam às cartas, organizavam passeios e cortejavam as senhoras.

¹³⁸ Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.31.



135 | Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto em 1925.



136 | Hotel Cerveira.

Vinha a tarde e as pessoas sentavam-se nas pequenas cadeiras de madeira, junto à orla da água, de guarda - sois abertos, a narrar os acontecimentos quotidianos. Ao lado, sob o olhar severo das mães, um ou outro par de conversados jogava o loto ou o prego. Conversavam-se as mil e uma futilidades e uma ou outra cantarolava, em melopeia (...) Um ou outro grupo bordava (...) (Laranjeira, 1984, pp. 530-531)

Nos finais do século XIX os equipamentos públicos começaram a surgir no Furadouro, tendo sido instalados, na Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto (Imagem 135) e na Avenida da Beira Mar (atual Avenida Infante D. Henrique), com o intuito de satisfazerem as necessidades do banhista, tendo estas avenidas reforçado a sua importância nesta estância balnear. Na Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto foi inaugurado em 1883 o prédio da Assembleia¹³⁹, que inicialmente era destinada à elite, tendo-se mais tarde estendido a todas as classes sociais; neste local inicialmente realizavam-se reuniões e organizavam-se momentos lúdicos; mais tarde, em 1954, passou a funcionar como espaço de projeção de filmes¹⁴⁰. Posteriormente, nessa avenida surgiu em 1886, o Hotel Cerveira¹⁴¹ (Imagem 136) que apesar de ter sido a segunda hospedaria¹⁴² a surgir no Furadouro foi fulcral na dinâmica balnear; no rés do chão do hotel funcionava o café Cerveira¹⁴³, tendo o proprietário destes espaços, José Luís da Silva Cerveira¹⁴⁴, garantido a animação, com espetáculos regulares de música no coreto¹⁴⁵ localizado em frente ao hotel.

O mês de Setembro era o preferido para as famílias permanecerem na praia, contudo a estadia podia se prolongar até novembro. Em 1888, “(...) as autoridades

¹³⁹ Este edifício foi vendido em 1957.

¹⁴⁰ Este não foi o primeiro espaço no Furadouro onde passavam filmes, em 1915 existiu um cinematografo nesta estância.

¹⁴¹ As datas encontradas referentes à inauguração não são certas, alguns autores apontam para 1886 outros para 1889. As instalações do Hotel continham banhos quentes e frios de água do mar. O incêndio que devastou o Furadouro em 1911 destruiu o hotel e o café, tendo o prédio sido reconstruído posteriormente.

¹⁴² A primeira hospedaria a surgir no Furadouro foi a hospedaria Nogueira em 1884.

¹⁴³ O café Cerveira foi o café mais antigo do Furadouro.

¹⁴⁴ José Luís da Silva Cerveira foi um dos mais empreendedores desta estância balnear. Em 1905 era proprietário: hotel, restaurante, café, bilhares e mercearia. Em 1904 e 1909 editou coleções de postais do Furadouro.

¹⁴⁵ O coreto foi construído através da Comissão Organizadora dos melhoramentos de Ovar (1911).



137| Carta militar do Furadouro de 1948 com indicação das artérias mais importantes na zona balnear.



138| Avenida Infante D. Henrique em 1946.



139| Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto nos anos 40.

municipais, em vista do grande desenvolvimento populoso do Furadouro, resolveram dotar a povoação com iluminação¹⁴⁶, que somente funcionava quando as noites eram escuras como breu, e unicamente durante o mês setembrino, nas três ruas existentes.”(Laranjeira, 1984, p. 203) Esta que foi uma solução sazonal, aliada ao começo de ordenamento do espaço público a norte em 1881, assim como a introdução dos equipamentos já referidos, representam algumas medidas que visavam melhorar as condições existentes nesta estância balnear e atrair mais veraneantes.

Em 1924 foi constituída a primeira Comissão de Iniciativa e Turismo da Praia¹⁴⁷, que veio a ser substituída, em 1937, pela Junta de Turismo da Praia do Furadouro que foi fundamental para a implementação de infraestruturas: eletricidade, pavimentação, água, esgotos e arborização nas ruas.¹⁴⁸

Nos anos 30 foram introduzidos melhoramentos na praia. Com destaque para aquela que terá sido a primeira intervenção urbanística na duna em termos de melhoramento do espaço público da Avenida Infante D. Henrique, tendo sido construído em 1935 em volta da Capela do Senhor da Piedade, um miradouro em cimento armado¹⁴⁹. Apesar da importância da avenida a duna continuava a ser predominante. (Imagem138) Enquanto a Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto, já se encontrava mais desenvolvida, tendo vindo a ser privilegiada nos melhoramentos implementados nesta praia, destacando-se em 1937 a implantação de um ringue de patinagem, junto à Assembleia¹⁵⁰, com o intuito de dinamizar esta estância balnear. (Imagem 139)

¹⁴⁶ Em 1911 foram colocados candeeiros a petróleo, dispostos intervaladamente na Avenida Central. Mais tarde, 1927 foi colocada iluminação em várias ruas, para além da Avenida Central, dois anos depois surgiu também à beira mar. Em 1935 foi implantado um sistema de iluminação elétrica, com a colocação de postes de iluminação.

¹⁴⁷ A Comissão de Iniciativa e Turismo da Praia do Furadouro era constituída por indivíduos locais que muitas vezes abdicavam do seu dinheiro em prol da terra. Apesar das suas iniciativas não implicarem tanto fundos monetários, pressionavam a câmara para que efetua-se melhoramentos. Numa das suas iniciativas tentaram com que a linha de comboio chegasse ao Furadouro, pois a par do que acontecia em Espinho poderia atrair mais turistas, contudo não obtiveram sucesso. Esta comissão terminou em 1937. Posteriormente surgiu a Junta de Turismo da Praia do Furadouro (1937-1985). Laranjeira, L. (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar, p.48.

¹⁴⁸ Pinto, D. P. V. (2011). *O turismo em Ovar entre 1945 e 1960*. (Dissertação de Mestrado em História Contemporânea), Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais- Faculdade de Letras- Universidade do Porto, pp.1-2.

¹⁴⁹ Laranjeira, L. (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar, p.96.

¹⁵⁰ Ibidem, p.97.



140 | Praia do Furadouro nos anos 30.



141 | Atividade piscatória na zona norte da praia do Furadouro em 1923.



142 | Hotel Mar e Sol nos anos 50.

Para além destes melhoramentos fora do areal é possível constatar que no início dos anos 30 a zona destinada a banhos também estava a modificar, verificando-se a existência de barracas de pano, que estavam alinhadas com a linha da costa, sendo que estas coabitavam com as primitivas barracas de madeira que mantiveram o seu alinhamento. (Imagem 140)

A zona norte da praia era destinada sobretudo aos banhistas, contudo os pescadores continuavam a exercer a sua atividade em toda a praia coabitando com os banhistas. (Imagem 141) Tendo em conta as discrepâncias entre os banhistas e os pescadores e o facto da atividade piscatória sujar o areal e deixar maus cheiros¹⁵¹ houve um esforço das autoridades em deslocar os pescadores para sul.

Ao longo dos tempos a oferta hoteleira no Furadouro foi melhorando em resposta à procura nesta estância balnear. Em 1946 surgiu no norte da praia, o Hotel Mar e Sol¹⁵² localizado na Avenida Infante D. Henrique, que teve um papel fundamental na dinâmica social nesta estância, através da realização de festas e bailes. (Imagem 142) “O Hotel Mar e Sol era um edifício com 50 quartos, um pequeno bar, salas de visitas e jogos e um amplo terraço voltado para o mar (...)” (Pinto, 2011, p. 53); em 1959 foi inaugurado em frente ao hotel um parque infantil; em 1982 este hotel deu lugar a um complexo habitacional¹⁵³.

A afluência dos banhistas aumentou consideravelmente nos anos 50, tornando-se necessário acomodá-los convenientemente. Dada a escassez de pensões e com apenas o Hotel Mar e Sol a funcionar na praia, houve necessidade de apelar a todos os interessados em alugar casas durante a vilegiatura, de forma a colmatar esta lacuna. Apesar da falta de alojamento para acomodar os banhistas, no final da década de 50 iniciou-se “(...) verdadeiramente a implantação de infra-estruturas de saneamento básico, o que conduziu à melhoria das condições ambientais e de saúde da população” (Pinto, 2011, p. 43)

¹⁵¹ Pinto, D. P. V. (2011). *O turismo em Ovar entre 1945 e 1960*. (Dissertação de Mestrado em História Contemporânea), Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais- Faculdade de Letras- Universidade do Porto, p.42.

¹⁵² O Hotel Mar e Sol foi mandado edificar pela Sociedade de Melhoramentos da Praia do Furadouro. Em 1966 passou para a Sociedade Hoteleira do Furadouro. Lamy, A. S. (2001a). *Furadouro: uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro, p.55.

¹⁵³ Lamy, A. S. (2001a). *Furadouro: uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro, p.55.



143 | Planta do Furadouro em 1968 com marcação do passeio marítimo.



144 | Passeio marítimo com a ampliação da zona que possui uma balaustrada nos anos 70.

Os anos 60 foram essencialmente marcados pela grande transformação que a Avenida Infante D. Henrique sofreu, tendo sido construído um passeio marítimo desde a Rua Álvaro Cabral até ao extremo norte, destruindo a duna que aí existia¹⁵⁴. (Imagem 143) O passeio marítimo foi anexado à rua, contendo um desenho simples, que consistia num comedido passeio com cerca de 430 metros de extensão, com um murete que acompanhava o seu traçado, marcando algumas aberturas para a praia. O passeio, era fortemente marcado por um ritmo de candeeiros que estavam voltados para a rua,“(…) teve como principal objetivo o alinhamento da Avenida Marginal.”(Costa, 2000, p. 43)

A imagem dos anos 70 demonstra a grande transformação na Avenida Infante D. Henrique, para além disso no areal já não existiam as barracas de madeira, sendo que as barracas de pano eram alinhadas na sua maioria em consonância com a linha da costa, denotando-se também uma transformação no espaço destinado a banhos. (Imagem 144)

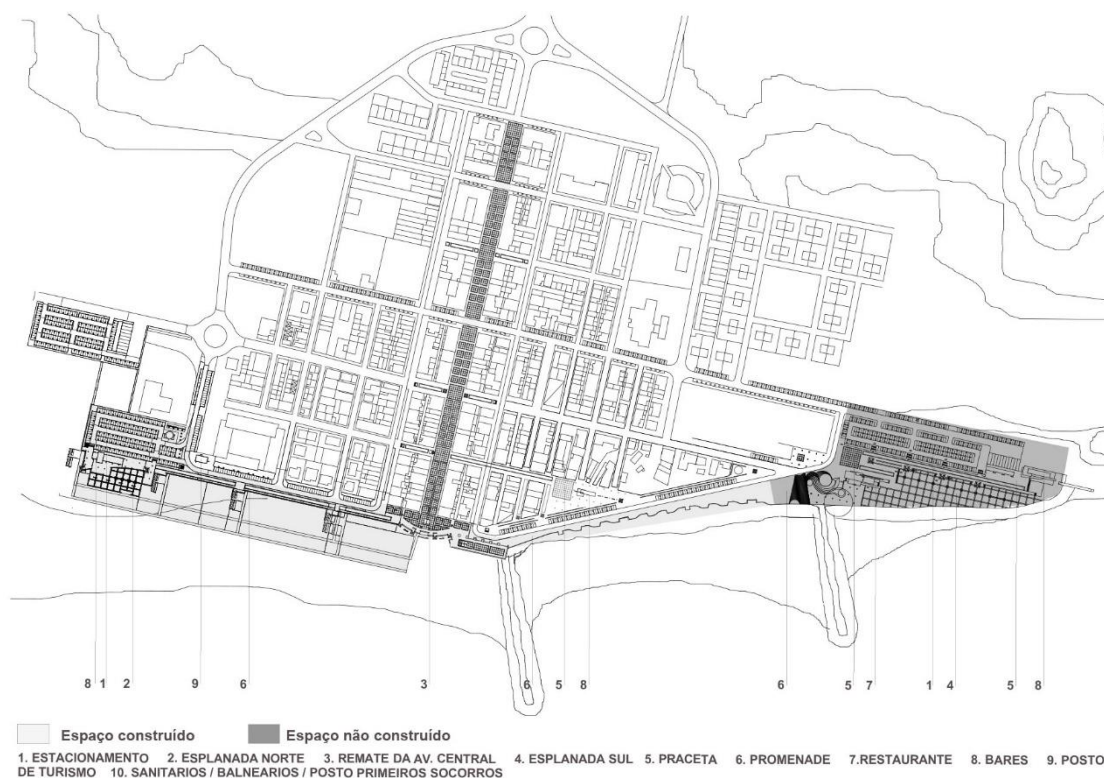
Os arquitetos Lopes da Costa e Philippe Berdet realizaram nos anos 80, um estudo no âmbito do trabalho final de Licenciatura, no qual demonstram que na Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto estavam localizados grande parte dos poucos serviços e equipamentos existentes na altura, referindo que pelo facto de não existirem grandes atrativos, a permanência nesta zona era principalmente sazonal, as pessoas frequentavam esta praia essencialmente ao fim de semana.¹⁵⁵

Na década de 90 foi implementado um plano urbanístico que reconverteu as avenidas fundamentais na dinâmica balnear, a Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto e a Avenida Infante D. Henrique. O projeto foi elaborado pelo atelier Lopes da Costa¹⁵⁶, consistindo na revalorização dos espaços, tanto a norte como a sul através da criação de estacionamento em ambas as zonas, espaços públicos, reconversão do passeio marítimo, e criação de apoios de praia ao longo da marginal. No entanto, apenas parte do projeto foi concretizado, não tendo sido construída parte da zona sul. Este projeto levou a

¹⁵⁴ O projeto da esplanada foi elaborado pelo Sr. Gil Caridade, tendo este vencido o concurso que visava a seleção de um projeto para esta frente marítima. A esplanada, já havia sido estudada pelo Arquiteto Aristeu Gonçalves, não tendo sido esta concretizada devido aos elevados custos que acarretava. Laranjeira, L. (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar, pp.106-107.

¹⁵⁵ Costa, J. L. d., & Berdet, P. (1984). *Entre Ria et Mer... De L'urbain aux Loisirs*. (Tese de Licenciatura), Unité Pédagogique D'Architecture de Bordeaux, França, p.45.

¹⁵⁶ Nessa mesma década, este atelier projetou também um plano para a zona entre o Carregal e o Furadouro.



145| Planta de reconversão da Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto e da Avenida Infante D. Henrique de 1993.



146| Vista sobre a zona norte da praia: Avenida Infante D. Henrique.



147| Furadouro Hotel Boutique & Spa e Pensão Avenida com vista sobre a Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto.

uma grande transformação na Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto, pois passou praticamente a ser apenas destinada ao peão através da implantação de mobiliário urbano, arborização e pavimentação em calcário em quase toda a sua extensão. Enquanto na Avenida Infante D. Henrique houve uma reconversão da zona norte através da criação de vários acessos à praia e construção de equipamentos de apoio; e uma extensão do passeio marítimo para sul acompanhado da construção de um apoio de praia, no entanto, o remate da zona sul não foi concretizado. (Imagem 145) Este projeto dos anos 90 foi fundamental para a zona balnear, tendo interligado as duas principais artérias, tornando esta zona de interligação no espaço mais relevante do passeio marítimo, para além de ter efetuado também uma extensão do passeio marítimo para sul, que unificou a frente marítima.

Atualmente as principais avenidas no Furadouro, continuam a ser a Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto e a Avenida Infante D. Henrique, onde estão concentrados os serviços, zonas de lazer e hotelaria. (Imagem 146) O Furadouro Boutique Hotel *Beach & Spa*¹⁵⁷, de 4 estrelas e a Pensão Avenida¹⁵⁸ (Imagem 147), representam a oferta hoteleira existente junto à praia, sendo a primeira unidade mais importante. Este hotel inaugurado em 2011, faz parte da frente urbana sobre a Avenida Infante D. Henrique, diferencia-se pela sua linguagem depurada, simplicidade volumétrica que apenas apresenta uma saliência que se estende em toda a fachada principal marcando as varandas, e pelos grandes envidraçados que compõem esta fachada. Apesar de contrastar com a maioria da construção existente na restante frente urbana, a cénica do edifício está em consonância com esta, fazendo com que o hotel não se torne um elemento em evidência. O Hotel contém 24 quartos duplos e 3 suítes, para além de restaurante, salas de tratamentos, spa, sauna e piscina interior. (Imagem 147)

¹⁵⁷ O Furadouro Boutique Hotel *Beach & Spa* encontra-se implantado no local do antigo Hotel Mar e Sol. Em 2013 foi galardoado com o prémio *Green Key: Hotéis portugueses amigos do ambiente*, por ter implementado diversas normas de sustentabilidade.

¹⁵⁸ A pensão Avenida foi fundada em 1975 tendo inicialmente sido designada de Pensão Residencial Snack-Bar e Restaurante (Amadeu). Lamy, A. S. (2001a). *Furadouro: uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro, p.39.



148| Planta atual do Furadouro.



149| Zona norte da praia do Furadouro junto ao passeio marítimo.



150| Zona sul da praia do Furadouro junto ao passeio marítimo.

4.5 | Reflexões sobre a zona balnear

O Furadouro atualmente é um polo da cidade de Ovar, habitado todo o ano, que ao longo dos séculos XIX e XX sofreu grandes transformações.

Esta localidade ganhou relevo como estância balnear a partir dos finais do século XIX quando foi construída a estrada que liga o Furadouro a Ovar. Após esta construção o Furadouro foi-se desenvolvendo significativamente, através da construção de novos equipamentos que foram surgindo para suprir as necessidades emergentes. Este desenvolvimento levou a que a Avenida Infante D. Henrique e a Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto ganhassem protagonismo na dinâmica balnear, que se mantém até aos dias de hoje. No entanto, não existe atualmente nesta estância um equipamento de especial relevo. (Imagem 148)

As novas construções proliferaram e traçaram uma nova imagem, pondo de parte os palheiros que no início daquele século reinavam a construção neste local, os vestígios destes estão praticamente extintos tanto a norte como a sul.

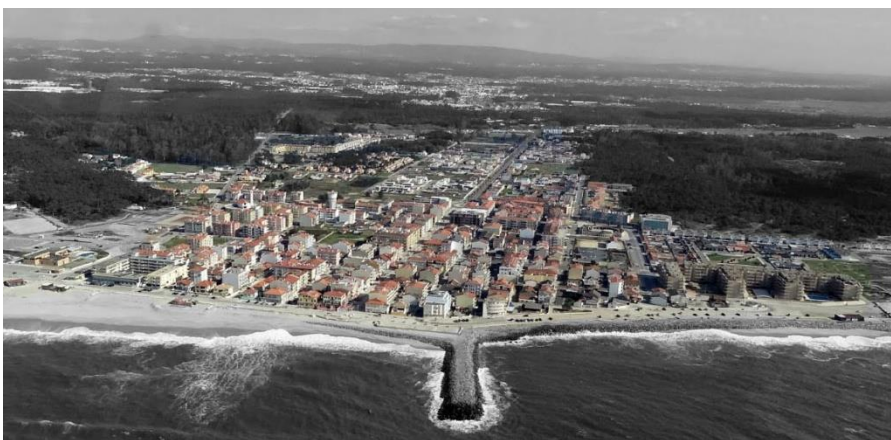
É possível constatar que a zona norte se desenvolveu a um ritmo mais acelerado do que a zona sul, como se pode verificar, por exemplo, pelas diferenças patentes entre a zona norte e a zona sul da frente marítima, sendo que a norte, o passeio marítimo se encontra mais bem definido, bem como a frente marítima; (Imagem 149) enquanto na zona sul não foram definidos os seus limites nem a frente urbana, o que está intimamente ligado ao desenvolvimento da zona norte como estância balnear. (Imagem 150) Contudo as diferenças entre as duas zonas vão sendo atenuadas, pois a construção implantou-se por todo o Furadouro misturando-se construção de caráter sazonal associada à zona balnear, habitação permanente e habitação dos pescadores, tendo contribuído também o passeio marítimo que permitiu interligar as duas zonas. Neste momento está a decorrer a reconversão do passeio marítimo na Avenida Infante D. Henrique na zona sul, estando este projeto a cargo do atelier Lopes da Costa - o mesmo que efetuou a reconversão nos anos 90 de parte da Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto e da Avenida Infante D. Henrique.



151 | Diferentes tipologias na Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto.



152 | Diferentes tipologias na Rua do Jornal Comércio do Porto.

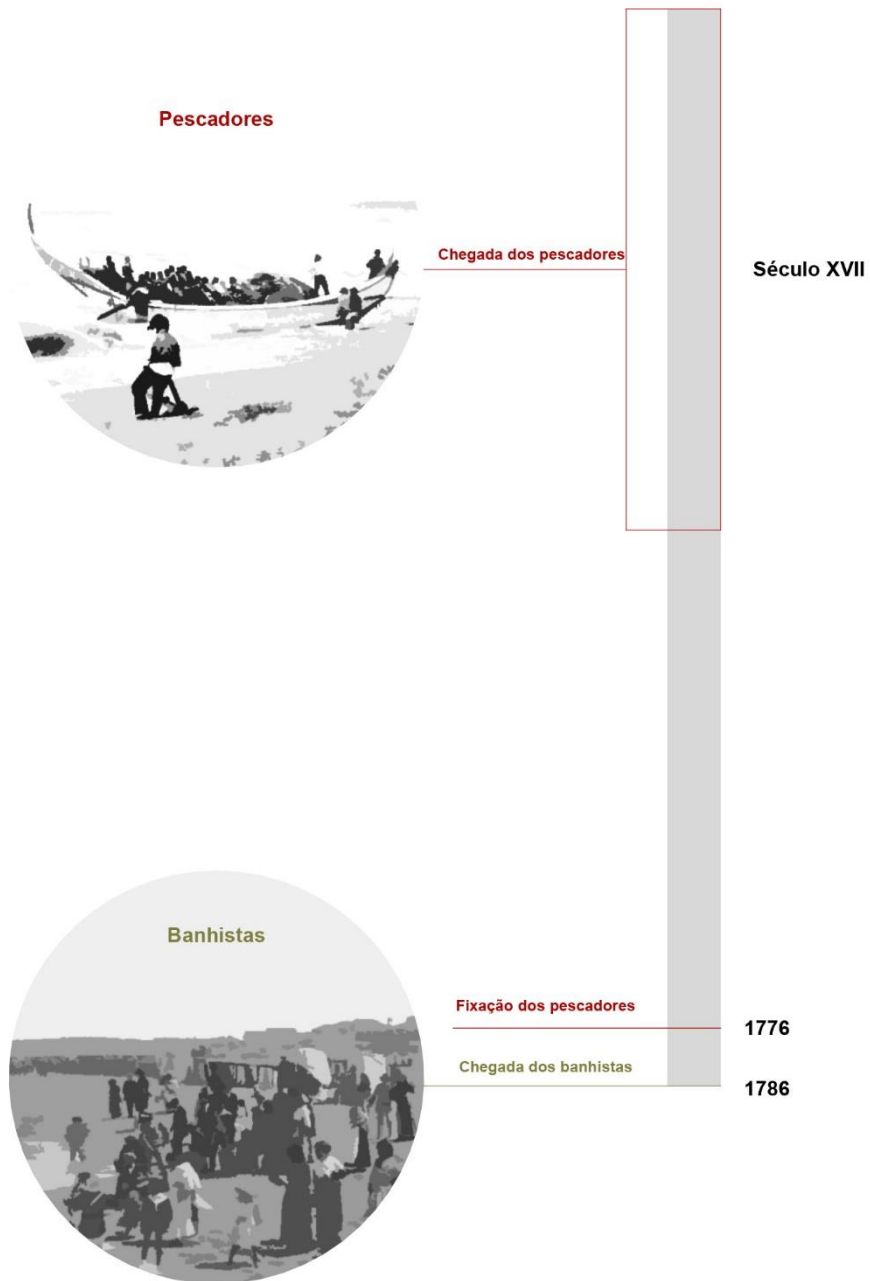


153 | Vista aérea atual do Furadouro.

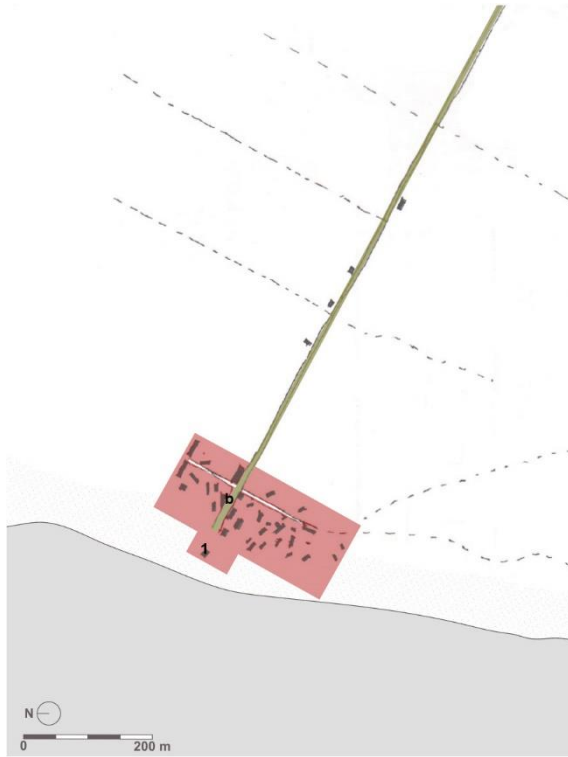
A malha ortogonal implementada no Furadouro ordena os espaços e torna-os para o cidadão mais permeáveis à utilização. Na análise da atual cartografia verifica-se que existe uma espécie de cintura formada pela Avenida Fernão Magalhães, Avenida dos Descobrimentos Epopeia Marítima e a Avenida Infante D. Henrique, nestas o traçado não é na sua totalidade ortogonal. Dentro desta cintura, a malha é densamente ocupada, principalmente a partir da Avenida da República, estando os quarteirões claramente definidos, no entanto apesar de ter havido um planeamento a nível estrutural do espaço urbano, o mesmo não aconteceu a nível do pormenor do espaço edificado em que as diferentes tipologias foram anexadas, transmitindo uma leitura heterogénea. (Imagens 151 e 152) Há semelhança da zona piscatória do Furadouro, também na zona balnear se verifica a existência de um sistema do tipo “*Arquitecturas com o tempo*”¹⁵⁹, tendo em conta que mesmo fora desta cintura em que o edificado se encontra mais disperso no terreno e mais afastado entre si, o tipo de crescimento e transformação do edificado continua a ser estruturado com base em eixos diretores, sendo que a construção foi crescendo e se transformando consoante as necessidades. (Imagem 153)

¹⁵⁹ Montaner, J. M. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, pp.107-110.

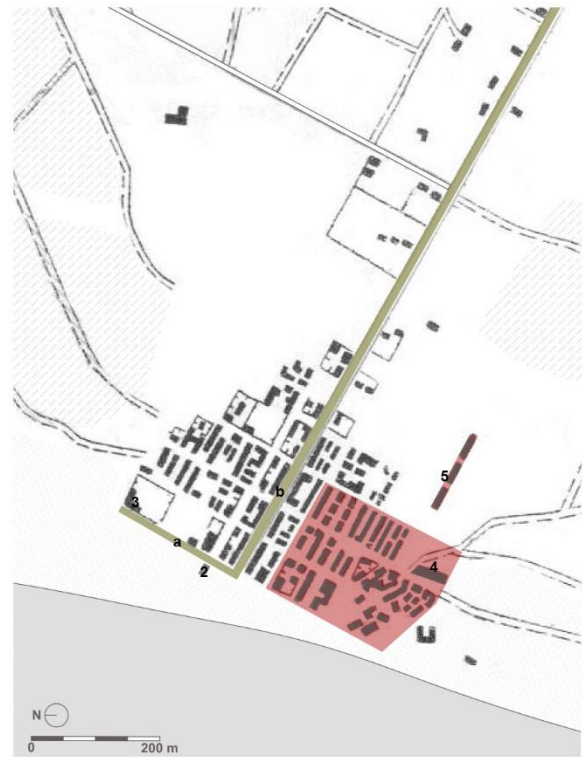
4.6 | Síntese gráfica das transformações urbanas



154 | Cronologia dos primeiros intervenientes na praia do Furadouro.



155 | Planta do Furadouro em 1900.



156 | Carta militar do Furadouro em 1948.



157 | Levantamento Fotogramétrico do Furadouro em 1968.

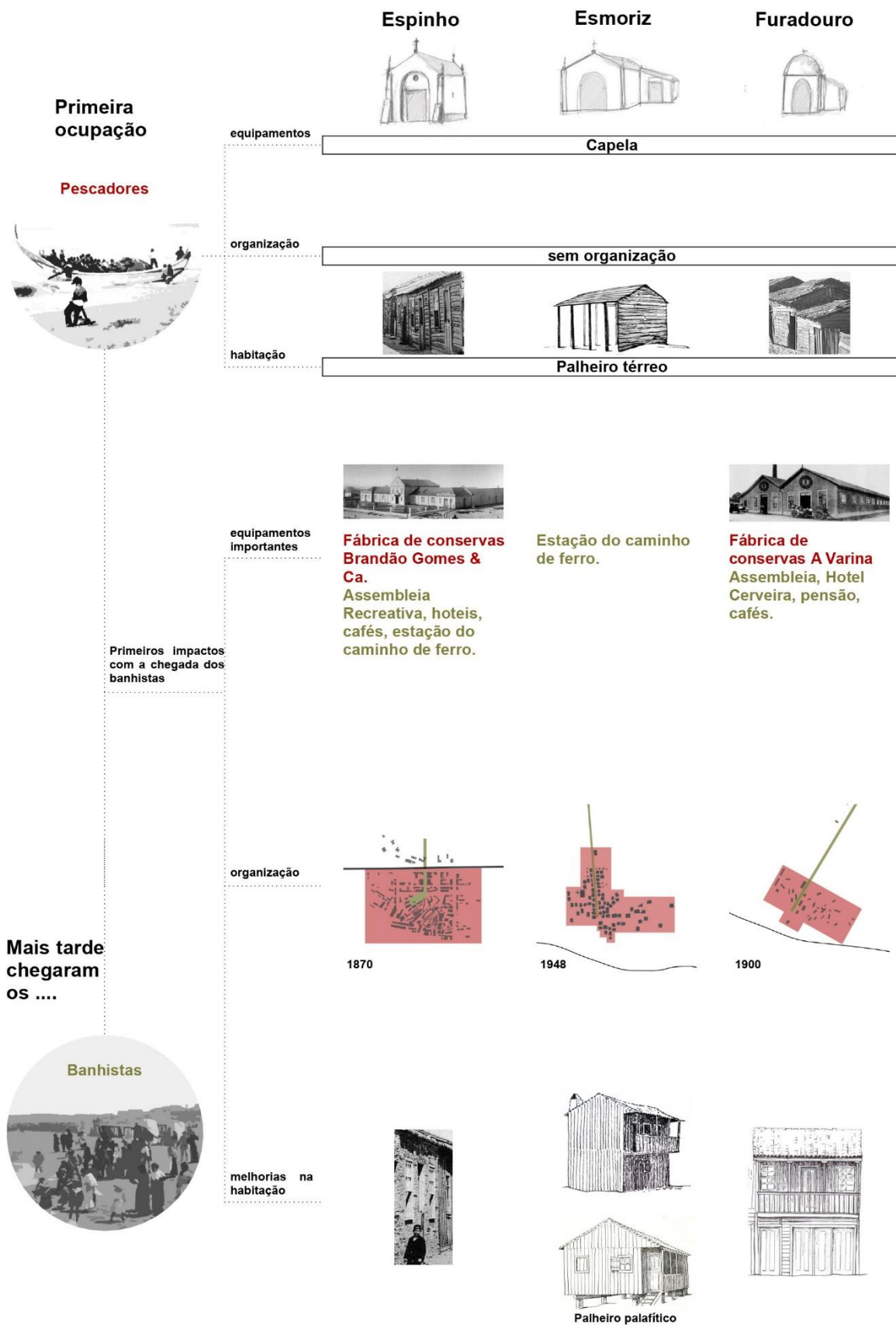


158 | Planta do Furadouro em 2014.

■ Artérias mais importantes da zona balnear

■ Marcação da distribuição dos pescadores

a- Avenida Infante D. Henrique b- Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto 1- Capela Senhor da Piedade (1766) 2-Capela Senhora do Livramento (1890)
 3-Hotel Mar e Sol (1948) 4- Centro Videiro (antiga fábrica de conservas "A Varina") 5-Habitação social (década de 40) 6- Igreja de S. Pedro (1968) 7- Parque de Campismo (1977) 8-Clube Desportivo 9-Jardim de Infância 10-Furadouro Boutique Hotel Beach & Spa 11- Pensão Avenida 12- Posto Médico 13- Centro de Formação Social 14- Escola nº1 do Furadouro 15- Mercado Municipal 16- Cool and sea beach house (2013) 17-Construções pré-fabricadas (década de 70) 18- Habitação Social (finais da década de 90, início do século XXI)



EPÍLOGO

Neste estudo foram analisadas três zonas costeiras geograficamente próximas que pertencem ao distrito de Aveiro - Espinho, Esmoriz e Furadouro. A ocupação inicial destas zonas processou-se de uma forma muito semelhante, apesar de ter sido realizada com um desfasamento temporal; o Furadouro foi a primeira zona a ser colonizada.

Os colonizadores destes locais foram os pescadores de Ovar, tendo sido impulsionados pelo trabalho na pesca; inicialmente permaneciam de forma sazonal e solitária na praia, construindo de forma dispersa os seus abrigos, contudo o desenvolvimento desta atividade levou a que se fixassem e trouxessem as suas famílias desenvolvendo a construção, tendo-se disseminado nestas zonas os precários palheiros térreos de pau-a-pique, que em alguns casos apenas dispunham de uma porta como abertura. Apesar de se ter fixado nestes locais esta população carecia de infraestruturas básicas, sendo que, inicialmente apenas existia como equipamento público uma pequena capela, que apresentava uma construção mais sofisticada comparativamente com os palheiros, e que dispunha de um pequeno largo. Espinho e o Furadouro foram dois importantes núcleos piscatórios, tendo a instalação nestas zonas de uma fábrica de conservas contribuído para o seu desenvolvimento, dada a importância que esta indústria tinha na atividade piscatória, destacando-se a fábrica de conservas em Espinho que foi considerada a maior da Península Ibérica. (Imagem 159)

A chegada dos banhistas, que se implantaram nos núcleos primitivos dos pescadores, processou-se nas três zonas de forma parecida, contudo teve impactos diferentes e gerou um desenvolvimento diferente. Muitos dos banhistas que afluíam a Espinho pertenciam à burguesia sendo mais exigentes dos que afluíam a Esmoriz e ao Furadouro que se tratavam de pessoas mais modestas. Apesar das diferenças entre os banhistas, estes possuíam diferentes hábitos culturais em relação aos pescadores e foram-se tornando cada vez mais exigentes procurando obter o conforto que dispunham nas suas origens, denotando-se desde logo uma dicotomia presente entre os hábitos das comunidades piscatórias e os dos banhistas. Os núcleos primitivos tiveram que se adaptar

aos novos hábitos e costumes mais requintados, tendo sido uma das primeiras medidas implementadas pelas autoridades o alinhamento dos arruamentos nestes territórios.

A Espinho afluíam muitos banhistas já nos finais do século XIX, tendo a proximidade da linha de comboio à praia contribuído de forma importante para esta afluência. Dada a forte afluência de banhistas houve necessidade de criar equipamentos e espaços públicos para o seu entretenimento fora do areal, com destaque para o jogo como forma de entretenimento, que era praticado inicialmente nos cafés e após a sua legalização no casino, conduzindo assim, a um rápido crescimento de Espinho que foi feito de uma forma organizada segundo uma malha ortogonal. Este crescimento deu-se essencialmente para nascente da linha de comboio, onde se iam implantando os novos frequentadores, num local mais resguardado das investidas do mar, pois aos poucos ia-se assistindo ao desaparecimento da construção do núcleo primitivo em consequência das investidas marítimas; o núcleo primitivo ia ficando desenquadrado com as novas práticas construtivas e com o novo ordenamento.

Enquanto o mar destruía as habitações do núcleo primitivo, as autoridades corriam em auxílio dos sinistrados, cedendo terrenos ou construindo habitações sociais na zona sul de Espinho, junto à fábrica de conservas. Os pescadores acabaram por se instalar naquela zona e durante décadas foram-se expandindo ainda mais para sul, tendo a linha do comboio servido de limite a nascente, saindo mesmo dos limites de Espinho, ocupando terrenos na fronteira, a norte de Silvalde. Apesar de a zona piscatória estar geograficamente próxima da zona balnear encontrava-se distante da dinâmica social existente na zona balnear, no entanto, o seu crescimento deu-se sobre a mesma malha ortogonal, atenuando a dicotomia existente entre as duas zonas, para esse efeito também contribuiu a extensão do passeio marítimo até Silvalde, que se concretizou no início deste século, sendo que este se encontra junto ao bairro.

Como acontece em Espinho, em Esmoriz também existe uma dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear, sendo que as diferenças são ainda mais evidentes. Um dos fatores que contribuiu para um desenvolvimento diferente foi o tipo de banhista, que em Esmoriz era mais modesto e oriundo das terras do interior, sendo a preferência por esta

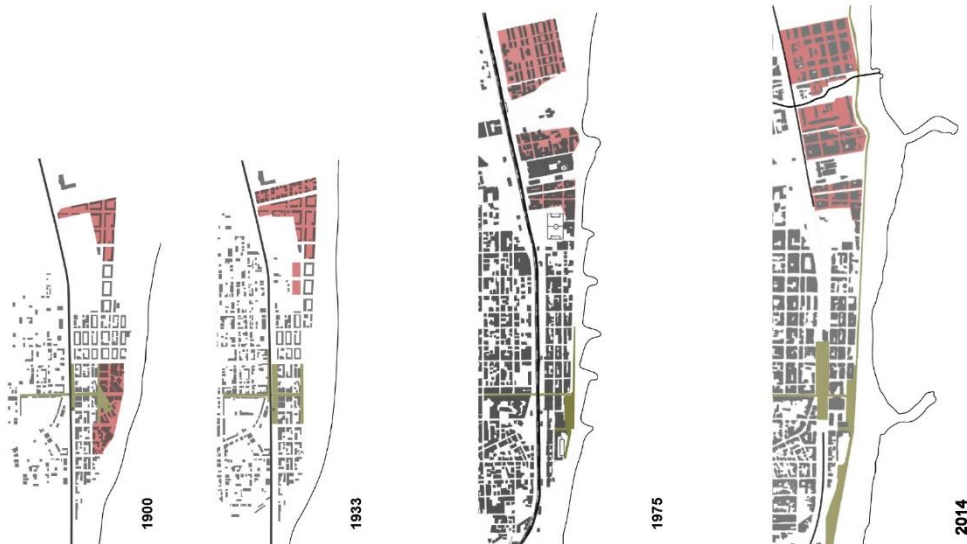
praia devida ao seu ambiente pacato, tendo havido neste caso uma convivência com os pescadores na zona sul da praia até à década de 50. Nessa altura desenvolveram-se as primeiras construções na zona norte, com destaque para os primeiros equipamentos na zona balnear, que promoveram uma dinâmica balnear sustentada pela existência do braço da Barrinha, que representava um forte atrativo para os banhistas. Contudo os equipamentos construídos e os acessos eram muito limitados e confinavam os banhistas ao espaço do areal. Apenas nos anos 90 é que esta zona de Esmoriz se desenvolveu verdadeiramente como zona balnear, tendo nesta altura havido um crescimento abrupto, proliferaram novas construções e foi atribuída mais importância a novos eixos principais que suportam ainda hoje a dinâmica balnear, no entanto, salienta-se que é limitada a quantidade de ícones de especial relevo na dinâmica balnear. Neste ponto existe uma diferença entre Esmoriz e Espinho, pois, em Espinho deu-se a deslocação da zona piscatória para sul, mantendo-se os principais eixos primários que ganharam ainda mais preponderância, ao passo que em Esmoriz a zona balnear é que foi deslocada, tendo por isso o eixo primitivo perdido importância em prol de novos eixos principais que vieram sustentar esta prática. O eixo primitivo acabou mesmo por se tornar num marco divisório entre a zona balnear e a zona piscatória, que se manteve junto à costa tendo-se expandido para sul. Verifica-se que a expansão da zona piscatória ocorreu sem qualquer organização nem controlo construtivo, tendo sido implementadas várias construções clandestinas, desenvolvendo-se este espaço pelo livre arbítrio de quem lá se estabeleceu, como se verifica pela heterogeneidade tipológica da construção.

A discrepância entre a zona da costa de Espinho e Esmoriz deve-se ao crescimento pouco estruturado da última, denotando-se a falta de um planeamento, de verbas e de projeção da localidade derivada da falta de dinâmica das autoridades e das entidades locais. Enquanto que em Espinho a proximidade da linha de comboio foi aproveitada para potenciar um rápido desenvolvimento desta estância, tendo sido criados equipamentos e espaços públicos que suprissem as necessidades dos banhistas, com destaque para ao longo da passagem de diferentes décadas, casinos, hotéis e cafés, entre outros equipamentos, diversificando os atrativos desta estância balnear para fora do areal; em Esmoriz não existiu esta diversificação, sendo escassos os equipamentos com destaque

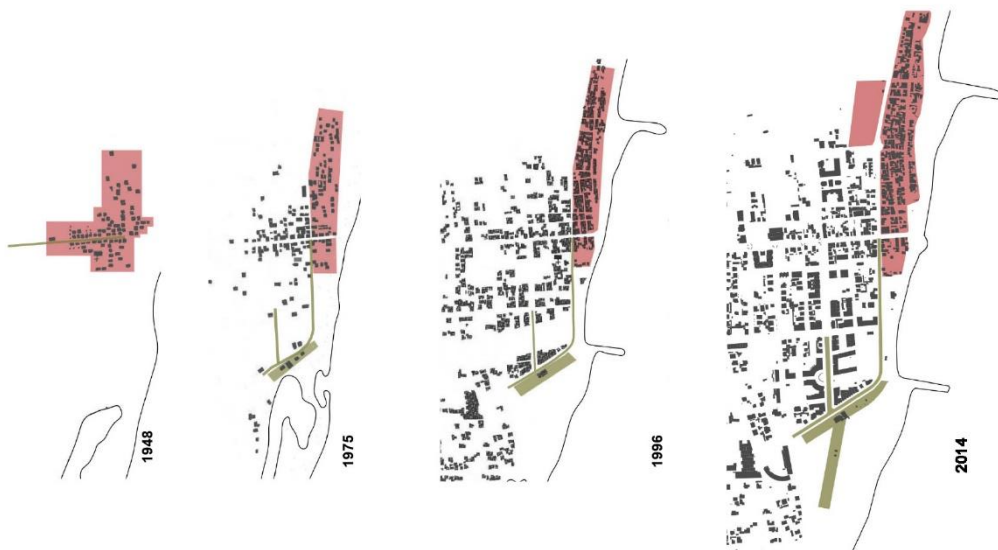
nesta praia, tendo inclusive sido amputado o grande atrativo da praia, que era o braço da Barrinha. É também de salientar que ao passo que em Espinho, na zona sul da praia proliferaram bairros sociais e a construção em madeira foi praticamente abandonada desde o início do século XX, em Esmoriz não existiu um controlo, nem uma forte intervenção por parte das autoridades sobre a zona piscatória, para além de a construção não ter tido um rápido desenvolvimento, existindo ainda nos dias de hoje alguns palheiros.

Relativamente à praia do Furadouro, verificou-se um crescimento progressivo e mais controlado, que fez com que as diferenças entre a zona piscatória e a zona balnear sejam mais atenuadas do que em Espinho e sobretudo Esmoriz. O Furadouro teve um desenvolvimento intermédio comparativamente com as outras duas zonas em estudo, tendo-se desenvolvido mais lentamente do que Espinho e de forma mais rápida do que Esmoriz. À semelhança do que aconteceu em Espinho, foi criada uma rigorosa malha ortogonal, que começou a ser implementada desde os finais século XIX após o grande incêndio de 1881, que devastou inúmeros palheiros. Apesar dos incêndios terem sido o grande móbil para a realização do ordenamento, o turismo balnear também desempenhou um papel de relevo, tendo levado ao desenvolvimento dos eixos principais, onde se concentraram os banhistas e os equipamentos de apoio a esta estância balnear, contudo, atualmente, não existe nenhum equipamento com destaque arquitetónico na dinâmica balnear, sendo que o conjunto de serviços e espaços se complementam. Esta praia apresentou alguma projeção turística, embora longe do que aconteceu em Espinho. Com o desenvolvimento balnear os pescadores foram deslocados para sul, contudo ficando próximos da zona balnear; a separação da zona piscatória e da zona balnear era considerada fundamental para o desenvolvimento pelas autoridades locais. Na zona sul acabaram por ser construídos bairros sociais para pescadores, mas também para pessoas carenciadas não ligadas à pesca. Estes bairros foram inseridos na malha ortogonal existente e foi exercido um controlo que impediu que as habitações sofressem alterações de grande relevância, mantendo a caracterização originalmente pensada, contudo muitas destas habitações foram vendidas, não estando associadas atualmente a pessoas carenciadas. Verifica-se que no bairro piscatório de Espinho e no bairro dos anos 40 do Furadouro, que foram edificados sensivelmente na mesma época e pela mesma entidade, apresentam uma

Espinho



Esmoriz



Furadouro



160| Síntese gráfica da ocupação da zona piscatória e da zona balnear em Espinho, Esmoriz e Furadouro, ao longo de diferentes datas.

semelhança entre as fachadas, no entanto, em Espinho não existiu este controlo, tendo levado a que as habitações tivessem sido descaracterizadas face ao desenho primitivo. O controlo implementado nos bairros do Furadouro, aliado à proliferação da construção que se expandiu rodeando estes bairros, levou à sua integração no território. Atualmente a habitação dos pescadores não está concentrada nestes bairros, encontrando-se dispersa essencialmente pela zona sul, sendo que praticamente já não existem vestígios dos palheiros que eram abundantes ainda na década de 80, passando a estar diluída por entre a restante malha urbana, o que não acontece nos outros casos de estudo, em que a zona piscatória se encontra bem demarcada.

Apesar da diferença entre o desenvolvimento nas três zonas, estas apresentam semelhanças no tipo de apropriação do espaço das construções urbanas. A construção foi crescendo segundo uma malha urbana predefinida, no entanto, no interior dessa estrutura as construções foram-se apropriando dos espaços disponíveis independentemente das suas diferenças tipológicas, consoante as necessidades e os interesses económicos, denotando-se uma falta de controlo do edificado construído. Este facto verificado nas três zonas de estudo remete para um sistema arquitetónico do tipo *“Arquitetura com o tempo”*¹⁶⁰, destoando apenas o bairro piscatório de Esmoriz em que o sistema presente se assemelha ao tipo *“Rizoma”*¹⁶¹, dado o seu crescimento espontâneo, sem uma malha predefinida.

De uma forma sumária, foi possível constatar que existiu um desenvolvimento diferenciado nas três zonas de estudo que influenciou a dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear nos três casos de estudo. Em Espinho verifica-se a existência de uma dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear que tem sido atenuada face aos melhoramentos efetuados; em Esmoriz essa dicotomia também se verifica, contudo nesta cidade as discrepâncias são bastante mais pronunciadas; enquanto que no Furadouro essa dicotomia praticamente não existe. (Imagem 160)

¹⁶⁰ Montaner, J. M. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, pp.107-110.

¹⁶¹ Ibidem, pp.182-188.

A dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear verificou-se nos hábitos culturais e na construção realizada, tendo-se confirmado que mesmo que disponham do mesmo espaço, o tipo de apropriação é diferente. Nas zonas piscatórias verificou-se que apesar dos melhoramentos em muitas construções, assemelhando-se aos métodos construtivos das zonas balneares, as vivências nestas zonas continuam a ser diferentes. “Afirma-se assim que a Arquitectura e o Urbanismo influenciam a sociedade mas não a mudam na sua estrutura;” (Portas, 2008, p. 25), sendo que “A forma espacial, comunicando o seu significado, propõe antes uma qualidade aos comportamentos mas, por si só, não os determina” (Portas, 2008, p. 50) Contudo, verificou-se que apesar das diferenças culturais enraizadas na zona piscatória e na zona balnear, estas podem ter relações diferentes dependendo do tipo de estruturação urbana e trabalho social desenvolvido pelas autoridades locais, que poderão atenuar as discrepâncias; um trabalho iniciado, em transformação, mas ainda não concluído. Fernando Távora, no seu livro «Da organização do espaço», faz uma descrição que espelha muito bem esta realidade.

A organização harmónica do espaço, dada a infinidade de factores que nela incidem e o número de agentes que nela participam, escapa-se ao controle como bola de mercúrio e se não existir uma aguda consciência, individual e colectiva, da sua importância, pouco se obterá com o controle por mais eficiente que este se apresente. (Távora, 2006, p. 70)

BIBLIOGRAFIA

- Amorim, P. A.** (1986). *Esmoriz e a sua história*. Esmoriz: Comissão de Melhoramentos.
- Ascher, F.** (2012). *Novos princípios do urbanismo ; seguido de Novos compromissos urbanos: um léxico* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Brandão, R.** (1990). *Os pescadores*. Porto: Porto Editora.
- Chaves, M. A.** (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento.
- Faustino, A.** (1995). *N.ª Sr.ª do Mar - Bairro Piscatório de Espinho*. Espinho: Comissão de Festas de 1995.
- Ferreira, J. S.** (1959). O escoamento da Barrinha e o avanço do mar *Guia Turístico comercial e industrial de Ovar*. Porto: Tip. Soc. De Papelaria.
- Ferreira, J. S.** (1969). A praia de Esmoriz e o seu desenvolvimento.
- Ferreira, J. S.** (s.d.). *Avenida Cinco*.
- Gaio, C. M.** (1990). *A génese de Espinho: histórias e postais*. Porto: Campo das Letras.
- Lamy, A. S.** (2001a). *Furadouro: uma terra com passado e com futuro...* Ovar: Comissão de Melhoramentos do Furadouro.
- Laranjeira, L.** (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar.
- Lopes, H., & Lopes, P. N.** (1995). *A Safra*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Melo, B.** (1997). *Desenvolvimento Integrado do Bairro Piscatório da Praia de Esmoriz: Marés Vivas - Galgar os Limites do Quotidiano*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar.
- Montaner, J. M.** (2002). *As Formas do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Montaner, J. M.** (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Neves, J. d. O.** (2009). *A Pesca no Furadouro (1800-1955)*. Ovar: Tipografia Ideal Ovarense, Lda.

- Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964).** *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.
- Oliveira, M. d. (2007).** *O Furadouro e a sua História Antiga*. Ovar: Museu de Ovar.
- Pereira, Á. (1970).** *Espinho: Monografia*. Santa Maria de Lamas: Rios & Irmão.
- Portas, N. (2008).** *A arquitectura para hoje; seguido de evolução da arquitetura moderna em Portugal (2ª ed.)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quinta, J. (1999).** *Espinho*. Espinho: João Quinta.
- Ramalho, O., & Pimentel, E. (1876).** *As Praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*. Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz.
- Rodrigues, R. (1959).** *A praia do Furadouro Guia Turístico comercial e industrial de Ovar*. Porto: Tip. Soc. De Papelaria.
- Sarmiento, C. (2008).** *Cultura Popular Portuguesa: Práticas, Discursos e Representações*. Porto: Edições Afrontamento.
- Távora, F. (2006).** *Da organização do espaço (7ª ed.)*. Porto: Faup D.L.
- Venturi, R., Brown, D. S., & Izenour, S. (1977).** *Learning from Las Vegas*. Cambridge, Massachusetts, and London, England: The MIT Press

Artigos periódicos

- Amorim, I. (2001).** Relações de trabalho e gestão pesqueira nos séculos XVIII e XIX - a pesca da xávega na praia do Furadouro (Costa de Aveiro). *Revista de História Económica e Social*, 2, 75-111.
- Bebiano, A. C. (2002).** Palheiros de Esmoriz e Cortegaça. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*, 2, 45-52.
- Bebiano, A. C. (2007).** Interpretação e ecossistemas Urbanos: o caso de Esmoriz. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*, 7, 123-140.

- Dias, J. A.** (2005). Evolução da zona costeira portuguesa: forçamentos antrópicos e naturais. *Encontros científicos – Turismo, Gestão, Fiscalidade*(1), 8-28.
- Ferreira, C. L.** (2014). Parecer Técnico sobre o impacto de temporais e opções de intervenção no litoral no Concelho de Ovar (pp. 1-30). Faro.
- Ferreira, V. S.** (1986). A praia de Esmoriz em 1912. *A voz de Esmoriz* (526-527).
- Freitas, J.** (2007). O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. *Revista da Gestão Costeira Integrada*, 7 (2), 105-115.
- Lobo, S.** (2012b). O corpo na praia: a cultura balnear em Portugal no século XX. *Revista de História das ideias*, 33, 261-276.
- Martins, R.** (2006, Novembro). O caminho-de-ferro: veio estruturante da evolução Socio-Urbana entre Porto e Aveiro, em exemplo Espinho e Ovar. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*, 6, 57-74.
- Portas, N.** (1991). Crítica do urbanismo; O desenho urbano em situações de costa. *Sociedade e território: revista de estudos urbanos e regionais* (13), 91-94.
- Ramos, R., & Silva, P.** (2013). Comunidades Piscatórias: do legado da arquitetura popular às estratégias habitacionais do Estado Novo. Relatório apresentado no Colóquio Internacional Arquitectura Popular, Arcos de Valdevez.
- Sousa, A. C.** (2003). Evolução da linha de costa na Barrinha de Esmoriz e Zona costeira adjacente. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar* (3), 49-64.
- Tavares, D.** (2012). Um chalet sobre a duna. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar* (12), 25-34.
- Tostões, A.** (s.d.). Construção moderna: as grandes mudanças do século XX 1-35. Disponível em http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf

Trabalhos académicos

- Campos, M. A.** (2001). *Do redimensionar: do realojamento: bairro piscatório, Esmoriz, Cortegaça.* (Prova Final), Faculdade de Arquitetura-Universidade do Porto, Portugal.
- Costa, J. L. d., & Berdet, P.** (1984). *Entre Ria et Mer... De L'urbain aux Loisirs.* (Tese de Licenciatura), Unité Pedagogique D'Architecture de Bordeaux, França.
- Costa, J. R.** (2000). *Um olhar sobre Ovar.* (Prova Final de Licenciatura), Departamento de Arquitetura- Faculdade de Ciências e Tecnologias -Universidade de Coimbra, Portugal.
- Costa, S.** (1995). *Cidades de Malha Reticulada - Espinho como referência.* (Prova Final de Licenciatura), Departamento de Arquitetura – Faculdade de Ciências e Tecnologias - Universidade de Coimbra, Portugal.
- Freitas, J.** (2010). *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990).* (Tese de Doutoramento), Departamento de História - Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa, Portugal.
- Lobo, S.** (2012a). *Arquitetura e turismo: planos e projectos: as cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª República à democracia.* (Tese de doutoramento), Departamento de Arquitetura - Faculdade de Ciências e Tecnologias - Universidade de Coimbra, Portugal.
- Nogueira, M.** (1998). *Urbanismo marginal em faixas costeiras: Contributo para o Planeamento e Gestão do Litoral de Paramos e Esmoriz.* (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Arquitetura- Universidade do Porto, Portugal.
- Pinto, D. P. V.** (2011). *O turismo em Ovar entre 1945 e 1960.* (Dissertação de Mestrado em História Contemporânea), Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais- Faculdade de Letras- Universidade do Porto.

Webgrafia

- A praia lúdica** (n.d.) Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/a-praia-ludica/>
- A praia terapêutica** (n.d.) Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/a-praia-terapeutica/>
- A vilegiatura marítima** (n.d.) Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/a-vilegiatura-maritima/>
- Banheiros** (n.d.) Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/banheiros/>
- Câmara Municipal de Ovar.** Acedido Março, 2015, em <https://www.cm-ovar.pt/www/default.aspx>
- Conjunto habitacional da praia de Esmoriz** (2011). Anteprojectos. Acedido Abril 20, 2015, em <http://www.anteprojectos.com.pt/2011/12/19/conjunto-habitacional-da-praia-de-esmori/>.
- Espaços de sociabilização** (n.d.) Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/espacos-de-sociabilizacao/>
- Gaio**, Carlos (n.d.). A Colónia Piscatória [em linha]. Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/a-colonia-piscatoria/>

- Gaio**, Carlos (n.d.). A criação da freguesia [em linha]. Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/a-criacao-da-freguesia/>
- Gaio**, Carlos (n.d.). A estância balnear [em linha]. Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/a-estancia-balnear/>
- Gaio**, Carlos (n.d.). A fase de afirmação [em linha]. Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/a-fase-da-afirmacao/>
- Gaio**, Carlos (n.d.). Um percurso singular [em linha]. Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/um-percurso-singular/>
- Moda balnear** (n.d.) Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/moda-balnear/>
- Os veraneantes** (n.d.) Câmara Municipal de Espinho. Acedido Janeiro 5, 2015, em <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/os-veraneantes/>

FONTES DE IMAGENS

- 1| Desenho da autora desta dissertação. **10**
- 2| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de:
Mattoso, J. (1993). *A terra de Santa Maria na Idade Média: limites geográficos e identidade peculiar*. Santa Maria da Feira: Comissão de Vigilância do Castelo de Santa Maria da Feira, p.60 **12**
- 3| Laranjeira, L. (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar, p.457. **16**
- 4| Laranjeira, L. (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar, p.458. **16**
- 5| Laranjeira, L. (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar, p.407. **16**
- 6| Laranjeira, L. (1984). *O Furadouro: o povoado, o homem e o mar*. Ovar: Edição da Câmara Municipal de Ovar, p.499. **16**
- 7| Lopes, H., & Lopes, P. N. (1995). *A Safra*. Lisboa: Livros Horizonte, p.19. **18**
- 8| Alexandre Seixas.
Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento, p. 162. **18**
- 9| Figueiro, J., & Pinto, F. (2012). *Lobos do Mar : Furadouro, Ovar-Portugal*. Ovar. **20**
- 10| Figueiro, J., & Pinto, F. (2012). *Lobos do Mar : Furadouro, Ovar-Portugal*. Ovar. **20**
- 11| Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento, p. 23. **22**
- 12| http://www.prof2000.pt/users/Avcultur/Postais2/Espinho3/116_Espinho.jpg. **22**
- 13| Emílio Biel & C.
http://www.prof2000.pt/users/Avcultur/Postais2/EspinhoPostais/025_Espinho.jpg **24**
- 14| Emílio Biel & C.
http://www.prof2000.pt/users/Avcultur/Postais2/EspinhoPostais/040_Espinho.jpg **26**
- 15| http://www.prof2000.pt/users/Avcultur/Postais2/EspinhoPostais/066_Espinho.jpg **26**
- 16| <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/boletim07/page05.htm> **28**
- 17| Pereira, Á. (1970). *Espinho: Monografia*. Santa Maria de Lamas: Rios & Irmão, p.12. **32**
- 18| Alberto Ferreira
http://www.prof2000.pt/users/Avcultur/Postais2/Espinho3/191_Espinho.jpg **34**
- 19| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1870; original realizada pelo engenheiro José Coelho Bandeira de Melo e cedida pela Câmara Municipal de Espinho. **34**

20 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1900; original realizada pelo engenheiro Júlio de Bandeira Neiva e cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	36
21 Joaquim de Sequeira Lopes. http://www.prof2000.pt/users/Avcultur/Postais2/EspinhoPostais/082_Espinho.jpg	36
22 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1933 cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	38
23 Faustino, A. (1995). <i>N.ª Sr.ª do Mar - Bairro Piscatório de Espinho</i> . Espinho: Comissão de Festas de 1995, p.22.	38
24 Adaptação realizada autora desta dissertação tomando como base a planta retirada de: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29423	40
25 Desenho da autora desta dissertação.	40
26 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	42
27 Fotografia da autora desta dissertação.	42
28 Fotografia da autora desta dissertação.	42
29 Fotografia da autora desta dissertação.	42
30 Fotografia da autora desta dissertação.	44
31 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	44
32 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	46
33 Fotografia da autora desta dissertação.	46
34 Fotografia da autora desta dissertação.	46
35 Fotografias da autora desta dissertação.	48
36 Fotografia da autora desta dissertação.	48
37 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1870; original realizada pelo engenheiro José Coelho Bandeira de Melo e cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	50
38 Emílio Biel & C. http://www.prof2000.pt/users/Avcultur/Postais2/EspinhoPostais/030_Espinho.jpg	50
39 Joaquim Lopes. http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais4/EspinhoPost16.htm	52
40 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1900; original realizada pelo engenheiro Júlio de Bandeira Neiva e cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	52
41 http://www.prof2000.pt/users/Avcultur/Postais2/EspinhoPostais/065_Espinho.jpg	52
42 http://www.numismatas.com/phpBB3/viewtopic.php?f=119&t=13509	52

43 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base o bilhete postal retirado de: http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/EspinhoPostais/008_Espinho.jpg	54
44 http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=431694&page=8	54
45 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1933 cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	54
46 Evaristo. http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Espinho4/209_Espinho.jpg	54
47 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia de Evaristo retirada de: http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Espinho4/229_Espinho.jpg	56
48 Henrique de Oliviera. http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/Espinho/Espin015.jpg	56
49 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base na carta militar de Espinho de 1975 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar.	56
50 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=431694	56
51 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	58
52 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia de José João Roseira retirada de: http://www.panoramio.com/photo/29265648	58
53 Isabel Aires e José Cid. http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=431694	58
54 Isabel Aires e José Cid. http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=431694	58
55 Fotografia da autora desta dissertação.	60
56 http://www.spbiomecanica.com/congresso/5/?pag=localizacao	60
57 Fotografia da autora desta dissertação.	62
58 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	64
59 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1933 cedida pela Câmara Municipal de Espinho.	64
60 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de: http://paginas.fe.up.pt/~ecrobotica2014/index.php/about-porto#prettyPhoto[onN6I]/2/	66
61 Fotografia da autora desta dissertação.	66
62 Fotografia da autora desta dissertação.	66
63 Cronologia realizada pela autora desta dissertação.	69

- 64| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1900; original realizada pelo engenheiro Júlio de Bandeira Neiva e cedida pela Câmara Municipal de Espinho. **71**
- 65| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 1933 cedida pela Câmara Municipal de Espinho. **71**
- 66| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base na carta militar de Espinho de 1975 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar. **71**
- 67| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Espinho de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Espinho. **71**
- 68| http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/1907_Praia_Esmoriz.jpg **72**
- 69| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Esmoriz de 1902 cedida pelo Museu Júlio Dinis em Ovar. **74**
- 70| http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/1966_Palheiro_Esmoriz.jpg **74**
- 71| <http://cusquicesdeesmoriz.blogspot.pt/2013/07/vista-aerea-sobre-cidade-do-verao.html> **76**
- 72| Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.23. **78**
- 73| <http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/capela%20da%20Praia.jpg> **78**
- 74| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de: http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/1939_%20Capela%20Praia_Esmoriz.jpg **78**
- 75| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de: Bebiano, A. C. (Julho 2002). Palheiros de Esmoriz e Cortegaça. *Dunas- temas & perspectivas, Revista anual sobre cultura e património da região de Ovar*(2), 45-52, p.48. **80**
- 76| Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.28. **80**
- 77| http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/1907_Praia_Esmoriz2.jpg **82**
- 78| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de: Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.23. **82**
- 79| <http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/1942-palheiros%20mandados%20construir%20pela%20autoridade%20mar%C3%ADtima.jpg> **82**
- 80| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base as cartas militares de Esmoriz de 1975 e 1966 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar. **84**

81 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Esmoriz de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar.	86
82 http://www.anteprojectos.com.pt/2011/12/19/conjunto-habitacional-da-praia-de-esmori/	86
83 http://www.anteprojectos.com.pt/2011/12/19/conjunto-habitacional-da-praia-de-esmori/	86
84 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base: Planta de Esmoriz de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar.	
Campos, M. A. (2001). Do redimensionar: do realojamento: bairro piscatório, Esmoriz, Cortegaça. (Prova Final), Faculdade de Arquitetura-Universidade do Porto, Portugal, p.22.	
Nogueira, M. (1998). Urbanismo marginal em faixas costeiras: Contributo para o Planeamento e Gestão do Litoral de Paramos e Esmoriz. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Arquitetura- Universidade do Porto, Portugal, p.86.	88
85 Fotografia da autora desta dissertação.	88
86 Fotografias da autora desta dissertação.	90
87 Marília Freitas. http://rr.sapo.pt/o-meu-quintal-e-o-mar/default.html	90
88 Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). <i>Palheiros do litoral central português</i> . Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p.27.	92
89 http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/1942_%20Barri nha%20_%20Esmoriz2.jpg	92
90 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a carta militar de Esmoriz de 1948 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar.	94
91 http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/1964_%20Barri nha%20_%20Esmoriz1.jpg	94
92 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de: http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/praias7.jpg	94
93 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Esmoriz de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar.	96
94 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base as cartas militares de Esmoriz de 1975 e 1996 cedidas pela Biblioteca Municipal de Ovar.	96
95 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Esmoriz de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar.	96
96 http://www.prof2000.pt/users/eb23fespan/imagens/FOTOS%20ANTIGAS%20ESMORIZ/1964_%20Barri nha%20_%20Esmoriz.jpg	96
97 Fotografias da autora desta dissertação.	98
98 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Esmoriz de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar.	98

99 Fotografia da autora desta dissertação.	98
100 Fotografia da autora desta dissertação.	100
101 Fotografia da autora desta dissertação.	100
102 Fotografia da autora desta dissertação.	100
103 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Esmoriz de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar.	102
104 Fotografia da autora desta dissertação.	102
105 Fotografias da autora desta dissertação.	102
106 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de: http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2013/04/praiade-esmoriz.html	104
107 Cronologia realizada pela autora desta dissertação.	107
108 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a carta militar de Esmoriz de 1948 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar.	109
109 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a carta militar de Esmoriz de 1975 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar.	109
110 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a carta militar de Esmoriz de 1996 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar.	109
111 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta de Esmoriz de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar.	109
112 http://fotos.sapo.pt/cachinare/fotos/furadouro-pescadores_sardinha/?uid=ZwmKmYa1DFi5o7EdNoBu	110
113 Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta dos areais do Furadouro de 1904 cedida pelo Museu Júlio Dinis.	112
114 http://artigosjornaljoaosemana.blogspot.pt/2013/03/fabrica-de-conservas-varina.html	114
115. Ramos & Camarão. Chaves, M. A. (2008). <i>Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar</i> . Porto: Afrontamento, p.31.	116
116 Jacinto Santos Cunha. Chaves, M. A. (2008). <i>Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar</i> . Porto: Afrontamento, p.40.	116
117 Carlos Alberto Costa. Neves, J. d. O. (2009). <i>A Pesca no Furadouro (1800-1955)</i> . Ovar: Tipografia Ideal Ovarense, Lda, p.88.	116
118 Chaves, M. A. (2008). <i>Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar</i> . Porto: Afrontamento, p.24.	118

- 119| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a imagem retirada de:
Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento,
p.27. **118**
- 120| Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto:
Afrontamento, p.47. **118**
- 121| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de:
Oliveira, E. V. d., & Galhano, F. (1964). *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta
Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, pp.32-34. **120**
- 122| Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto:
Afrontamento, p.23. **122**
- 123| Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto:
Afrontamento, p.31. **122**
- 124| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta do Furadouro de
2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar. **124**
- 125| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base:
A carta militar do Furadouro de 1948 e a planta de 2014 cedidas pela Câmara Municipal de Ovar.
Fotografia da autora desta dissertação. **124**
- 126| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a carta militar do Furadouro
de 1975 e a planta de 2014 cedidas pela Câmara Municipal de Ovar. **124**
- 127| Fotografia da autora desta dissertação. **124**
- 128| Fotografias da autora desta dissertação. **126**
- 129| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base:
A planta do Furadouro de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar.
Fotografia da autora desta dissertação. **126**
- 130| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta do Furadouro de
2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar. **128**
- 131| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de:
<http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2013/06/praiadofuradouro.html> **128**
- 132| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de:
Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento,
p.52. **130**
- 133| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base as fotografias retiradas de:
Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento,
pp. 50-51. **130**
- 134| Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto:
Afrontamento, p.14. **132**

- 135| Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento, p.31. **134**
- 136| Arquivo da Biblioteca Municipal de Ovar **134**
- 137| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a carta militar do Furadouro de 1948 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar. **136**
- 138| Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento, p.39. **136**
- 139| Arquivo da Biblioteca Municipal de Ovar **136**
- 140| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia de Mário Almeida retirada de: Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento, p.38. **138**
- 141| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia de Fernando Magalhães retirada de: Chaves, M. A. (2008). *Do mar e da terra: Palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*. Porto: Afrontamento, p.160. **138**
- 142| <http://artigosjornaljoaosemana.blogspot.pt/2010/01/hotel-mar-e-sol-do-furadouro.html> **138**
- 143| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como a planta do Furadouro de 1968 cedida pelo Museu Júlio Dinis. **140**
- 144| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia de Jacinto Oliveira retirada de: <http://praiadofuradouro.host22.com/web%20foto%20vista%20do%20hotel.htm> **140**
- 145| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como a planta elaborada em 1993 pelo atelier Lopes da Costa cedida pelo Atelier Lopes da Costa. **142**
- 146| Fotografia da autora desta dissertação. **142**
- 147| Fotografias da autora desta dissertação. **142**
- 148| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta do Furadouro de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar. **144**
- 149| Fotografia da autora desta dissertação. **144**
- 150| Fotografia da autora desta dissertação. **144**
- 151| Fotografia da autora desta dissertação. **146**
- 152| Fotografia da autora desta dissertação. **146**
- 153| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a fotografia retirada de: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2013/06/praiadofuradouro.html> **146**
- 154| Cronologia realizada pela autora desta dissertação. **149**
- 155| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta do Furadouro de 1900. Costa, J. L. d., & Berdet, P. (1984). *Entre Ria et Mer... De L'urbain aux Loisirs*. (Tese de Licenciatura), Unité Pedagogique D'Architecture de Bordeaux, França, p.50. **151**

- 156| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a carta militar do Furadouro de 1948 cedida pela Biblioteca Municipal de Ovar. **151**
- 157| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como a planta do Furadouro de 1968 cedida pelo Museu Júlio Dinis. **151**
- 158| Adaptação realizada pela autora desta dissertação tomando como base a planta do Furadouro de 2014 cedida pela Câmara Municipal de Ovar. **151**
- 159| Esquema realizado pela autora desta dissertação. **152**
- 160| Esquema realizado pela autora desta dissertação. **160**